

Pedro Nunes Filho

Mulhao-Sereno

terra não revelada



A sina dos livros

Mundo-Sertão é livro que fala de pessoas simples e de acontecimentos singulares, sem cair no banal.

Separe! O que é simples exige labor mental para ser enxergado porque se oculta nas dobras do invisível. O singular não se repete, nem habita lugares comuns. Banal é o que já se apresenta de portas abertas. Desvendado e exposto, dispensa o ato ou esforço mental de compreender.

Os personagens de Pedro Nunes são um misto de realidade e ficção. Possuem linguagem que revela o mundo onde nasceram e viveram. Suas falas aproximam o leitor do Mundo-Sertão. O que seria de um escritor não fosse o dom de brincar com palavras? Recompor modos de falar é adquirir domínio sobre o passado. O linguajar do autor é saboroso e nostálgico; tem perfume de outrora. Caminhar com o leitor no tempo exige técnica, recomposição de falas e dizeres, modos e estilos; descrição de tipos, ambientes e paisagens. Para transportar o leitor para seu mundo, Pedro faz tudo isso.

Leia com os olhos e também com os ouvidos. Dê espaço à imaginação. Guarde o que existe além da leitura.

Mundo-Sertão não é livro para repousar em fundo de gaveta. Menos ainda para enfeitar estante. São cantos e contos para serem lidos, relidos e passados à frente a pessoas de sua estima.

Não se trata de obra perfeita. O autor deixa claro que sua incompletude não é

proposital, e sim, fruto de suas limitações ante a vastidão do chão onde pisa. Em terra não revelada, tudo é novo.

Segredos existem para serem desvendados. Ler de maneira crítica é compreender e até mesmo completar a trajetória do autor. Não sendo produto finalizado, este livro vai se completar e acontecer na imaginação do leitor.

Igual às pessoas, os livros também caminham, têm sina ou destino. Eles vêm ao mundo sem saber nas mãos de quem vão parar. Este andou bastante e acabou chegando às suas mãos. Bom destino!

Quem escreve deseja se comunicar. Livro que não é lido é voz que silencia e emudece. Por isso, Mundo-Sertão desfruta do desejo de encontrar leitores que percorram seus caminhos, saboreando dizeres e fazeres do povo.

O autor não se sente dono nem de palavras, nem de ideias. Brinca com elas, mas sabe que não lhe pertencem porque fazem parte de patrimônio cultural comum.

Este livro revela dois mundos opostos que integram um todo e ninguém sabe exatamente onde termina um e onde começa o outro. O bem e o mal trilham caminhos paralelos, sem se contrapor. Um não escandaliza o outro. Convivem... Ao mesmo tempo, Mundo-Sertão é ser falante. Nas entrelinhas, conceitos e ideologias. Mas nada imposto. O leitor desfruta da liberdade de discordar.

A intenção do autor é viajar com você em leitura prazerosa, ética e construtiva.



Pedro Nunes Filho

Pernambucano de São José do Egito, é criador de cabras e ovelhas na Fazenda Mugiqui, Cariri paraibano, onde passou sua infância. Auditor aposentado da Receita Federal do Brasil, fez pós-graduação em Direito Tributário na Faculdade de Direito do Recife, onde se graduou em 1971, e especialização em Tributação Internacional no Japão, em 1995.

É sócio do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco - IAHGP, do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri - IHGC e da Sociedade Paraibana de Arquelogia - SPA

Livros de sua autoria:

Cariris Velhos
Caatinga Branca
Guerreiro Togado

JABRE
edições

ISBN 978-85-98896-53-3



9 788598 896533

O mundo
que conhece os
caminhos por onde ando,
as sombras onde descanso
e as cacimbas onde bebo água.
Deturpamente,
Pedro Junco

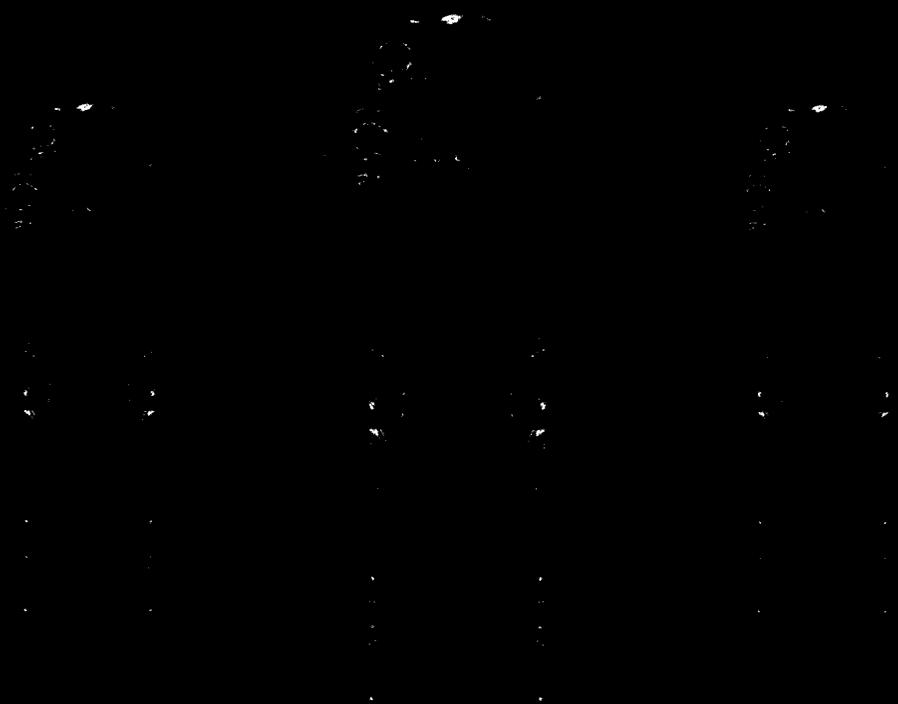
Recife, 24/09/2015

Mundo-Sertão

terra não revelada

Herbert Spencer - 1859

terra não revelada



Copyright © by Pedro Nunes Filho

Revisão:
Do Autor

Capa e Projeto gráfico:
Daiane de Sousa

Imagem da capa:
Criação do autor

Ilustração da capa:
Fernando Barros

Foto do autor:
Lulu Pinheiros

Impressão:
Gráfica Facform

N972m Nunes Filho, Pedro, 1944-
Mundo-Sertão : terra não revelada / Pedro Nunes Filho. -
Recife : Facform, 2011
233p.

Inclui bibliografia.

1. FICÇÃO BRASILEIRA - PARAÍBA. 2. SERTANEJOS - BRASIL (NORDESTE) - VIDA E COSTUMES SOCIAIS - FICÇÃO. 3. BRASIL (NORDESTE) - SERTÃO - FICÇÃO. 4. PARAÍBA - SERTÃO - FICÇÃO. I. Título.

PeR - BPE 11-0597

CDU 869.0(81)-3
CDD B869.3

ISBN: 978-85-98896-53-3

Impresso no Brasil - 2011

*Só se prepara o futuro,
salvando o passado!*
Edgar Morin

*Este livro pertence
à minha irmã Carminha,
anjo protetor de minha infância.*

À minha neta, Isabella, com ternura.

Sumário

Mas, que livro é esse? | 11

Canto Primeiro
Madrugada-manhã | 15

Canto Segundo
Sertão sem lugar | 21

Conto I
O destinar da vida | 31

Conto II
Tempos buliçosos | 111

Conto III
Punhado de brabos | 169

Conto IV
Histórias que andam | 191

Conto V
O Reino de Tatuapara | 203

Canto Terceiro
Depois do fim | 225

Bibliografia | 233

Mas, que livro é esse?

FALA de um mundo ainda não revelado onde há caminhos que levam a muitos destinos. Cada criatura desfruta da liberdade de escolher o seu. Algumas veredas até se cruzam. Outras, não. São trilhas que nunca se encontram. Quem escolhe uma não enxerga a outra. Destino?... Uns querem que sim, outros querem que não. Espie no balançar das folhas donde o vento vem. Tem segredo não!

São trilhas de cantos e contos. A alma canta e conta. Escrevi este livro para mim... E, se você gostar, é seu também.

Quer saber como nasceu? Foi assim: deixei de lado os arrochos do dia a dia e fui escrevendo, escrevendo... Uma linha aqui, outra ali, mais uma acolá. De repente, vi o texto fluir feito riacho descendo serra abaixo. Aí, soltei as rédeas do pensar, mesmo sabendo que escrever é perigoso demais: expõe e desnuda. O escritor carece de ter coragem. Senão guarda o pensamento na gaveta e pronto!

— Eu? Eu, não tenho medo, não! Prefiro mesmo é me arriscar. Em suas mãos, meus sentimentos! Se gostar, ótimo! Se não, perdoe-me a ousadia.

Este livro mata a sede de quem largou o Sertão e nunca mais voltou. Nele, as palavras têm poder e força, cheiros e sabores da terra. Saudade maltrata, mas não mata. Se matasse... Ah, meu senhor!... Se matasse, eu não estaria vivo, não. Juro por Deus!

Plantei sozinho. Depois de colher, abro as portas do paiol. Se achegue você também, criatura! Aqui, de-comeres sobejam. É de graça feito água-benta em vestibulo de

igreja. Sente-se na sombra de um umbuzeiro e não queira céu nenhum. Sertão é dádiva e basta! Céu é isso! Só isso!

— Mas, afinal, que livro é esse? Fala de vidas e de aconteceres; de sábios e santos; de almocreves, tangerinos, penitentes, andarilhos, poetas e vendedores de sonhos. Fala também de um saldo de homens que, tangendo o destino, brincavam com a morte em meio a chuviscos de bala.

No Mundo-Sertão, antigamente, quem não morria de doença ou de desgraça, finava-se beirando os cem com memória de menino, direito a vela acesa na mão durante o passamento, mortalha, incelências, encomendação, repique de sino, missa de sétimo e de trigésimo dia, visita de cova e tudo.

— Sabia que o Sertão mudou? Os mortos perderam prestígio. Os sinos das igrejinhas desbadalaram-se. Antigamente ouvia-se repique próprio para cada um vivente que partia: anjinhos, donzelas, gente que morria de velhice, de mal-súbito, de desgraça ou de sucesso.

— Sabe o que é desgraça e sucesso? Sabe não? Pois vou lhe dizer agorinha. Morrer de desgraça é ser assassinado em briga ou emboscada; morte de sucesso acontece quando arma de fogo dispara casualmente e tira a vida de algum pensante.

Verdade é que os sinos calaram-se. Por que se calaram? Por quê? Sei não... Davam tristeza, mas tocavam o coração do povo. O sino de minha aldeia, também. Sebastião de Corina sabia dar repiques que comoviam. Ainda hoje escuto badaladas de sinos tocando dentro de mim.

Se você largou o Mundo-Sertão e tem triste amor por ele, não fique aí sobrance e choramingando em recanto de parede, que saudade não mata e às vezes até mata! Siga os riscados do Mundo-Sertão que eles têm cheiro de terra molhada, mato verde, floração de jurema-preta, fragrância de casca de cumaru.

Este livro fala do Sertão Nacional, terra com vastidão de reino. Conta a vida de coronéis e fazendeiros graúdos, de gente que vivia de dar batalhas. Homens-enfrentadores que saíam mundo afora, não para obrar caridade, mas para se vingar ou fazer meio de vida com canos que vomitavam fogo em atos de surpresa, violência e traição. Quando encontravam resistência, se faltassem sementes de morte, aí armas-brancas relampeavam e haja desgraça!

Sente-se num dos calcanhares à beira da estrada e, com um graveto, desenhe no chão o mapa de seu caminhar. Em vez de ficar sacolejando o juízo à procura de lembranças e alimentando sofrida ausência do Mundo-Sertão, pacifique logo sua aflição: leia este livro que é feito fosse mimo de alecrim, ramo de manjerição, favo de mel de cupira.

Minha alma mora no Mundo-Sertão.

E a sua?...

Canto Primeiro
Madrugada-manhã

*Queremos ser
os poetas de nossa própria vida
e, primeiro, nas menores coisas.
Nietzsche*

HOJE ACORDEI ouvindo o vir de um cavaleiro e logo pressenti alguém chegando à minha porta.

— Não fosse você, quem seria?

Seja bem-vindo! Tire a matula e descanse fazendo leitura prazerosa do Mundo-Sertão. Você vai ver o tempo escorrer de mansinho e a lua luar na copa das baráunas feito fosse lençol de prata estendido sobre a folhagem das caatingas.

Em seu percurso, sinta cheiro de terra molhada e de mato verde. Faça isso por desfrute, que a vida é do tamanhozinho de um minuto. Cuido que toda criatura merece a tarefa de aprender a viver e sentir a beleza do Mundo-Sertão. Você, também! Ele não é meu, nem de ninguém. Existe para ser compartilhado.

Se não tem pressa, melhor ainda! Gaste horas conhecendo terras deserdadas, lugares despossuídos. Ande, percorra, tome consciência. Mundo-Sertão é realidade, mas é também promessa. Instantes há que nasce do pensamento. Experimentá-lo dá prazer. Enriqueça-se com o que seus olhos haverão de ver ao longo deste caminhar. E lembre-se de que, diante da grandeza do Mundo-Sertão, a gente é também o que não consegue perceber.

Se quiser que o tempo renda, mude logo a costumação de acordar tarde. Madrugue! Cada dia, você vai sentir um reprazer que não sentiu antes. Alguma coisa há, ocultada que seja. Quem sabe, o luzir da Estrela d'Alva. Sei lá!...

— O sol que passa por aqui é o mesmo que você vê lá? É não! Quem mora em terras distantes só sabe do

Mundo-Sertão por alto. Tudo isso aqui é dito Borborema. Suba o Jabre ou o Tendol, Jabitacá, Matarina ou Sucuru e veja que serra pede serra. Sertão é assim mesmo: se alteia e se abaixa, se alteia e se abaixa muitas vezes e nem se cansa.

— Se você pode voltar? Pode não... Depois que os olhos do caminhante se enchem de mundo, só pensam em ir adiante, mesmo varando esquisitos caatingais.

Verdade que o sol vai e volta muitas vezes. E se você se entregar à sosseguidão daqui, envelhece não. Lembre-se de que a hora é agora. Agora é já. Não desperdice seu existir à toa! Mundo-Sertão é espera. Demora. Quem tem pressa não consegue viver por aqui. Ou parte logo ou cedo se fina!

Nestes sertões, gente-pensante é fortuna. Por isso, preste atenção às idades. Operários da memória vivem horas finais, tecendo a vida com fiapos do tempo. Cada um que tomba é tesouro que se vai, biblioteca que se fecha e se transforma em pó. Assim, cuide de abrir baús e gavetas para desocultar camadas da história em vias de se perder.

— Sabe onde fica o Mundo-Sertão? Sabe não? Pois vou lhe dizer aos pouquinhos. É terra de muitos lugares. Por isso, tem começo não! Cuido que não tem metade, nem fim. Acredita? É um estirado em movimento que não descansa. Vive sempre com desejo de ser e assim vai sendo. Por isso, não se esgota nunca.

Estou lhe dando ideias. Ideias valem tesouros. Ande e olhe, que muita coisa será salva pelo olhar. Sertão não existe para si.

— Se tem beleza? Acontece para os olhos! É terra de novidades e ocultações que não se revelam a quem passa com pressa. Todo dia você vai ver o que não tinha visto ainda. Vida aqui também apronta surpresa. Tem o que se conhece e o não revelado. Sertanejo é assim: vive de-

sejando o que lhe falta e nunca chega. Sem desejo, não há vida. Há? Penso que não. Se eu esquecer o Mundo-Sertão, perco o querer. O que serei? Para onde vou então? Nem sei!...

Dê passos largos, pise forte no chão, sinta a terra estremecer. Deixe os vales e abrace as serranias. Lugares existem quase sem alma alguma de gente humana. Olhe ao longe a cruz do Monte Alegre. Grite aos pés da Carnaíba dos Torres, que mocós, quentando sol, rápido se escondem e seu grito vai ecoar com rouquidão três vezes, em intervalos de segundos, na garganta rouca das pedras, feito fosse mesmo alguma assombração. Dá até cisma...

Sim! Tem um riacho que abarulha aquele pé de serra. Encanta! Perto dele, se balança um cumaru de muitas eras. Sua entrecasca dá meizinha para sarar mazelas do peito.

— Se serve? Remédio miraculoso!

Junte-se a Dom Ricardo e não consinta matar vivente algum. Beleza é existir!

— O que será que vai ser do Mundo-Sertão e o que não será? Sei não! Quem houvera de saber?...

O sol envelhece e se deita. O casarão de Patos de Irepê dorme. Suas paredes têm manchas do tempo e marcas de chumbo. Seus terreiros cobertos de mato e forrados de pedras um dia beberam sangue de guerreiros. Muito sangue mesmo! Marcolino e Xanduzinha partiram. Paixão que Dantas compôs e Gonzaga cantou.

O curral da Passagem da Cobra fede um fedor com cheiro de esterco e arrotos de vacaria. Chocalhos tocam. Bezerros berram. É março, tropeja ao longe. Esperança de chuva. Velho André finou-se. Vaqueiros, também. As gentes dos sertões que as terras andam falam em botijas. Elas existem com certeza. Onde? Sei não... Fortuna é sonhar.

— Silêncio incomoda?

— Não. Faz bem!
Assim, dê rédeas ao pensar e mergulhe na alma o
Mundo-Sertão.
— Quando?... Agora mesmo!

Canto Segundo
Sertão sem lugar

*Fechado, encerrado, guardado,
há um pedaço do País
que não se dá a conhecer com facilidade.
É preciso ir-se em busca desse Brasil ainda encoberto.
É a nós mesmos, brasileiros,
que enxergamos nessa descoberta.*

Adriana Victor

MUNDO-SERTÃO existe de verdade, longe de tudo, imensidão de reino. Possui corpo e alma. Pensa, fala, canta, chora e ri, igualzinho à gente. Quem decide mergulhar em suas entranhas sofre judiação e nunca haverá de desvendá-lo por completo. Tem seus segredos... Quanto mais o viajante anda, mais léguas aparecem em sua frente. Quanto mais descobre, tanto mais ele se oculta. Depois do fim, Mundo-Sertão recomeça e nunca termina. — Terra de muitos lugares! — dizem. Magine mesmo o tamanho que é!... Coisas de Deus que os viventes não alcançam.

Sertanejo, homem de ação, não recua, nem desiste nunca. Tudo enfrenta como se a vida fosse começar do comecinho mesmo, na virada do dia seguinte.

Quando se aprende a amar o Mundo-Sertão, chega dá gosto pisar em cima dele e sentir o chão estremecer debaixo dos pés! Tem mistérios, muitos mistérios por lá...

Vastidão sem fim. Figuro que é do tamanho do mundo ou quem sabe até... Será!? Sei não...

Sol queima, resseca, mata e dá vida também. Mundo-Sertão é filho da luz. Aqui, ninguém vive sem sol. Terras faltas de água, mas é assim mesmo. Se ocorre chover demais, estraga. Povo amarela, cresce barriga, afina as pernas, amolece o corpo e amoita-se. Homem-bode não aguenta excesso de chuva, não. Viventes daqui gostam mesmo é de sol. Luz traz fertilidade, cio, prenhez, bucho e parição. Arbustos de mirrado porte florescem precocemente e sabem resistir às secas quando as chuvas mínguas. Espinhos rasgam a pele e cortam a carne com

espantoso prazer. Tempo de chuva cobre de pastos as magrezas da terra. Vento com cheiro de verde beija-lhe a face em época de inverno.

Mundo-Sertão só pensa em sobreviver, reproduzir-se, multiplicar-se. Sementes medram até sobre pedras, bastando-lhes para fecundar apenas leve frescor do orvalho da noite.

Quando falta água para beber é só afastar algumas moitas de mufumbo e cavar no risco do riacho de areia que desce da garupa da serra, lá onde o touro zebu arriou, estrebuchou, fez barrigão e morreu.

– Picada de calango sem pernas! — disse-me cerqueiro que viu agonia do bicho estirado no chão. Depois do relato, benzeu-se e pôs-se a trabalhar.

Para achar água de beber, nem precisa cavar tanto, filetes de vida começam a marejar, feito lágrimas de prata jorrando no rosto da terra. Água é tesouro sem par em tempos de sequidão. Minguada que seja, mitiga e sacia. Alma de gratidão, vivente-sertanejo vai à Loca da Jia e mata a sede, bebendo água na concha da mão. Nem vê de onde escorre aquela benção. Depois de molhar lábios e garganta, Vaqueiro-Eugênio se descobre, olha para cima e se curva ante a imensidão. Persigna-se, repõe chapéu, redobra forças, prossegue com valentia, pisando pedras, driblando espinhos, sem medo da vida.

Gente-sertaneja tem pressa não. Nem no falar. Lerdeza é virtude. Pressa? Ah, meu senhor, pressa é tumulto d'alma. Vida aqui é só facilidade não. Tem suas durezas também! Em cada trilha, luzes e abismos, pedras e espinhos. Viventes carecem mostrar coragem no suceder da existência. Nada ninguém teme, exceto o Criador, a quem cada um mortal se entrega com humildade e obediência em cada madrugada-manhã. É esse o proceder.

Vaqueiro Benvenuto do Desterro acorda quando os primeiros raios do sol desfazem o que restou da noite.

Banha rosto e braços na água coberta de fumaça do açude da porta de casa e vai para o curral. Desleita Mimosa, Pintada, Morena e muitas outras que enchem o curral. Pressa nas mãos, cadência nos braços, alterna o desleite, fazendo ritmo na espuma. Pescoço no laço, bezerro padece: estira o cangote, respira e ofega, arregala os olhos e se lambe sentindo o cheiro do leite e receando que nada lhe reste. O instinto da mãe reserva-lhe o suficiente para manter brilho no pelo e vantagem no crescimento, enquanto o rúmen lento se forma. Desarreado, basta apoiar o úbere algumas vezes que as tetas logo se enchem. Depois de sugar a última gota de leite, espreguiça-se e contorce a cauda para relaxar. Satisfeito e desinteressado da mama, vai se afastando da mãe, lambendo espumas de leite que restam no canto da boca. Em companhia do rebanho, os bezerros voltam às caatingas prenhas de pasto. Aí, os úberes das mães são todos seus, tantas vezes os queiram. À tardinha, o gado de leite volta ao curral. Apartados das mães, bezerros berram. Esquecidas de suas crias, vacas barulham no mastigo de troncos de palma cortados no cocho. Depois, se deitam. Chocalhos se calam. Fartas, arrotam e gemem e cochilam e dormem.

Força nas pernas e robustez na musculatura são sinais de que logo-logo aqueles bezerros serão novilhos-veados, que dentro do mato fechado parecem voar e rápido se furtam aos olhos de vaqueiros com experiência de sobra na vida de gado. Vicente Matias, da Pedra da Bicha, Pedro Martins, Charuto e Zé de Oliveira, do Bonfim; Pedro Estêvão, José e Joaquim Ribinga, da Boa Vista dos Nunes, Zé Mago, da Pedra Atravessada; Eugênio e Otaviano, da Matarina; Severino, Antônio e Ricardo, do Mugiqui; Reginaldo, das Capoeiras; Gonçalves, da Santa Terezinha e muitos outros...

Pele clara, cabelos louros e olhos cor de esmeralda dão-me a certeza de que Zé de Oliveira é um remanes-

cente dos Faria de Castro ou dos Oliveira Ledo, duas famílias com poeira do mesmo sangue em suas veias. Beirando os 100, Zé sente saudade da vida de gado, olhando os riscados das pontas de paus no terno de couro, extravagâncias da mocidade que orgulham a velhice. O tempo encarregou-se de escurecer peças de couro que restam dependuradas em recantos de saudade. Troféus de bravura, escudos em pegas de bois nascidos e criados nas caatingas sem ver humano algum. Zé de Oliveira pertence a linhagem que, no século XVII conquistou a ferro e fogo sertões sem beira na Paraíba do Norte. Depois de rasgar caatingas no Pajeú, refugiou-se em nesga de terra que lhe restou, herança de ancestrais-sesmeiros, os Faria de Castro, donos de sertões sem fronteiras em terras daquela Paraíba.

Terminadas as obrigações do curral, vestindo terno de couro, Zé Preto do Riachão monta em seu cavalo-russo e parte para o labor do dia. Vai espreitar cabeças de gado crioulo que descem da serra para beber na Cachoeira do Embu. Sonho de vaqueiro nos cochilos da idade. Mesmo acordado, continua sonhando e é assim que vai resistindo aos tropeços da idade.

Calixto do Pé da Serra, pai de dez filhos, não se mal-diz. Antes, orgulha-se. A mesa que divide com a prole é lugar de respeito, silêncio, traço de união que agrega a família. Antes de tomarem assentos, pai e filhos retiram do corpo o que lhes pesa n'alma: armas, chapéus, esporas e couros. Depois, se benzem e oram para agradecer fartura de alimento e saúde. Terminada a refeição, ninguém deixa a mesa antes do pai.

Quando acontece passar alguém em sua porta, Calixto demonstra generosidade. Divide com o forasteiro o que tem sobre a mesa.

— Meu filho, chame para almoçar aquele homem que vai passando na estrada. Deve de estar com fome...

— Louvado seja o Senhor-Deus e Meu-Padrim! — diz o peregrino, tirando chapéu de palha, ao colocar os pés no vestibulo da casa.

— Para sempre seja louvado! — em coro, respondem os filhos.

Sem gula, o peregrino farta-se. Depois, agradece a mesa e segue em frente. Vara de marmeleiro quedada nas costas, nela dependurado carrega saco com tico de mantimentos, quase nada mesmo. Uma vez por ano, vai beijar os pés da Serra, subir o Horto e pagar promessas ao Santo do Povo. Se adoecer no Araripe, tem perigo não. Anjo da guarda assiste naquele pé de serra onde alumia: Napoleão da Barbalha, médico, arcanjo e passarinho. Com zelo e silêncio de asceta, ausculta coração e pulmões, órgãos que alimentam pernas-caminhadeiras de itinerantes da fé. Sem pressa, afere pressão do penitente e, se necessário, quita conta de cachetes na farmácia da esquina. Vê mesmo o tamanho do homem que mora naquele homem! A paga que recebe de gente-peregrina são histórias que ouve do Mundo-Sertão e compartilha com os amigos, feito peças de um tesouro.

Depois de cumprir ritual de orações e sacrifícios que lhe trazem felicidade e saúde, Zé Preto da Lapa volta pra casa, testificando os milagres que milagrosamente, de fato, aconteceram de acontecer diante de seus olhos, mesmo sendo gente de carne e osso e pecador que padece das mesmas fraquezas dos demais humanos.

Caminho de volta, quando as sombras da noite começam a cobrir as veredas dos Cariris Velhos, penitentes Francisco do Amor Divino e sua Josefa Maria da Conceição apressam os passos para dormirem na Casa dos Peregrinos, onde não faltam nem acomodação, nem água de pote, largueza do compadre Thomé, que não pensa em usar esse gesto de grandeza como moeda para entrar no céu. Quer mesmo é acolher qualquer vivente que,

porventura, passe à noite em sua porta necessitado de abrigo. Ao lado de casa, Hospedaria de Deus no Mundo-Sertão. Ninguém precisa pedir licença para ali pernoitar, nem tampouco agradecer quando parte madrugada-manhã. Nos domínios do compadre Thomé, teto e água nada custam a peregrinos. E se precisarem, comida, também. Aquela criatura de Deus é sem bondade, igualmente seu pai, o finado Lucas. Que Deus o tenha!

— Gente com matolão nas costas ou pano na cabeça que passa por aqui traz perigo não! Quem acolhe os pobres, Deus protege. Até hoje, nenhum malfeito. Daqui, ninguém nunca levou alfinete ou agulha. Quem pisa este chão, alimenta a alma com a força dos céus — diz compadre Thomé, um santo-pecador. E profetiza: — Por mais escuridão que haja em seus caminhos, viajante que passa segue iluminado. Imagens fincadas na beira da estrada vigiam os passos de cada vivente-cristão, até ele desaparecer com força e fé na linha do horizonte. Mesmo passando de passagem, quem pisa este chão não é mais o mesmo: coração amolece, fala amacia, ambições amiúdam-se. Deus é! — pensa e diz com saber: — O demo (será que ele existe mesmo?...) é o não-ser que passa como sombra ou poeira do mal, arrastando criaturas sem crença para os abismos da escuridão e do nada, onde nada não existe.

Mundo-Sertão tem assombrações, fogos-fátuos, almas-penadas, aparições e botijas. Tem pavão-misterioso que levanta voo, raptando princesa-encantada. Correm mundo Histórias de Trancoso e de Pedro Malazarte. Que saudade!...

Um dia, pisou nestes sertões daqui e de lá um Rei, dono de guerreiros com poder de fogo. Fazia e desfazia, mandava e desmandava. A todos assustava e nunca teve medo de nenhuma das criaturas de Jesus. Nem pena! Dizem que ele, o dito Rei, deixou fortuna medonha de

grande espalhada por aí afora: não sei quantas malas de couro enfeitadas com latão e pregarias de bronze, daquelas que um dia guardaram tesouros dos Alcáceres do Reino. Dentro delas, riqueza sem medida: roupas, joias, armas e muitos outros pertences de valor, dele e da Rainha Dona Maria, a Bonita, ambos mortos por fogo cuspidor de canos medonhos e, depois, degolados com facas-peixeiras de gumes de fio, em sítio que dizem Angicos, justo onde barulhava córrego que escorria grotão abaixo, deslizando por cima de pedras em direção ao Grande Rio, cujas águas tingiram-se de vermelho, um dia quando ainda era madrugada-manhã. Não sei mesmo como é que matam viventes em ponto de rancho, perto de lugar donde jorram fios de prata para matar sede. As gentes do Sertão querem que seja espaço sagrado onde Deus fica só reparando o tamanho e as obras das criaturas, cuidando de suas necessidades e saciando suas sedes, que são tantas... Ninguém nega de-beber em boca de pote, nem tira vida de vivente algum em batente de cacimba ou beira de riacho, lagoa ou rio. Bem verdade que o Rei, a Rainha e os nove pecadores juntamente com eles, os chefes degolados, eram pessoas que um dia encostaram enxadas, quedaram nos ombros canos de fogo, puseram estrelas na testa e estoques na cintura para dar fim a viventes, mode vingança de família, mas também mode pecado ou costumação de pegar no alheio. Verdade seja dita! E ninguém nunca haverá de esquecer as crueldades de seus crimes.

Só depois de muitos e muitos anos da morte do Rei, a fortuna dele veio vindo, veio vindo, peça aqui, peça ali, mais outra acolá, até findar todinha justo nas mãos de Dom Frederico, o Grande, causa que ele, o dito nobre, morador das terras sitas no Engenho da Casa Forte, outrora pertencentes a Dona Ana Paz, sabe contar de cor e salteado todas as festas de guerra do Rei, de seus amigos

e até mesmo dos inimigos, igualzinho como de fato tudo aquilo um dia aconteceu de acontecer.

Sim! Ao penetrar no Mundo-Sertão, repare que algumas criaturas trilham caminhos de luz, enquanto outras... Outras se ocultam nos abismos da escuridão. Ouça as falas, espie os modos, separe os santos dos pecadores e, se achar valia nisso, pode até julgá-los, mesmo sabendo que somente Deus é capaz de enxergar o exato tamanho de cada uma de suas criaturas, de compreender seus tormentos e as verdadeiras razões de seus procederres.

Conto I

O destinar da vida

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, o judeu dissolveu-se no sangue nacional, pelo casamento cristão, pelo abrandamento temperamental, pela ausência de motivos exasperadores de sua fé e modos. Acima de tudo, pela conquista social nas áreas econômicas.

Não se tornou, porém, um quisto, mas um afluente de tranqüila e perene colaboração humana.

Luis da Câmara Cascudo

UM DIA, resolvi percorrer sertões sem dono e sem fim. Saí por aí sozinho... Esquisitice minha! Queria rever caminhos, trilhar veredas, subir serras, pisar tabuleiros e baixios; atravessar rios e riachos que escorrem do topo das serras feito fossem fios de prata serpenteando entre árvores e paredões de pedra. Pretendia também conversar com pessoas de antigamente, gente que, se a gente não cuidar logo, num piscar de olho, acaba a morte chegando primeiro e lá se vai pedaço do Mundo-Sertão, que não foi salvo por ninguém.

Pensando nisso, o que fiz? Peguei rede de algodão, cobertor de baeta, alpercatas de rabicho e pé na estrada! Como descareço de luxo, qualquer sombrinha me refresca. Sem destino, sem dia e sem hora para voltar, saí conversando com quem encontrasse pela frente, causa que conversa é que sara loucura de gente sem juízo.

Desenterrei memórias, abri gavetas, malas e baús à procura de novidades, aquilo que ninguém ou quase ninguém conhece: histórias do passado que nunca envelhecem e precisam ser contadas e recontadas.

Saí trilhando caminhos que correm em ziguezague e seguem em todas as direções. Num estalo de tempo, encontrei vaqueiros, cordelistas, poetas, aboiadores, repentistas, almocreves, tangerinos, mangaieiros, contadores de histórias, ciganos e artistas do povo. Um deles prendeu minha atenção. Valia um tesouro por sua sabedoria e virtudes que não existem mais no mundo de hoje. Nosso encontro aconteceu assim mesmo:

Bati palmas e, em voz alta, fiz uso de costume da terra:

— Ô de casa!

— Ô de fora!

Veio vindo devagarzinho, pisando de leve, quase sem barulhar, abriu a porta, me olhou franzindo as sobrancelhas num esforço em vão para reconhecer-me. Também não perguntou minha graça, não. Apenas indagou:

— É de bem?

— Sim! — e bastou.

Espaço de Sonhos

Sozinho no ateliê, o artista esculpia um busto, utilizando um bloco de cimento armado. As feições da criatura ainda estavam por vir e eu tampouco me interessei em saber sua graça: padre, poeta, político, coronel, algum herói do povo, sei lá!... Vi apenas que se tratava de técnica em desuso, trabalho de mouro. O artista, homem do povo, tinha calos nas mãos, bicas de suor nas covas do rosto e poeira cobria-lhe o corpo, da cabeça aos pés. Nas faces marcadas por rugas, traços da idade, expressão de leveza e doçura.

Largou as ferramentas, bateu o pó do avental e me cumprimentou afetuosamente, sem perguntar quem eu era, de onde vinha e o que me trazia à sua porta àquela hora do dia. Acolheu-me em sua tenda e, com orgulho do que fazia, foi logo me mostrar cada recanto do ateliê.

— Aqui é meu espaço de sonhos, meu mundo, meu universo! Somente com alegria é que a gente se realiza no que faz! — e apontando para um jazigo no recanto de um jardim de inverno plantado de roseiras, completou: — Um dia, vou descansar ali onde dorme a falecida! Uma santa! Tudo nessa vida a gente esquece, menos uma

companheira que enfrentou pobreza sem se maldizer ou atribuir sofrimento algum aos caprichos do destino.

Vi logo que aquele era um homem que não temia os mistérios da existência!

— Se tenho medo da morte? Nem da vida! A morte é um prolongamento da existência, meu filho. Ninguém morre não, sabia? A gente se muda, passa a viver de outra forma, mas continua existindo. Nascemos para a eternidade. Olhe aqui!... — e, deslizando os dedos na poeira que cobria a escultura em obra, completou: — Com certeza, um dia, eu e você seremos poeira igualzinha a essa que o vento sopra e leva mundo afora... Instante algum, a gente se separa do cosmo. Somos parte de sua essência. Figuro que seria melhor chamar a morte de passamento. A gente passa, apenas passa... Entende? Muda de um lugar para outro, de uma forma de vida para outra, de um existir para outro existir e isso não faz diferença. Sendo assim, a morte não pode ser vista como tragédia que vem para nos acabar ou aniquilar. Tivesse a morte o poder de destruir a existência, aí a vida seria moeda falsa: nada valeria. A morte pertence à vida.

— A vida? A vida pertence à eternidade. É um peregrinar em busca da Luz. Estamos sempre nascendo, morrendo e renascendo. Minha mãe partiu sorrindo e agradecendo à Vida. Ela fechou os olhos para enxergar melhor. Não vivemos para morrer. Morremos para viver. Às vezes, a morte vem precedida de dores e sofrimentos. Aí é preciso ser forte. Como ninguém sabe da morte, a gente padece de medo e tenta esquecê-la. É uma forma de enganar-se, não é mesmo? Não assumir essa realidade é iludir-se com um mundo que não existe. A morte é conquista, passo à frente, a maior de todas as verdades. Se você adquirir essa compreensão, a existência ganha leveza. A gente não é nada sem o outro. Menos ainda sem a possibilidade de perenizar-se. A morte se ombreia ao

nascimento, sendo acontecer de mais grandiosidade ainda, porque é resgate, passo para a plenitude. A gente sabe o percurso de um rio. Ele nasce em cima de alguma serra e vai descendo, descendo até morrer no mar. Diferença tem o destinar da vida que escorre em leito de incertezas. Só não nos resta dúvida mesmo é quanto à morte. E, ainda assim, não sabemos quando ela vai acontecer. Querendo ou não, participamos dessa aventura da humanidade em busca do desconhecido. Precisa ir devagar, pensando e refletindo. Velocidade atropela. Nosso agir carece de ritmo, sincronia entre o querer e o fazer. Cuide para não entrar nessa corrida sem freios de hoje, moço! Adianta não. Estraga o existir e deixa a criatura despreparada para aceitar seu momentozinho de partir.

Escutando o artista, duas coisas surpreenderam-me: riqueza de linguagem e profundidade de reflexão.

Olhei-o com firmeza. Diante de meu silêncio, ele completou:

— Moço, no mundo tudo são curvas. Nunca nenhuma criatura sabe ao certo aonde vai chegar. Em cada esquina, surpresa. O amanhã tem véu. Inda bem! Melhor a vida encobrir tudo mesmo... Cada pessoa tem sua trilha. Mas, para onde quer que a gente vá, existe sempre a possibilidade de seguir os caminhos da Providência. Basta querer.

— Religião? Sim e não... Minha religião é o Amor. Toda alma tem um resgatável. Quando o vivente se dá conta, lá está o Amor, em sua totalidade na vida da criatura, provocando algum sinal ou respostação pequena que seja.

— Dúvidas?... Deus me livre de não ter momentos de vacilo na minha fé! Certeza engana. Não há dificuldade alguma em acreditar nas falsificações de Deus que os homens fazem para ganhar poder e domínio uns sobre os outros. O Deus-Verdade nunca se revelará em sua

totalidade a ninguém. Quem sou eu para compreender a natureza de Deus ou sua plenitude? Por isso, duvido, sim! E ele sabe de minhas angústias, de minhas dúvidas, de meus limites e impossibilidades de compreender sua natureza. Não tenho tamanho para enxergar sua infinitude, muito menos para desvendá-lo e me abastecer da totalidade de sua luz. Descrença e incerteza findam sendo mesmo formas de acreditar. Dizem por aí que sou ateu. Engano! Não consigo crer é num Deus vulgar que dá e toma, recompensa e castiga. Acredito na existência de um Deus que só pode ser compreendido pelos caminhos do amor. Fora isso, é invenção. Um Deus possuidor dos mesmos sentimentos dos homens não é Deus.

Olhei para o artista com atenção, tentando guardá-lo em minha memória. Passava dos 80. Viu-o assim:

Baixo, magro, ágil, ligeiramente corcunda, moreno claro, pele enrugada, covas no rosto, olhos pequenos, fala mansa e pausada, voz de profeta, leveza de passarinho.

Certo de que eu estava entendendo seu linguajar em toda a sua inteireza e apreciando sua fala, continuou:

— Adolfo era bem dizer uma pessoa nascida e criada aqui. Nem parece ter vindo de tão longe! — disse, batendo a ponta do cajado três vezes no chão para reforçar o que acabara de afirmar e, ao mesmo tempo, despertar minha curiosidade.

Sentado num tamborete e sentindo-me bastante à vontade — desfrutando o ambiente de intimidade do espaço físico e do homem — eu folheava uma pilha de livros num recanto da tenda. Vendo com surpresa meu interesse por livros, ele me observava atentamente, sem nada dizer. Depois de alguns minutos, separei três volumes de autores de minha preferência.

— Se lhe empresto? São seus, meu filho! São seus! Aprecio muito homens que gostam de livros!

Pedi que autografasse um deles. Queria que deixasse um pedaço de sua alma na folha de rosto daquele livro que com o passar dos anos havia amarelado. Para valorizar mais ainda o livro Geografia da Fome, de Josué de Castro, o artista apôs seu autógrafa, desenhado com mão trêmula em razão da idade. O livro resta em minha estante como peça de um tesouro.

Na parede, obra de arte: um retrato do amigo Adolfo, pintado por ele. Bastou eu apontar para o quadro, rápido, leu meu pensamento e, sem ao menos esperar que eu lhe perguntasse quem era, foi logo me falando do amigo. Preferiu começar do fim. Para ele, a glória do existir está sempre no ocaso, a beleza do dia, no entardecer. A revelação, na dúvida. O fim é também começo.

— Demarcando a idade entre 20 e 22 anos, embrenhou-se nesses sertões, mascateando. Finou-se no ano de 26, beirando os 80. Pela saúde da cabeça, ia muito longe ainda. Acontece que um dia acordou sentindo-se mal. Adoeceu de doença para morrer. Ninguém queria querer que fosse mal de tanta gravidade. Mas era. Vomitava e gemia com uma dor sem fim aqui, lá nele — e correu a mão no ventre. — Quando cuidou era tarde demais: apendicite. Rompeu-se e infeccionou. Não teve jeito. Dias depois, lá se foi ele... Atrás, procissão de familiares e amigos. Soluços, lenços de adeus, olhos molhados de saudade. E pronto!

Depois, assuntou um pouco e continuou falando pausadamente, como se estivesse tentando arrancar da memória segredos que a poeira do tempo encobrira.

— Homem de muita seriedade e disposição para trabalhar, aquele ali! Em época de eleições, doutores, padres, políticos, delegados e os ricos da terra brigavam. Na hora de repartir favores e cargos, rápido, se ajeitavam. Abraço vai, abraço vem, num estalo de tempo, acabavam-se mágoas e intrigas. Adolfo não se metia em po-

lítica, não! Só em negócios e negócios de gente de bem. Possuía terras a perder de vista. Pessoa de tino! Conhecia as ciências do corpo. Aprendeu a tratar das mazelas do povo, usando ervas extraídas do mato. Nos fins de tarde, gostava de prosar na loja do Major Bruno, dono da fazenda Formigueiro e sobrinho de sua mulher. Costumava aconselhar pessoas no início de seus negócios, dizendo: — Meu filho, construa seu castelo aos poucos e com segurança. Nunca esqueça que a pior das ruínas é a que destrói o patrimônio e as economias!

Com um caderninho de anotações e uma caneta na mão, eu tentava juntar uma coisa a outra e não conseguia. Filósofo é assim mesmo: simboliza, cifra, faz ardeios, confunde o interlocutor, mas sabe muito bem onde vai chegar. Àquela altura, minha curiosidade crescia e ele nem se avexava em desvendar os segredos daquele homem cuja vida começava a me interessar fortemente.

— Meu pai se chamava Manoel Chapeleiro. Nasceu no Crato. Era artesão. Fazia chapéus de couro, peças sem parelhas. Vendia aos vaqueiros dessas redondezas todas. As sobras, ele levava para o Juazeiro e voltava sem nada. Pouco remediado, ia vivendo como podia. Valendo-se da amizade que tinha com o Major, me botou para ajudar no balcão da loja dele.

— Major? Era major, sim! Explico: Os fazendeiros e os ricos daquele tempo — conforme as posses de cada um — costumavam comprar títulos da Guarda-Nacional, corporação inventada pelo Regente Feijó para apoiar a política do Imperador. Floresceu bem aqui no Nordeste. De repente, o cidadão virava autoridade, transformando-se em capitão, major ou coronel. Só não existia a patente de general. Botões e galões de ouro realçavam com o azul-marinho das fardas, quase sempre meia-coronhas e apertando as gorduras do cidadão. Em dia de festa ou de eleição, lá vinham eles de suas fazendas, vestidos de

farda, com espada na cintura e tudo... Tinham influência na distribuição de empregos, mas eram mesmo autoridades de..., de meia-tigela, um bando de xeledús.

— Na loja?... Ah! Na loja, eu fazia mandados, arrumava mercadorias nas prateleiras, varria o chão e ganhava alguns trocados para ajudar meu pai. Às vezes, eu encontrava peças de armas e munição dentro dos fardos de tecidos que vinham dos Pessoa de Queiroz, comerciantes no Recife, primos e, em 30, inimigos do governador da Paraíba, João Pessoa. Em minha inocência, lá vinha eu com montes de balas nas mãos:

— Major, o que é isso aqui?... — Né nada, não, meu filho! Né nada, não! Guarde ali debaixo do balcão, guarde depressa ali, que isso são umas encomendazinhas bestas de Augusto.

— Cangaceiro? Quem, Augusto? Não! Não! Homem de armas, advogado, dono de palavra forte, terras sem beira, valentia e cultura sem fim. Dizem que, com ciúmes de seu prestígio, Antônio Silvino meteu-lhe o nome de Cangaceiro-Doutor, apelido que ninguém ousava chamar em sua presença. O Doutor morava na Fazenda Areal, em Alagoa do Monteiro. De 11 para 12, desentendeu-se com os ricos e poderosos que mandavam aqui na Paraíba. Fez guerra com João Machado, governador da ex-província. A guerra encheu o Sertão todinho. Foi uma encrenca dos diabos, quase não tem mais fim! Essa vila vivia em armas. Na época, eu era criança, soltava papagaios de papel e sonhava com um mundo sem opressão.

Interessei-me pelas histórias de guerra, mas as informações se multiplicavam de tal forma que eu comecei a me perder e ficar quase sem controle da conversa.

Lembrado do que ele havia me dito — ninguém sabe ao certo aonde vai — eu quis ouvir o que pensava sobre sina, destino, predestinação, castigo, coisas que costumam martirizar o juízo dos sertanejos.

— Destino, moço? Credito não. Só em desígnio, providência. Fatalismo, cruz de Cristo! Destino e sina não casam com a bondade de Deus. Essa crença de predestinação que liga o destinar de cada criatura ao céu ou ao inferno tem sentido não. A gente é quem decide e escolhe os caminhos da vida. Deus não interfere no proceder dos homens, nem vive castigando as pessoas não. Se interferisse, a gente ficaria sem responsabilidade. O bem e o mal restariam nas mãos dele. A gente se tornaria refém do próprio Deus. Mas ele não escraviza ninguém, só liberta. A gente é que tem as rédeas da vida na mão. Por isso, desfrutamos a liberdade de escolher os próprios caminhos. Quem faz o bem é a gente, o mal, também. Se houvesse predestinação, o escorrer da vida estaria todinho traçado. Aí, não havia saída. Cadê a liberdade? A vida só presta porque as pessoas têm querer. Até os passarinhos desfrutam de liberdade. Eles voam para onde querem. Quando arrancam milho que a gente planta nos roçados, não sabem o que estão fazendo. A gente tem luz, ciência. Sabe distinguir o bem do mal. Ainda assim, alimenta malquerenças, faz malvadezas e pratica desatinos. Eita, como os homens têm altos e baixos, luzes e abismos! Não se engane, não! Cada um pensante é, ao mesmo tempo, santo e demônio. Qual dos dois você deseja que sobressaia no seu íntimo? Sua vontade e sua maneira de se conduzir na vida dependem dessa escolha. A decisão é sua.

Mesmo carcomido pela idade, aos meus olhos, o artista parecia um gigante do tamanho da Serra dos Sucusurus, que se ergue com ar de majestade, quase à sua porta.

Diante de tanta sabedoria, entendi logo que o homem não gostava de fraseado, coisas sem conteúdo. Falava com simplicidade e sabedoria. Sem nunca ter frequentado escola, tinha uma maneira própria de expressar sua arte, um estilo que o identificava.

— Meu traço? Aprendi sozinho, moço, olhando no mundo as curvas da vida, os contrastes entre luz e sombra, descobrindo os segredos dos planos e os efeitos das perspectivas. Pelejando, pelejando... Para aprender qualquer coisa, é preciso ter tino e perseverança. Para ser artista, mais que movimentar pincéis ou cinzel, é preciso ter alma, sentimento, emoção. É isso que abre as portas da criatividade para produção do belo. Beleza é formosura. Ser artista é ver o mundo, não exatamente como ele é, mas como eu o vejo e ninguém viu daquela forma antes de mim. É preciso olhar de um lado, do outro, de cima e de baixo. É olhando que o artista percebe que as coisas têm muitas faces, ângulos, cores e tons. Claro que é preciso ter tempo. Mas quando a pessoa possui obstinação, sempre arranja um tempinho que seja. Às vezes, em alguns momentos, eu ficava sem maiores obrigações. Aí, me encostava no balcão da loja e começava a rabis-car papéis de embrulho e escutar histórias de guerras. Quando o Major dava fé de minha curiosidade, dizia: — Larga esse lápis e vai te ocupar em alguma coisa, menino dos seiscentos diabos! Deixa de riscar os papéis da loja! Isso custa dinheiro! Toma esse pano e vai limpar a poeira do tonel e das latas de querosene. Sai daí, vai, vai!... — e me empurrava com delicadeza lá para os fundos da loja onde havia uma pilha de latas de querosene Jacaré esperando por mim e pedindo limpeza. Fazia isso porque notava que eu ficava desenhando, mas com os ouvidos atentos às conversas dos mais velhos. E conversa de gente-grande, naquela época, menino não escutava.

Ia e vinha, o artista voltava a falar em Adolfo, utilizando sempre palavras de elogio e dando a entender que, para ele, o amigo foi referencial que dera rumo à sua vida:

— Com as reprimendas do Major, Adolfo, homem de inteligência e visão, partia em minha defesa: — Deixa

de sovineza, Bruno! Papel de embrulho vale nada! Fique aí desenhando, meu filho, que um dia você vai ser um artista de nome!

Fez uma pausa, esmerilhou o cinzel e prosseguiu com sabedoria batendo o macete de miolo de aroeira na ferramenta e me explicando:

— Em arte, não existe nem feio, nem bonito. Um traço ou forma pode agradar a uma pessoa e a outra, não. Tudo depende de quem olha e da maneira de ver o mundo. O que transforma uma obra em arte é criatividade, força existente no interior da peça, originalidade, sentimento, a emoção do artista, sua plasticidade, expressão e estética, mesmo que sejam rústicas. O rústico também possui beleza, sabia?

— Quando me tornei artista? Durante a infância é que a gente molda o pensamento para tudo, inclusive para artes e ofícios. Meus pais ensinaram-me a trabalhar com as mãos desde criança. Aliás, o instrumento de trabalho que o homem das cavernas usou no início de sua jornada de fazeres foram as mãos. Minha mãe dominava a arte de tecer e de aquietar crianças. Cuidava de uma penca de meninos, um nascido atrás do outro, cozinhava, lavava, engomava e ainda trabalhava no tear. Fazia tecidos com fios de algodão para vestir os filhos e as sobras, ela vendia ao povo. Quando a mulher tem vocação de mãe, arranja tempo para cuidar de tudo, principalmente dos filhos. Respondendo melhor sua pergunta: nasci num ambiente de artes, mas não sei lhe dizer o momento exato em que me tornei artista. É processo que vai acontecendo dentro da gente, maturação que nunca se completa.

A vila onde o artista nasceu e se criou ficava na curva de um rio e ao pé de uma serra com aflorações de granito cor da noite, com muita dureza, qualidade e valor. Mas ninguém tinha meios para explorar a mina de granito.

Estrelas

Ele gostava de falar sobre o passado:

— À noite? Ah! À noite, a vila morria... Quer dizer: adormecia. As pessoas jogavam baralho, um jogo chamado sueca, sentavam-se nas calçadas, conversavam e dormiam cedo. Por isso, tanta saúde! Ainda hoje, costume dormir antes das oito. Às vezes, me distraio olhando as estrelas nos céus de minha vila adormecida ao pé da serra. Para mim, estrelas são janelas que nos olham do infinito. Elas ficam piscando, piscando sem parar. Algumas parecem até dar estalos para eu não adormecer antes que elas se deem na curva do horizonte. Tem jeito não, quando o sono chega, a gente vira pedra, pedra mesmo. Outro dia, tive surpresa. Pela primeira vez, vi uma estrelazinha que nunca tinha percebido antes, por mais que já tivesse olhado para aquele ponto do céu onde ela piscava. Miudinha, bem miudinha mesmo, mas possuía brilho e era generosa com a pequenez dos meus olhos. Pensei até que ela tivesse aparecido de repente. Mas me disseram que estrelas não costumam aparecer assim sem mais nem menos, inesperadamente. De fato, elas existem há bilhões e bilhões de anos. A falha foi mesmo minha, que não tinha reparado o brilho dela antes. Com toda certeza, aquela estrela sempre existiu, independentemente de alguém tê-la visto antes ou não. Você sabia que acontece a mesma coisa com as criaturas? Às vezes, uma pessoa vive bem pertinho da gente e não enxergamos suas qualidades. Cegueira! Não nos damos ao trabalho de ver a grandeza do outro. É isso mesmo! Só enxergamos a nós próprios e o que nos interessa e convém. As falhas dos nossos semelhantes, estas sim, não deixamos de vê-las nunca! Vemos os demônios, mas não percebemos os santos.

— O que acho dos santos? Não me queixo de nenhum deles, não... Até me dou bem com todos. Entendi

sua pergunta. Estou apenas brincando. Para mim, santo não é quem a Igreja santifica. Mas todo aquele que pratica o bem sem querer fazer de sua atitude chave para abrir as portas do céu. Aliás acho até que céu nem portas tem, concorda? Céu é o Espírito Divino pairando sobre todas as criaturas. Como vivemos aprisionados em nosso egoísmo e pequenez, julgamos que o céu é um espaço igual à nossa casa, com portas, janelas, fechaduras, taramelas e traves. Não, não é assim! Também não é um espaço cor de anil, com nuvens de algodão e anjinhos com cabelos dourados, voando de um lado para o outro, como eu pinto no teto das igrejas. Sei que aquilo não corresponde à realidade. São formas de representar o que o povo imagina. Se eu fosse expressar na pintura minha concepção de céu, o povo iria dizer: — Acode, gente! O artista endoidou de vez! Peguem o homem logo, amarrem e desçam com ele! — Primeiro, os anjinhos sertanejos seriam meninos de cor, roupas de algodão, tecidas em teares e cosidas à mão feito minha mãe fazia. Depois, meu céu seria igualzinho ao Sertão: um lugar de muitos lugares. Figuro que a gente entra no céu a hora que desejar. Basta apenas cuidar da terra, das águas, das plantas, dos animais, do chão e dos avoantes; saber abrir as mãos e o coração para socorrer quem sofre. Cada criatura pode começar a viver seu céu aqui mesmo na terra. Mas tem que ser construção coletiva. Não há céu individual. Céu é obra de todos e para desfrute coletivo. Concorda?

Balancei a cabeça positivamente.

— Se eu me sinto no céu? Sou pecador, mas o Amor tem limites não. Em sua grandeza, acolhe os que erram por fraqueza e se arrependem. Só os soberbos ficam longe da luz. Orgulho e vaidade envenenam a alma. Inveja, vingança e ódio também não aproximam ninguém do céu que nos cerca. Só afastam.

— Religião? De um modo geral, parece que todas as religiões tentam pregar o bem. Por falar nisso, Deus não tem religião alguma. Não foi ele que criou as religiões. Por isso, ele não tem preferência pelo credo A, B ou C. Cada povo desenvolve sua cultura e no bojo dela aparecem as religiões, tentativas de atingir o Divino. Religião é cultura, vem impregnada na carne e na alma. Como elas são criações dos homens, cada uma tem suas luzes e seus abismos. Ainda assim, ajudam a melhorar a convivência. Pregam justiça, igualdade, fraternidade e outros valores que findam se incorporando aos costumes e às leis. O valor de uma religião está na dimensão que ela dá à ética do amor e da justiça. Além disso, religiões mitigam ânsia.

— Ânsia, sim! Estamos sempre em viagem e não sabemos quando e aonde vamos chegar. Verdade é que ainda estamos sendo feitos. Carecemos de completude. Passageiros, peregrinos, caminhantes, estamos sempre em busca de plenitude e felicidade. É isso o que eu penso, mas cada pessoa tem uma maneira própria de pensar. O modo como eu penso é minha identidade. Você também tem seu modo de pensar e sua identidade. Por isso a gente precisa respeitar a maneira de pensar uns dos outros.

Certeza engana

— Dúvidas?... Ah, meu filho, tenho muitas, muitas, mesmo! A dúvida perde qualidade quando se transforma em certeza, porque aí a gente para de indagar. A incerteza nos obriga a pensar e descobrir. Neste momento, não estamos pensando, estamos apenas conversando. Pensar requer silêncio e solidão. É uma conversa da alma consigo mesma. O ato de pensar tem também seus obstáculos. Não é como um rio que corre em liberdade para o mar. Exige esforço, concentração, avanços e recuos. Às

vezes, é preciso isolar-se, ficar deslembado do mundo, sem ver mais coisa alguma ao redor. Parece até que a pessoa se esqueceu de si. Na verdade, é aí que a gente sabe mais sobre a própria existência e descobre quem é essa criatura que habita em nosso corpo e que, às vezes, erra muito porque fala demais. Moço, cuide de dominar suas palavras, senão elas findam dominando você!

O artista trabalhava e, ao mesmo tempo, conversava comigo. Eu o escutava, anotando o que podia.

— Gosto de quem me faz perguntas, de quem me provoca, desafia, duvida do que eu digo, discorda de mim e sabe argumentar. É bom ter ideias próprias e não viver o tempo todo se escorando no pensamento dos outros.

Pensei que estava atrapalhando o trabalho dele, mas em sua solidão ele carecia mesmo era de alguém para conversar.

— Não! Você não interrompe meu trabalho em nada. Sua presença em meu ateliê trouxe luz. Remocei. Acredita? O povo de hoje menospreza a velhice. No máximo, ao passarem por um idoso, uns dão bom-dia, boa-tarde, outros nem isso fazem. Os índios que habitavam esses sertões, antes do branco tomar-lhes as terras, respeitavam e admiravam os velhos. Quanto mais idade, tanto mais saberes a criatura de Deus tinha para transmitir. Como não havia escolas, a aprendizagem acontecia nas relações do dia a dia, no ambiente da família e do grupo. As escolas de hoje só se preocupam em dar instrução. Mas será que elas educam? Acho que se preocupam demais com a inteligência e não investem no culto da sabedoria. Sem esse valor, a existência amesquinha-se. Além disso, se uma geração deixa de transmitir sua cultura à geração seguinte, dá-se uma quebra, uma ruptura no processo. O povo precisa conhecer sua própria história e ela só tem valor se for contada a partir de suas lutas, sofrimentos, dores, derrotas e vitórias. A história conta-

da nos livros das escolas pouco ou nada acrescenta. É história decorada, escrita por pessoas despossuídas de senso crítico, que querem fazer outras iguais a si pelo mundo afora. História que não parte do lugar onde a gente nasceu e vive, pouco serve para criar e fortalecer o senso de pertinência.

— Pertinência, sim! O povo precisa se orgulhar de pertencer ao lugar onde mora e valorizar a cultura produzida por seus artistas, músicos, poetas, escritores e filósofos, gente que nasce nas camadas do povo, como eu nasci; gente que vive e respira os costumes de sua terra. Pertencer a um lugar é conhecer suas raízes e poder dizer com segurança: — Meu mundo faz parte de minha alma, é minha realidade. Nasci e me criei aqui. Eu sou donde eu nasci! Claro que nem tudo é um mar de rosas. Cada comunidade tem seus interesses, rivalidades, ambições, mesquinhez, tensões e conflitos. A vida é assim mesmo: cheia de contradições e forças que se contrapõem. Quando umas puxam para um lado, outras atuam em sentido contrário para equilibrar a vida. Em toda parte a pequenez convive ao lado de comunidades de atitudes que enriquecem as relações. São esses grupos de identidade que acenam, gesticulam, equilibram e positivam a vida.

O artista não teve oportunidade de frequentar escola. Mas aprendeu observando o mundo e lendo tudo o que chegava às suas mãos.

Naquele dia, guardei na memória a maior parte de suas palavras. Não deu tempo anotar tudo em meu caderninho, pois ele já estava fechando a porta de saída de seu ateliê. Toquei-lhe de leve as costas, abracei-o com afeto. Depois, desapareceu no lusco-fusco da noite que caía sobre a vila já em silêncio e se preparando para o adormecer.

Fui embora.

Tesouro de sabedoria

Meses depois, voltei. Quando apareci na porta de seu ateliê, seus olhos encheram-se de brilho. Foi logo dizendo que tinha se lembrado de muitas outras histórias para me contar. Entrei no ateliê. Depois de pronta, a escultura tinha sido entregue. Mas já o esperava novo bloco de cimento curtindo, para ser esculpido. Nunca vi tamanha operosidade!

Sentamo-nos em dois tamboretos, bem pertinho um do outro.

— Por onde andei? Percorri os caminhos de minha infância. Chove muito em toda parte.

— Natureza em festa! Sobejidão! — e completou: — Em tempo de inverno, as vidas nascem do nada. Nesses sertões, a gente aprende a pensar apenas observando a natureza desabrochar e o modo de ser das criaturas. Basta pensar, aí as ideias aparecem, assim, de repente! — e, piscando os olhos, estalou os dedos no ar.

— Se gosto de ler? Muito! E gosto mais ainda do que está além da leitura. Verdades que se ocultam. — Fé? Também. Agora saiba que na vida mais importância que a fé tem o amor e a disposição para socorrer nossos semelhantes quando se encontram em desespero, doença, fome, pobreza e miséria. Admiro uma mulher que mora aqui na vila. Quando ela tem notícia de algum enfermo, bota um pano na cabeça, larga todas as suas obrigações, deixa até de ir à igreja, mas socorre o doente onde quer que ele esteja. Vai fazer o que a criatura precisa e não tem condições de realizar. Lava roupas, passa ferro, rala milho, cozinha, bota água nos potes, cuida da casa, dos meninos, dá banho, remédios, faz essas coisas assim. Que grandeza! Às vezes, sem ao menos conhecer a família do enfermo, ela dá força, ajuda no que pode e até no que nem pode. Vai e volta tantas vezes o doente precise. Se

não melhorar, assiste-lhe na morte e se faltar padre, encomenda a alma do moribundo a Deus, reza, puxa inelências e ainda conforta a família. Para mim, fé é atitude, não é? Mas ela não é a única pessoa que faz caridade nesse mundo, não. Compadre Thomaz, lá do Acaraú-Mirim, me deu notícia de uma mulher que nasceu e morreu nas terras do Ceará. Vulgarizada na pia batismal com o nome de Petronila, ela assiste a partos — disse-me ele — unção de moribundos, faz enterros, extração de bala no cutelo e a sangue frio, encarrega-se de passar rosário em bruguelos quase sem vida, reza contra carnes quebradas e nervos rendidos, suga com a própria boca veneno dos ferimentos de mordida de cobras, depois de ter garroteado perto dos lugares chagados, tarefa que o mais corajoso dos homens não se dispõe de bom grado a fazer. Ela executa isso tudo com amor, como se os enfermos fossem os próprios filhos que não os teve.

Parou um instante, olhou para mim com muita força de expressão, alisou meu braço com ternura e completou:

— Se você não ama o irmão que está diante de seus olhos, como é que vai amar um Deus que você não vê? Precisamos reconhecer Deus em cada pessoa que esbarra em nossa frente ou passa com necessidade em nossa porta. Se a gente tem o que dividir, pode deixar uma criatura faminta ir em frente não. Muitos pensam que isso é atitude cristã, mas não é! É atitude de amor ao semelhante, largueza do coração que qualquer pessoa precisa demonstrar, tenha religião ou não! — exclamou com tanta convicção que o cinzel saltou de sua mão e foi cair longe. Apanhou a ferramenta e continuou: — Quem age assim entra em comunhão com Deus, qualquer que seja sua religião ou mesmo que não tenha nenhuma. Saiba também que Deus tem muitos nomes mundo afora. Os nomes não importam. O que importa mesmo é a essência. Uma vez, conversando com o farmacêutico Alcindo,

ele me disse que os laboratórios homeopáticos Fontoura, Diniz e Sabino Pinho botam os nomes que querem num mesmo remédio. O que vale é o princípio-ativo. Mal comparando, figuro que Deus é assim. Não importa o nome. Importa a essência divinizada.

Olhou para mim e, mais uma vez, leu com exatidão meus pensamentos:

— Vai ver que está pensando que li as Escrituras Sagradas todinhas, de ponta a ponta, não é isso? Pois não li quase nada, não! Veja bem: o conhecimento de Deus não se adquire pela leitura de Livros Sagrados, confissão de pecados, prática de sacramentos ou frequência a culto ou credo que cada um tem liberdade de escolher. Isso pode até ajudar a amolecer o coração. Mas às vezes atrapalha. A criatura fica enganada, pensando que já se encontrou com Deus e não é verdade. Repito: só amor e caridade nos aproximam de Deus. Nada mais. Olhe lá no final da rua a igreja! Nela, entra e sai gente toda hora. Estão buscando o quê? Deus? Pois saiba que ele não mora lá dentro, não! Ele está onde estão suas criaturas, embora ele não se confunda com elas. Sou um homem sem letramento. Não sei me expressar sobre a natureza de Deus, mas tento conhecê-lo, amando e fazendo o bem às pessoas que me rodeiam. A gente não ama as criaturas porque passou a conhecer Deus. A gente só conhece Deus se, primeiro, amar suas criaturas. E nem pense que foi alguém me ensinou essas coisas não! É luz. As maiores descobertas que a gente faz é refletindo, sabia? Cuido que antes de qualquer coisa é preciso a gente reformar o próprio íntimo. Entenda bem: inteligência não eleva. O que eleva é a abertura da alma, a busca por alguma coisa maior que está fora, mas está também aqui dentro da gente! Sabedoria é luz. — Deus? Pode até ser... Mas a maioria das pessoas pensa que Deus é uma criatura que tem parecência com a gente. Acham que ele socorre, castiga, controla diretamente nossas vidas e até

mata quem ele quer e quando quer. Figuro que só a prática do bem pode nos levar à compreensão de Deus. A vida quer verdade, não é? Sem a verdade, o que somos? Nada! A verdade cabe em todo lugar, pode ser compreendida por qualquer pessoa, tenha estudo ou não. A verdade é simples. Eu prefiro compará-la com flores. — Isso mesmo, flores! Maio é mês que corre friinho aqui no Sertão. Você veio de longe, andando estrada afora e deve ter visto flores de todas as cores e tamanhos pelos campos. Pode ir cheirá-las que cada uma tem perfume próprio e algumas não possuem nenhuma fragrância. No entanto todas são flores. Isso significa que não existe uma única flor. Da mesma forma, não existe uma única verdade, que pertença a alguém com exclusividade. — As religiões? Ah! Cada uma possui suas verdades. Por isso, elas devem respeito umas as outras.

Só há uma explicação para tanto saber num homem que não teve oportunidade de frequentar escola: infância maturada em ambiente de pessoas iluminadas.

Naquele dia, não precisei mais conversar. Tinha bastante material nas mãos. Em silêncio, o artista continuou trabalhando e eu fiquei sentado numa mesa escrevendo tudo o que ouvira e anotara.

O crepúsculo começou a invadir os espaços do ateliê. Preparei-me para ir embora. Antes, porém, fiz um comentário com o qual ele concordou:

— É verdade! Quando a gente parte, não sabe ao certo se um dia vai voltar ou não... A gente nunca imagina como serão daqui a alguns minutos os desenhos das nuvens que vagam no céu. Num instante, tudo muda. A vida, também.

Pedi-lhe mais um ensinamento.

Ele riu, colocou a mão no meu ombro e disse:

— Sabia que ninguém não ensina nada a ninguém? Para aprender, basta abrir a alma que a verdade penetra

silenciosamente. Conhecimento, a gente adquire sozinho, pelejando e insistindo. Repare esses versos de Camões: *Não se aprende, senhor, na fantasia,/ Se não vendo, fazendo e pelejando!* É claro que a ajuda de um mestre vale ouro. Mestre não é quem ensina, e sim, quem dá pistas para o outro fazer suas próprias descobertas. Para conhecer é preciso ir e voltar muitas vezes. Saber ensinado pelos outros se apaga mais rápido que um desenho na água. O conhecimento vem da intimidade com o que a gente faz. É uma troca. Eu aprendo misturando minhas tintas. Elas me mostram reações de cores, consistência e tudo mais. Pego nos pincéis e eles parecem que respondem a meus movimentos, como se tivessem vida. E as luzes e as sombras e as cores dos suportes onde pinto interagem com minhas tintas, enquanto a obra ganha rumo e forma. Nessa relação, há trocas, muitas trocas. Bato o cinzel no bloco de concreto e a peça artística começa a tomar forma e se libertar com alma de dentro da matéria. Sim! Antes que me esqueça, vou lhe passar uma regra de ouro bem simples que meu pai adotava como atitude de vida. Ele sempre me dizia: — *Meu filho, o que não queres que te façam, tu não o faças aos outros, nunca!* Às vezes, ele positivava o mesmo conteúdo: — *Miguel, sempre faças aos outros tudo aquilo que queres que te façam!*

Agradei, despedi-me dele e fui embora.

Alma de Poeta

Passaram-se alguns anos, até que um dia voltei. Sabia muito bem onde encontrar o artista: no seu espaço de sonhos, entregue ao labor do seu dia a dia. Engano. Não o encontrei no ateliê, e sim, em casa. Envelheceu. Boina na cabeça, apoiado num cajado, pouca visão, quase nenhuma audição, memória de menino. Não trabalhava mais em esculturas, nem pintava. A idade roubara-lhe a força e o equilíbrio do corpo. As forças da

alma, não. Ia ao ateliê diariamente recompor lembranças, reviver. Viver.

— Por que voltou?

Bem próximo de mim, segurava-me os dois braços, com a ternura de sempre.

— Saudade!

— Saudade?

— Sim! Quando vejo o amigo é que a saudade afraça um pouco.

Ele riu.

— Tinha certeza de que ia voltar. Só não sabia quando. Por isso, todo dia o esperava. Ainda temos o que conversar. Sentou-se. Sentei-me juntinho dele.

— O senhor é pintor, escultor, filósofo e poeta. Qual a matéria-prima de cada um desses artistas que mora em sua alma?

Olhou para mim sorrindo e, entusiasmado com a pergunta, me deu uma aula, uma aula de mestre:

*A matéria-prima do pintor é o traço,
e não, a tinta.*

*Do escultor, a forma que ele liberta
de dentro da matéria.*

Do filósofo e do poeta, é a palavra.

Com ela, o filósofo convence.

Com a palavra, o poeta emociona.

*O artista encontra sem procurar,
o filósofo procura e nunca encontra.*

*O artista acredita sem ver,
o filósofo ver e não acredita.*

*O artista contenta-se com a beleza,
o filósofo quer saber o que é a beleza
e de onde ela vem.*

O filósofo polemiza, o artista pacifica.

O filósofo conceitua,

*o artista embeleza.
Um provoca tensão,
o outro humaniza.
Um pisa no chão, o outro, em nuvens.
Um sacode, o outro acalenta.
O filósofo provoca inquietação,
o artista tranquiliza.
O filósofo vive procurando,
o artista, apenas olhando.
O filósofo grita,
o poeta canta,
o artista encanta!*

Mais uma vez, apanhei-o de surpresa e ele, como sempre, mostrou sua genialidade. Um tesouro! Só depois de anotar tudo, mudei de assunto:

— Quero que me fale de Adolfo, aquele amigo seu que veio de longe, lembra?

Vendo meu interesse, saiu me contando em pedaços a história do amigo. Foi assim:

Judá

— Adolfo era um homem Extraordinário! Extraordinário! — e com emoção continuou: — Uma ocasião o Velho Duda do Macapá acertou um trato para comprar um gado na fazenda Olho d'Água do Cunha. Adolfo não morava lá, mas foi se encontrar com ele. Como não gostava de andar sozinho, me levou na garupa do cavalo para servir de companhia. Depois de muita peleja para fechar o negócio, Duda notou que o homem entendia de tudo, menos de fazenda e de gado:

— Adolfo, alguém já me disse que você não distingue um boi de uma vaca. Estou vendo que é verdade. Não vai dar para eu comprar seu gado, não. É melhor a gente gastar o tempo prosando.

O artista fez uma pausa, guardou alguns papéis numa gaveta e apagou uma luz que iluminava os fundos do ateliê. Pensei que fosse desistir de me contar o que sabia sobre aquele homem de barbas cor de algodão, fisionomia austera, cujos olhos fitavam-me qualquer que fosse o ângulo em que eu estivesse, como se desejasse me contar tudo sobre sua vida. Logo que terminou o ritual de arrumação de seus pertences, o artista acomodou-se numa cadeira em minha frente.

— Você conheceu o olho d'Água do Cunha?

— Só de ouvir falar.

— Então, guarde na memória este verso de Pinto do Monteiro que é mesmo que ter ido lá:

*O gado brabo bebia
No olho d'Água do Cunha,
Descia devagarinho,
Bem na pontinha da unha,
Descia, mas não bebia,
Quando notava que havia
Vaqueiro por testemunha.*

Depois prosseguiu seu relato:

— Naquele dia, sentados no alpendre da casa-grande do Olho d'Água do Cunha, os dois amigos, Adolfo e Duda, puseram-se a conversar até o sol pender. Eu ficava ali por perto, só escutando as histórias, não por abiu-dice, mas porque toda criança gosta de ouvir relatos de bravura e valentia, coisas que causam emoção como as guerras que antigamente aconteciam no Mundo-Sertão. Parece até que estou ouvindo Adolfo dizer: — Duda, ninguém aqui conhece o mundo não! Eu posso afirmar que conheço. O homem para saber das coisas, ou é estudado ou viajado. Não tirei carta de doutor, mas viajei muito. Meu pai se chamava Bonavit, minha mãe Judá, nome encantador! Judá! Ternura, carinho, amor são lem-

branças que guardo dela. Nunca mais voltei para abraçá-la... Ela morreu sem me ver e sem me dar adeus. Culpa minha!... Meus filhos tinham muito apego a mim e viam perigos na viagem. Hoje não adianta voltar para rever meu país. Esta é a terra que escolhi para viver. É nela que vou morrer. Aqui finquei minhas raízes e delas brotaram ramos e dos ramos, frutos. Destino? Sei lá!... O que dirão de mim meus descendentes? Que fui um louco, talvez. Será?... Todo judeu sai mundo afora em busca de duas coisas: dinheiro e felicidade. Hoje, tenho ambos e pergunto: — Por que vim parar aqui? Respondo: eu morria de vontade de ir para a América, só que o país estava em guerra civil, o Norte contra o Sul. A Guerra da Secessão. Por isso, judeus de toda a Europa estavam preferindo vir para o Brasil. Na influência de amigos e louco por aventuras, larguei-me de lá e vim parar aqui. Sei não!... Às vezes, penso que amarraram meu coração com embiras de caroá no tronco de alguma baraúna, dessas que ficam pousando na beira dos caminhos, testemunhando o ir e vir das criaturas. O tempo não as destrói. Só pode ter sido isso! Foi aqui que recuperei minha saúde e encontrei a mulher que amo.

— Fortuna? Fiz não, Duda! Fiz não! Vivo bem, vivo bem! Sou pessoa remediada, digamos... Cheguei aqui com 14 contos de réis no bolso. Parecia dinheiro, mas, comparado ao capital que tenho hoje, era nadinha. Nadinha mesmo. Para formar patrimônio em terra sem chuvas como a nossa, é preciso entender muito de dinheiro. Como você sabe, do chinelo para a bota é longe que é danado, mas da bota para o chinelo é bem pertinho. E digo mais: a pior ruína é a financeira! Esse nosso Sertão é de tal forma dadivoso que um homem com disposição para trabalhar sai da miséria para a riqueza em poucos anos. A dificuldade é manter-se na prosperidade. Não voltar à pobreza exige madrugalar todos os dias.

— Terra? Ah, Duda! Terra é tudo aqui! Sem terra, o sujeito não faz fortuna, nem vale nada! Comprar terra ainda é bom negócio. Só não sei se será sempre... As coisas mudam. Pode ser que um dia terra não sirva mais para fazer dinheiro. Hoje, a riqueza está no campo, amanhã pode se deslocar para as cidades. Só Deus sabe...

— Esse mundão de terra? Comprei aos Wanderley Vieira da Cunha. Eram os restos de uma sesmaria que os antepassados deles haviam recebido nos idos de 1700. Por isso, esta fazenda se chama Olho d'Água do Cunha. Perto daqui, tem a Cachoeira do Cunha. É uma nesga de terra que eles desmembraram e deram à família de um vaqueiro que morreu defendendo um deles contra o ataque de uma onça. Dizem que a bicha entrou por uma brecha na tenda de madeira onde eles estavam. Faminta, atacou o sesmeiro. Para defender o patrão, o vaqueiro agarrou-se com ela. Rolaram pelo chão. Uma brutalidade! O vaqueiro furou-a várias vezes com uma peixeira, matando-a, afinal. Minutos depois, ele morreu, tamanhos eram os ferimentos abertos pelo felino. O sangue esvaiu-se e pronto. O paulista ficou horrorizado, foi embora e nunca mais voltou. A compra que fiz abrangeu Firmeza, que antes era uma tenda de vaqueiro com o nome de Zé dos Santos, o mesmo que morreu lutando com a onça. Naquela época, os lugares costumavam ter os nomes dos vaqueiros que cuidavam do gado. Os proprietários, donos de riquezas e patrimônio em lugares distantes, tomavam posse das terras, instalavam um curral, dois, três, entregavam cada um deles com semente de gado a um vaqueiro, depois iam embora e a fortuna ficava se multiplicando, sem despesa alguma. Nos séculos XVI e XVII, os Garcia d'Ávila moravam na Casa da Torre, castelo que eles construíram na Baía de Tatuapava, distante cinco léguas de Salvador. Eles eram os donos da maior propriedade particular do mundo. Os

Wanderley Vieira da Cunha tinham seus negócios em São Paulo e aqui. Custódio Alves Martins ia aos sertões do Pajeú e voltava, os Oliveira Ledo, dominaram essas bandas da Paraíba todinhas. A Fazenda Firmeza era uma tenda, sim! Rancho de vaqueiro, na época, também chamado curral de gado. Em 1904, construí a Casa-grande e o Açude da Porta. Se Deus quiser e me der saúde, ainda vou fazer muitas melhorias naquela fazenda. Quero que meus descendentes saibam para que valem coragem e disposição. É trabalho que gera riqueza. Nunca me interessei em receber herança, mas quero deixar bens para meus descendentes. Espero que saibam valorizar o que adquiri com muito sacrifício, torando léguas e mais léguas em lombo de burro. Mas não me engano, não. Sei que para uns nada disso terá significado algum. Outros, com certeza, saberão dar valor aos meus passos. Minha história foi uma saga, uma gesta. Tenho certeza de que algum descendente meu um dia pisará nessas terras com respeito e orgulho. Mesmo não morando aqui, vai existir quem saberá o que esse chão significou para quem veio de tão longe. Quem sabe alguns deles haverão de contar minhas histórias a seus filhos... Quem sabe algum neto haverá de receber carta de doutor que o velho Bonavit sonhava que eu tirasse e eu não tirei. Fiz foi seguir outro destino bem diferente. São coisas que são!... Quem sabe a inteligência de algum deles o coloque em posição de destaque nas terras desse mesmo Brasil. Se isso vier a acontecer, os passos que dei em lombo de burro para enriquecer nesse deserto terão valido a pena. As terras com certeza irão mudar de mãos, mas o nome de família se pereniza. Basta estudar, economizar e fazer fortuna. Com honradez, é claro!

Eu escutava o artista, anotava o que podia, sem nada perguntar. Calmo, ele parava como se nada mais tivesse a dizer. Depois, assuntava e prosseguia seu relato com ri-

queza de detalhes sobre a vida de Adolfo, cujo mistério, aos poucos, ia sendo desvendado.

O artista reaprumou a coluna, deu um limpado de garganta feito fosse pessoa que fumasse, olhou para mim e disse:

— Vou lhe contar fatos que nunca contei a ninguém. Escute e se não tiver boa memória, apresse a pena. É a história de um moço chamado Samuel. Samuel era sobrenome. Ouvi esse relato dele próprio. Escute:

De médico a mascate

Meu nome verdadeiro não é Adolfo. Meu pai queria que eu fosse médico. Mas eu gostava mesmo era de conversar, conhecer gente e ouvir histórias de homens de coragem que cruzavam mares em busca de riqueza e de aventuras. Vez por outra, meu pai me dizia:

— Samuel, Samuel... Crie juízo, meu filho! Crie juízo! Esse negócio de viver com a cara pra cima, sonhando e contando estrelas, não dá dinheiro a ninguém, não. Se você não quer ser médico, faça o que seu avô fez: vire negociante que você vai se dar bem!

Pensei em ir para os Estados Unidos, mas como já disse o país estava em guerra civil. Por isso, mudei de ideia e de rumo. Um dia, quando meu pai menos esperava, sumi. Sumi mesmo. Depois de muito tempo fora de casa, por um golpe do acaso, ele soube que eu estava no Rio de Janeiro. Ficou espantado com minha coragem e preocupado com o que pudesse acontecer comigo nas terras de outro continente. Nem imaginava a distância! Os perigos eram sempre muitos para um moço que tinha 16 anos, se... Por isso, mandou ordens com toda a autoridade de pai para eu regressar à França no primeiro vapor que aparecesse. Se me aconselhou a ganhar o mundo, por qual razão me chamou de volta, Duda?

— Vai ver que não quisesse você tão longe... — respondeu o amigo, só por responder.

— Talvez!... Talvez!... — concordou sem convicção e continuou sua narrativa:

— Pois bem. Decidido a voltar, peguei um cargueiro espanhol que ia atracar no Porto de Paris. Ao passar pelo Recife, o navio demorou-se uma semana, esperando completar a carga. Aproveitei o tempo para conhecer o burgo e sondar o mundo dos negócios. Já possuía faro de comerciante. Foi aí que fiz amizade com um judeu italiano, chamado Zaccaria, conhecido por seus clientes com o apelido de Seu Zaca. Ele vendia joias de ouro e de prata com adornos de pedras. Quando ele abria o mostruário para os clientes dizia com emoção e encanto: “Vejam mesmo que preciosidade!” Mascate experiente, sabia vender e só vendia joias de valor. Falava português quase sem nenhum sotaque. Os lucros obtidos nos sertões, ele transformava em chão no Recife. Mandava limpar, cercar, fazia algumas benfeitorias e botava para vender pelo dobro do preço que havia comprado. E vendia sem dificuldade! Três dias depois de conhecê-lo, nos reencontramos na Rua dos Judeus, nome que em 1878, não sei por qual razão, mudaram para Rua do Bom Jesus, mas o povo continuou chamando Rua dos Judeus. Fomos conversar num café que ficava nas proximidades. De repente, ele olhou para mim e botou uma doidice do tamanho do mundo na minha cabeça:

— Samuel, viver alisando cais de porto só presta para marinheiro e prostituta. Você precisa conhecer outros mundos, lugares bons de negócios. Por onde eu ando, os caminhos não têm fim. — Perigos? — Ah! São muitos, muitos mesmo. Mas para um moço como vosmecê, aventura traz emoção. Ruim mesmo é ficar nessa vidinha de merda por aqui ou voltar. A Europa é lugar de velho, menino! Volte para lá não! Próxima semana, eu viajo e nem

sei quando volto, e se volto!... — fez uma pausa, pediu mais dois cafés e perguntou: — Quer ir comigo?

Doido por aventuras, esqueci a ordem de meu pai e larguei-me no mundo em companhia do mascate. Minha imprudência era tanta que nem procurei saber quem, na verdade, ele era. Sabia apenas que vendia joias e me disse que tecido era mercadoria que dava dinheiro igual a ouro. Emprestou-me um pequeno capital para as primeiras compras e me arranhou dois animais de sua frota.

— Samuel, se você quiser progredir, não faça nada de graça para ninguém. Procure ter lucro em tudo, nem que seja pouco! — e completou: — Nesse nosso negócio, além dos juros pelo dinheiro que estou lhe emprestando, você vai me pagar aluguel dos animais e ainda comissões sobre as suas vendas. Aceita?

Concordei sem objeção. Estava abrindo portas para mim.

Na primeira viagem, não fomos muito longe, não. Mas demoramos a voltar. Percorremos a Mata-Sul de Pernambuco e chegamos até as Alagoas. Terra de prosperidade. Os senhores de engenho só compravam o que tinha beleza, peso e qualidade. Pagavam tudo à vista. Lugares de muita chuva, umidade e doenças, aquela região da Mata-Sul. Sem agasalhos, padeci com frieza e chuva sem cessar, dias seguidos. Ganhei bastante dinheiro, mas, em menos de um ano, perdi a saúde. Voltei para a capital vendo o meu fim. Seu Zaca me levou logo a um médico. Ele me auscultou e deu o diagnóstico:

— Tuberculose, meu filho! Tuberculose! Deixe a Mata e saia dessa cidade o mais rápido que puder. Vá passar uns tempos em algum lugar de clima seco. Coma bem e repouse bastante que você fica bonzinho, já que seu caso não é de tanta gravidade assim — e, lavando as mãos bem lavadas com sabão da terra, completou: — A

doença está apenas no começo. Se cuide! Clima, leite e leite é tudo o que precisa! Entendeu?

— Duda do Macapá!... Naquele instante faltou terra nos pés de seu amigo. As pernas tremiam que só varar-verde. Vi a morte em minha frente. Nessas horas é que a gente se lembra que tem pai e mãe e se arrepende de não ter escutado os conselhos deles.

Sorte que Seu Zaca era homem passado no mundo. Conhecia muita gente e tinha amigos em toda parte, pessoas a quem ele emprestava dinheiro a juro. Por isso, foi logo tratando de arranjar algum lugar de clima saudável para eu me curar. Nem demorou muito, veio me dizer:

— Se prepare que amanhã cedinho vou levar voscê para a fazenda de um amigo meu em Barra de São Miguel. Fica nas serras, tem clima de qualidade, água com propriedades, fruta, carne e leite em abundância.

Carinho e agasalho

A viagem quase não acaba mais, tamanha era minha debilitação. Penei. Quase morria de fraqueza e de tanto esforço para tossir. Horas houve que vi a morte quase chegando. Pensava que Seu Zaca ia me sepultar na beira do caminho, Sobrevivi, só Deus sabe como.

Quando chegamos lá, ele contou meu estado de saúde ao fazendeiro.

— Se aperreie, não, moço! Se aperreie, não, que nem tísica-galopante gosta do clima dessa fazenda! Quanto mais uma tossezinha besta que nem essa sua. Vai ficar bonzinho! Vai ficar bonzinho! Pode escrever!

O fazendeiro chamava-se Norberto. Melhor dizendo, Norberto da Palmeira. No mesmo instante, virou-se para um de seus vaqueiros e disse:

— Sotero, de hoje em diante, você tire o leite da vaca-preta separado que é para a gente curar a tísica desse menino.

Vocabulário minguado, aprendido com sofreguidão, me virei para o mascate e perguntei:

— O que é tísica, Seu Zaca?

— Tuberculose, Samuel! Isso que vosmecê tem.

Cheguei à fazenda encaveirado, com uma tosse daquelas que fazem eco na caixa dos peitos. Depois de cada acesso, ficava com os olhos esbugalhados, querendo pular das órbitas. Era um cansaço sem fim. Dava dó.

Um dia, um vaqueiro da fazenda, vendo meu sofrimento, disse:

— Moço-Samuel, conheço uma rezadeira, cujas rezas dela têm muita força, virtude e poder de cura. Se procurá-la, vai ficar bonzinho num estalo de tempo.

Perguntei a Seu Norberto, se valia a pena vê-la.

— Vá lá não, Menino-Samuel, vá não! Sei o que é isso. O que cura tísica é feijão, muito feijão, carne de boi, tutano de corredor, pirão, leite, fruta e clima. Tenha pressa não, menino! Vai melhorar e não demora!

Passei quase um ano na fazenda. Aquele Seu Benvenuto da Palmeira era homem de muita bondade! Me recebeu com toda distinção. Dona Eufrasina, um anjo. Me tratou como um filho que não o teve, pois os oito que possuía eram todos de criação. Meninos e meninas que pegou ainda nos cueiros. Preocupados com minha saúde, ninguém me deixava fazer nada. Só comer e dormir. Mais do que isso, todos me fortaleciam a alma com palavras e provas repetidas de carinho e agasalho. Nem cortado em pedaços, eu pagaria o que fiquei devendo a todos os que moram na Palmeira. Voltei lá muitas vezes, só pagando afeto e companhia àquelas pessoas que foram para mim anjos da guarda em hora de desvaliação. Todo o meu reconhecimento ainda é pouco para com-

pensar o trato que me deram num lugar onde cheguei enfermo de um mal que pega e me trataram como príncipe. Num mundo de tanta sujidade encontrar gente assim toca a alma de qualquer criatura. Acho que aquelas pessoas que moravam na Palmeira eram lamparinas de Deus alumando os caminhos de quem quer que necessitasse de ajuda.

Aproveitei para aprender a língua e os costumes do interior. Algumas semelhanças com o mundo-judaico me intrigavam.

As mulheres andavam de silhão. Quando montavam na garupa, sentavam-se de lado com muita decência e compostura. Havia muito pudor nas atitudes. Elas viviam quase reclusas. Pais, irmãos e maridos tinham muito ciúme. Senhoras e donzelas não podiam ter contato com homens que não fossem membros da família.

À tardinha, os vaqueiros da fazenda aboiavam, chamando o gado. O aboiio deles era um cantar dolente, com cadência e ritmo que se alongava, quase parando em cima de cada vogal. Parecia alguma prece ou canto, que eu recordava ter ouvido em comunidades de meu povo, quando criança.

Um dia Seu Norberto virou-se para sua mulher e disse:

— Eufrasina, vá ajudar a assistir comadre Quitéria que está morre-não-morre. Ela foi e passou a noite inteira dando assistência à moribunda. Eram assim. Se alguém passasse na porta deles com fome comia e ainda recebia comida e provisão para a viagem. Por isso, a mão de Deus baixou na Palmeira e todos os bens de fôlego e de raiz produziam mais que em outros lugares. Comida sobejava. Os filhos do coração pareciam filhos do próprio sangue. Seguiam o exemplo dos pais e a eles davam só prazer. Nunca vi tanta harmonia num só lugar. A religião deles era amor e caridade.

Ao sair de casa, as mulheres botavam pano na cabeça. Coincidência ou não, esse era também costume de mulheres judaicas. Eu não tinha ideia de como tais usos haviam chegado àquelas terras.

Bem tratado, engordei tanto que as roupas ficaram todas perdidas. Sarado da doença, preparei-me para ir embora. Antes, porém, cuidei de acertar as contas. Na minha cultura, não havia préstimos, tudo custava dinheiro.

— Coronel Norberto, quanto lhe devo pelo tempo que fiquei aqui?

O coronel bateu com mãos de chumbo em minhas costas. Sentindo a robustez da musculatura e, esboçando sorriso de felicidade, disse:

— Nada não, meu filho! Deve nada, não! Há muitos anos, cheguei aqui para me curar de tísica, igualzinho a você. Sarei do peito e resolvi ficar por aqui. Sei bem o que é isso. Se cuide que aquela danada não volta mais. Nunca mais!

Tantos gestos de bondade e atitudes de acolhimento dele e de Dona Eufrasina me comoveram. Ele foi um pai para mim, um pai! Ela, uma mãe.

— Coronel Norberto me vende a vaca-preta?

— Vendo, sim!

Agradecido por tudo o que fizeram por mim, paguei pela vaca o preço que ele pediu. Na hora de partir, apertei com firmeza a mão de Seu Norberto, como forma de expressar-lhe toda minha gratidão.

Sem soltar minha mão e arrastando a voz, quase parando em cada sílaba, como era seu modo de falar, ele perguntou:

— Menino-Samuel, quando é que manda buscar a vaca?

— A vaca-preta é um presente que deixo para sua filha, Menina-Marta, coronel!

Marta era uma enjeitada nos cueiros que deixaram na porta dele logo que cheguei lá.

Uma vaca nada representava para quem possuía centenas de cabeças. O que o tocou foi meu gesto.

Não pôde recusar. Seus olhos marejaram, nos abraçamos e parti.

Antes, me despedi de toda a sua família, dos empregados e dos vaqueiros. Discretamente, gratifiquei os humildes. Ninguém queria que eu fosse embora.

Mas tive que ir!

Destino traçado

De volta ao Recife, fui direto me reencontrar com Seu Zaca, o mascate judeu, que havia me ajudado em tudo e, na ausência de meu pai, tornou-se meu conselheiro.

— Samuel, agora que vosmecê está curado, vamos fazer viagem mais demorada. Escolhi lugar de clima bom. Tenho certeza de que, se você passar uns tempos por lá, nunca mais vai dar um tossido.

Aceitei o convite e partimos para os sertões da Paraíba do Norte. Viagem de muitas léguas, calor daqueles que o diabo estira a língua com sede. Com a doença, tinha perdido o costume de viajar. Depois de três dias de jornada, pousando apenas quando as sombras da noite começavam a esconder os caminhos, dei sinal de cansaço, exaustão mesmo. Virava-me na sela de um lado para o outro, procurando lugar. Pior que não achava. Quebrado, perguntei:

— Tá perto?

— Perto de quê?

— Sei lá!...

— Samuel, é bom você saber que nossas viagens não têm destino. A gente está sempre no meio. Casa de mascate são caminhos e estirados que não têm fim. Tanto faz

ir como voltar. Acostume-se logo a torar de 10 a 15 léguas por dia.

— Gosta dessa vida?

— Se não gostasse, ficava em Recife, comendo fava insossa e engolindo moscas no Cais do Porto. Vou logo lhe dizer uma coisa, menino: cuide de gostar do Sertão. Do contrário, esse negócio não tem futuro para vosmecê, não.

— Gostar, como?

— Procure domar sua ansiedade, suportar o cansaço, reprimir suas cismas e se tornar senhor de seu projeto. Adquira o espírito do lugar.

— Espírito do lugar?

— Sim! Em cada lugar, o povo tem um jeito de ser, um modo próprio de pensar e agir. Faça amizade com as pessoas, ouça suas histórias, participe das festas, assimile os costumes. Se você fizer isso, em pouco tempo o Sertão se entrega todinho a vosmecê e vem se deitar bem mansinho a seus pés. Só faz bons negócios quem entende o espírito do lugar. Sabia que o povo não confia na conversa de forasteiros? Pessoas que não sabem entabular uma conversa que mostre conhecimento da terra e do povo não inspiram confiança e nada vendem. O espírito do lugar está derramado por toda parte. Mas de nada adianta se não estiver dentro da gente. Entende?

— Entendo, sim!

A partir dessa orientação, fiquei mais animado e disposto. Comecei a conversar com o povo e fazer muitas perguntas. Decidi me apoderar do Mundo-Sertão, com o mesmo espírito de quem nasceu aqui. Deixei de adjutorar e assumi meu lugar, dando passos próprios no mundo das vendas. A vida é dureza. Encolher-se diante dos perigos e do cansaço não bota ninguém para frente. Nunca aceitei dormir nos braços do destino. Acho até que a gente é que faz o destino.

Desta vez, cruzamos o estado da Paraíba e fomos até o Ceará. Visitamos as praças de Jardim, Missão Velha, Barbalha, Juazeiro, Brejo Santo e Milagres. Diante de tantos canaviais enchendo meus olhos, perguntei:

— Isso aqui também é dito Sertão?

— Dizem que um dia os índios Cariris se desentenderam e guerrearam uns com os outros. Impossibilitados de conviver no mesmo território, parte deles mudou-se para a serra do Araripe. Foi por isso que a região de onde eles vieram ficou sendo chamada de Cariris Velhos, enquanto essas terras de fontes e cachoeiras ganharam o nome de Cariris Novos.

Terra de engenhos de rapadura, lugar onde corre dinheiro. Seu Zaca me apresentou a seus amigos e a todos me recomendou bem. Ficamos por lá quase um mês. Conheci bem a história daquele lugar. Foi assim: na sombra de um juazeiro, paravam almocreves carregando em suas malas de mercadores disputados bens de consumo para suprir necessidades de sertões sem fim. Em suas andanças de mascates, além de tecidos, calçados, ferragens e porcelanas, levavam e traziam notícias de terras distantes, que somente homens de pernas caminhadeiras, afeitos às lonjuras e capazes de suportar as misérias do mundo sabem contar.

Aragem do bem transformado em ponto de rancho de caminhantes sem pouso, sem morada e sem destino, desbravadores de terras ignotas, vendedores de mercadorias, de esperança e sonhos.

Olhos fixos no beicho do horizonte, em vez de fadiga, fome de estradas sem fim.

Em noites de frio, fogueiras acesas, rodas de prosa, falação de aconteceres da vida e triste saudade de amores.

Chapéus de palha e roupas tecidas em algodão protegiam-lhes a tez do sol cor de brasa, derramando um canhão de chamas sobre a terra.

Em pontos de pousos, carne-seca, queijo, farinha e rapadura. Para mitigar sede, fontes de águas e riachos escorrendo da Serra do Araripe, feito fossem fios de prata tecendo milagre.

O ritmo da burra-madrinha, enfeitada com campatinideira e atenta aos estalos dos relhos, guiava o comboio de burros-tropeiros, subindo ladeiras, descendo escarpas, vencendo lonjuras.

Um dia, por conta de um sonho, o ponto de rancho virou povoado. Depois, o arruado, por leis do Estado, passou a ser vila e a vila, por gosto do povo, um santo lugar.

Trincheira de resistência, cidadela de sonhos, fronteira de esperança. Meca de romeiros, porta aberta aos despossuídos e descamisados da vida. Refúgio, onde potentes homens de guerra, pacificados, quedavam seus canos de fogo e sementes de morte aos pés dos altares. Mulheres faladas aprendiam fazeres e mudavam de vida. Penitentes em busca de luz e palavras de fé chegavam em magotes de terras distantes. Reduto de Cícero, padrinho dos excluídos, incentivador do trabalho, conselheiro do bem, promotor do progresso, arauto da esperança, reformador de consciências, construtor da fé.

Condenado por cânones injustos, humilde curvou-se. Findou elevado aos altares do povo, não por milagres, mas pela ação de transformar ócio, em trabalho, miséria, em dignidade, abismos, em luz, descrença, em fervor, discórdia, em harmonia, pobreza, em progresso.

Isso tudo, pelos séculos em fim, amém!

Na ida para o Ceará, fomos pelos sertões do Belmonte. Na volta atravessamos o Vale do Rio do Peixe, seguimos para as Espinharas, subimos a serra do Teixeira e depois descemos pelo Pajeú, com destino aos Cariris Velhos, por onde já tínhamos passado apenas de passagem.

No Teixeira, paramos para negociar. Era sábado, dia de feira. Os animais de montaria dos feirantes eram tan-

tos que levantavam nuvens de poeira estrada afora. Na vila, não cabia tanta gente. O judeu era conhecido de todos. Um popular veio trazer-lhe recado:

— Padre Vicente quer falar com o senhor. Ele está em casa à sua espera.

O vigário queria comprar um relógio de algibeira com corrente de ouro para dar de presente a um sobrinho, acadêmico de Direito no Recife, que morava em sua casa. Viu o mostruário, gostou da joia, pagou à vista e não quis esperar. Seu Zaca entregou-lhe a peça do mostruário.

Em seguida, visitamos os coronéis Dario Ramalho, Sérgio Dantas e outras pessoas de destaque. Tanto Seu Zaca, como eu fizemos negócios que compensaram a distância.

Eram quase três da tarde quando paramos numa hospedaria para o almoço. Feijão, farofa, carne de bode e outras iguarias do Sertão.

Um mendigo parou na porta e pediu esmola. Seu Zaca interrompeu a refeição, levantou-se e foi pessoalmente atender à súplica do pedinte. Fez isso com satisfação. Depois me explicou:

— Samuel, por esses sertões, ninguém recusa dar esmola pedida durante a refeição. Negar demonstra orgulho e soberba. Falta de amor ao próximo. Talvez o mendigo que você viu seja o próprio Deus, provando o tamanho da nossa caridade. Além disso, nunca se deve deixar seguir com fome quem nos ver comendo.

Fiquei arrepiado. Talvez tenha sido aquele o maior ensinamento que tive em toda a minha vida. O mascate parecia meu pai. Não perdia oportunidade de me dar lições sobre a vida naquele mundo onde eu pisava pela primeira vez e sem experiência alguma. Tudo o que ele dizia ou fazia tinha sempre alguma relação com dinheiro, e não era um sovina, um somítico. No fundo, um homem de largueza e generosidade.

Pensando em me casar, perguntei com ingenuidade de menino:

— Não é costume mulher viajar, ajudando o marido?

— Vou lhe dizer logo uma coisa, meu filho: quem anda por esses sertões, negociando feito a gente, não pode viver agarrado em saia de mulher. Família prende e dificulta a pessoa acumular riqueza. Por isso, *mulher em casa e perto da brasa; homem no trabalho, mulher no borralho!*

— disse ele, mostrando que já havia assimilado muito bem a cultura dos sertanejos.

— Nunca se casou?

— Nem me caso mais! Passei da idade... Quando cansar dessa vida, vou viver de rendas em cima de uns tostões que arranji à custa de muitos sacrifícios e viagens sem fim. Entende? — disse isso, enquanto a gente andava e, sem olhar para mim, ele açoitava os burros em fila, estrada afora.

Calei-me. Temi que acontecesse a mesma coisa comigo.

No decorrer da nossa amizade, percebi que Seu Zaca, além de muito dinheiro, possuía imóveis de valor em todos os bairros do Recife. Bancava os negócios de comerciantes na praça do Recife, além de financiar safras de produtores de algodão no interior.

— Nunca empreste dinheiro a ninguém sem garantia que cubra pelo menos duas vezes o valor da dívida. Tome esse dinheiro e me dê seu relógio. Quando vosmecê estiver em condições de pagar o principal, me paga e, aí, eu lhe devolvo a joia — disse-me isso com toda naturalidade, quando me emprestou o capital de que eu precisara para iniciar a vida de mascate, logo que nos conhecemos.

Era um relógio de algibeira, feito em ouro de 18 quilates, que minha mãe havia me dado de presente, quando completei os estudos no colégio.

No dia em que paguei a dívida, ele me devolveu a joia, brilhando, embrulhada numa flanela, dentro de uma caixinha forrada de veludo. Parecia relógio tirado da vitrine.

— Duda, Seu Zaca foi o melhor professor que tive na vida. Com ele, aprendi os segredos do Mundo-Sertão e muitas palavras e expressões da língua. Um dia, perguntei a ele o que significava a palavra “apragata”. Me deu uma aula: a palavra certa é *alparcata*, *alpargata* ou *alpercata*. Vem do árabe: *al-pargat*. O povo sem instrução chama “apragata”. Cuidado para não pronunciar palavras com erros. Um vendedor de sucesso precisa falar corretamente. Com ele, aprendi também costumes e práticas de comércio que qualquer negociante precisa saber para se dar bem. Aos poucos, fiquei conhecendo o gosto de minha freguesia. Ele e eu éramos agentes de modernidade. Levávamos joias, tecidos de qualidade, modelos, moda e bom-gosto para uma população que tinha poder aquisitivo, mas vivia sem acesso a artigos de luxo e bens de consumo da época. Nossos clientes não eram pessoas do povo, e sim, fazendeiros, produtores de algodão e negociantes bem de vida. O judeu me ensinou a vender a prazo, escriturar as vendas e dar baixa nas prestações cada vez que o cliente pagava. Tinha também um relatório, espécie de balancete, contendo receitas e despesas do mês. Nossos livros não careciam de registro, mas a gente os escriturava como se fosse obrigação, tanto era o zelo que tínhamos pela organização e lucratividade dos negócios. Os balancetes nos davam ideia dos lucros que precisavam ter volume para compensar perigos, dureza e cansaço de viagens dias e mais dias em lombo de burro.

Depois de muitos anos, deixei a economia-errante e me estabeleci. Difícilmente algum descendente meu terá ideia do tamanho do sacrifício que fiz para acumular algum patrimônio que, no suceder da vida, com certeza, vai chegar às mãos deles.

Seu Zaca trabalhava feito um mouro. Além disso, não desperdiçava nem tempo, nem dinheiro. Gostava muito de obter lucros, mas nunca o vi enganar ninguém, nem mentir. Homem de muitas virtudes aquele!. Certa vez, me contou que uns amigos dele optaram por comprar escravos e vendê-los no interior do Nordeste.

— Deus me livre de vender carne-humana! Tenho ambição nos negócios, mas não entrego minha alma ao diabo por nada nesse mundo.

Sangue hebreu

Antes de fazer a primeira viagem, ele tratou logo de me advertir sobre um assunto, em que eu não tinha a menor experiência. Olhou para mim e disse com autoridade e firmeza:

— Samuel, preste bem atenção no que vou lhe dizer. Nunca falhe nisso, senão você se arreventa. Não nascemos no mesmo país, mas somos ambos pessoas de religião e cultura judaicas. Pois bem, precisamos esconder isso a todo custo. Por esse mundão que vamos percorrer, o povo segue preceitos cristãos. São católicos e acham que os judeus foram os responsáveis pela crucificação de Jesus. Um dia, eu estava no sertão da Paraíba, por ocasião da passagem de ano. Um amigo me chamou para assistir à Missa do Galo. Quando me desculpei, mostrando desinteresse em acompanhá-lo, sabe o que o sujeito me disse?

— Quem não assiste à Missa do Galo, ou é judeu ou é cavalo! — me deu as costas e saiu.

Que horror! Nunca tinha revelado a ele minha religião.

— É assim?!

— Pior ainda! Escute essa outra passagem para vosmecê saber mesmo até que ponto chegam as coisas por

aqui. Um dia, tinha acabado de vender algumas joias a um fazendeiro. Conversa vai, conversa vem, sem querer, eu revelei que era judeu. Para que eu disse isso?! Você nem sabe o que aconteceu! A mulher dele estava perto, devolveu-me as joias, puxou o marido pelo braço, abriu a porta, para eu me retirar e disse:

— Negócio com judeus, livrai-nos, Deus! — saí desolado, mas aprendi a lição. Aprenda você também!

Outra vez, eu estava numa padaria, comprando pães para a viagem e presenciei o seguinte diálogo:

— Seu Santino, tá na hora de botar a massa das bolachas — disse o empregado, homem do povo.

— O forno está no ponto?

— Tem fogo para assar judeu, Seu Santino!

No começo, eu me chateava ouvindo essas coisas. Depois, percebi que na maioria dos casos as pessoas nem sabiam o que estavam dizendo. Eram observações que tinham ouvido de seus pais e avós, sem a menor noção do que se tratava.

— Por que pensam assim?

— Acham que somos descendência dos judeus que mataram Jesus. Daí, a palavra judiar que vem de judeu. Judeu, para eles, é aquele que judiou. Coitados! Muitos deles nem sabem que também possuem nas veias sangue de judeus.

— Como assim?

— Vou lhe explicar. Tudo começou a partir de uma perseguição a judeus que moravam na Península Ibérica, no século XVII.

— Sim! Mas... E os preconceitos e descendência de que o senhor estava falando?

— Explico, explico! Vamos parar naquela sombra que os animais estão com fome.

Paramos num pouso dito Olho d'Água do Badalo, tiramos as cargas, demos banho nos burros, colocamos

as peias e deixamos os animais pastando nos arredores do rancho. Aí, fomos cuidar de nós. Fizemos fogo em trempes, botamos manta de carne para assar e armamos redes para o descanso. Mal Seu Zaca deu um cochilo, perguntei:

— Tá lembrado do que o senhor ficou de me explicar?

— Sim! Sim! Mas deixe a gente almoçar primeiro.

Dizem que curiosidade mata. Acho que é verdade. Estava morrendo, mas tive que me aguentar.

Depois do almoço, desfizemos o rancho, recarregamos os animais e seguimos por estradas cheias de cotovelos. Era inverno. A caatinga em flores. O vento soprava com cheiro de Sertão. Num certo ponto, os animais pararam, saíram da fila, querendo recuar.

Sem noção dos perigos daquelas brenhas, perguntei:

— O que há?

— Onça! Estão sentindo cheiro de onça. Mas tem um oncista no comboio e vai resolver o problema.

Naquele dia, não estávamos sós. Ninguém gostava de andar a sós por aqueles sertões infestados de malfeitores e felinos que tinham preferência por carne de humanos. Os almocreves costumavam andar em comboios acompanhados de amigos para mitigar perigos.

— O que é oncista?

— Sujeito que sabe tudo sobre onças — explicou o italiano.

O oncista, que acompanhava o grupo, chamava-se Severo. Natural do Piauí, ele mesmo contava que mais de uma vez comera carne de onça para impregnar na pele e no suor a inhaca das bichas e diminuir os riscos de ser devorado por elas. O fato é que, sem ninguém mandar, o oncista adiantou-se, olhando os rastos ainda frescos no chão e, lá bem na frente, deu de cara com uma onça-preta amamentando ninhada de filhotes. Tirou um

galho de marmeleiro e, sem arma de fogo, saiu tangendo a mãe que foi embora xotando com suas crias atrás, sem esboçar a menor reação. Quando ele voltou, perguntei:

— E elas?

— Foram embora! — respondeu o oncista sorrindo.

Só então se acabou a cisma dos animais e o comboio seguiu vereda afora sem problemas.

O sol se pôs. Paramos em outro pouso de almocreves para dormir. Dentro daqueles ocos de serra, a noite nem boca tinha. Quando a gente dava fé, estava escuro feito breu. Lá, encontramos outros mascates no mesmo ponto de rancho. Todos compartilhavam alimentos, fogo e pertences. Novamente desfizemos as cargas, tratamos dos animais e, só depois deles, cuidamos de nossas necessidades. Carne assada com farinha, queijo e café. Fogueira para matar frio e espantar onças. Histórias e mais histórias. Realidade que não dava para comparar com os encantos e luzes de Paris. Impossível mesmo alguém imaginar a intensidade do impacto causado em mim pela visão de um mundo onde em cada curva havia uma surpresa, em cada história, um mistério. Eu preferia mesmo era escutar e aprender. E como aprendia! Ouvindo tantas histórias, o sono batia. Deitado em minha rede de algodão, forrada com couro de carneiro, eu virava pedra. Quando a madrugada-manhã batia asas para acordar os passarinhos, o sol começava a secar as gotas de orvalho derramadas durante a noite. Uma a uma, as estrelas iam desmaiando no céu, até se esconderem todas. Aí os caminhos começavam a se abrir para o acontecer do dia. O sol, avermelhando as beiradas do céu, se levantava vagarosamente por trás das serras. Eu abria os olhos e não sabia onde estava. Custava acreditar no tamanho de minha aventura.

No recomeço da travessia, pegamos um estirão, descampado quase sem fim. Aí aproveitei para perguntar:

— Sim! E aquele assunto? — pois parecia até que Seu Zaca estava mesmo era testando minha paciência.

— Samuel, mourejar por esses sertões exige paciência e domínio da ansiedade. A gente anda sem pouso certo, sem hora para descansar, nem dia para voltar. Aliás, voltar para onde? Minha casa é o mundo. Onde eu estiver, estarei sempre em casa. Mascate é vagalume voando sem destino, um sem-lugar. Na próxima parada a gente conversa.

Naqueles sertões, custava encontrar casa ou alguma criatura para pedir informação. Nos separamos dos outros almocreves e seguimos por caminhos que se bifurcavam em todas as direções. De repente, estávamos meio perdidos. Por sorte, lá vinha vindo um homem puxando um cachorro e com espingarda quedada no ombro.

— Moço, onde fica Ipueira do Poço?

— Siga em frente. Sempre em frente! Depois daquela serra, quebre à direita. Mais na frente, quando encontrar uma ilha de quixabeiras na curva de um riacho, quebre à esquerda, cruze uma várzea e um tabuleiro coberto de mororós. Ande mais um pouco, quando o caminho passar ao lado de um imbuzeiro que varre o chão, quebre à direita e pegue um caminho estreito. Suba e desça três ladeiras que obra de meia légua adiante vosmecês vão avistar a cumieira da casa-grande de Ipueira do Poço. Fica lá mais em baixo. Tem perda não.

— É longe? — perguntei, sempre preocupado com as distâncias.

— Bem ali! Dá légua e meia não! — e, com as duas mãos ocupadas, o informante estirou o beijo na direção que devíamos seguir.

Conhecendo o nível de minha curiosidade e vendo que eu tinha estranhado o gesto do moço, Seu Zaca explicou:

— Samuel, isso é o que se chama por aqui légua de beijo, entendeu? — e soltou uma gargalhada, pois apreciava muito os costumes do povo.

Depois de longa caminhada, enfim, chegamos ao ponto de rancho chamado Ipueira do Poço. Paramos na sombra de um juazeiro em frente à casa-grande. Bem próximo do rancho, um olho-d'água na curva de um riacho e capim de planta em abundância para os animais. De uma janela da casa-grande, uma moça chamada Priscila do Espírito Santo namorava um almocreve dito Valentim Monteiro, morador do sítio Riacho do Mel, nas terras de Gravatá de Bezerras. Invejando o moço, disse a mim mesmo: — Quem sabe ela tem irmã...

Tinha e não tinha...

Quando Seu Zaca notou que eu havia domado minha ansiedade, sentado na rede, palitando os dentes, olhou para mim e disse:

— Na primeira metade do século XVII, houve grande perseguição a judeus que moravam em Portugal e Espanha. Muitas famílias se mudaram para a Holanda e Alemanha. Quando os holandeses dominaram Pernambuco, em 1634, o Príncipe Maurício de Nassau, governador do Brasil-Holandês, deu liberdade a quem quisesse professar sua religião, qualquer que fosse o credo. Sabendo disso, judeus que estavam sofrendo perseguição na Holanda e Alemanha mudaram-se para Pernambuco, atraídos por liberdade de crença, doçura e calor dos trópicos. Para cá, vieram judeus sem letramento, gente que gastava astutice e desprovida de qualquer recurso. Aqui, faziam negócios mal feitos, o que contribuiu para estragar a nossa imagem de judeus sem pátria. Por outro lado, vieram pessoas de valor: rabinos explicadores das Sagradas Escrituras, mestres do judaísmo, poetas, escritores, pintores, cientistas, médicos, botânicos e historiadores. Também vieram muitos capitalistas, gente interessada

em investir e fazer fortuna. Para seu serviço, trouxeram soldados, marinheiros, feitores de engenhos, rendeiros e mercadores. Tinha de tudo.

— O senhor falou em descendência deles no interior...

— Sim, lembrou bem! Quando os holandeses foram expulsos de Pernambuco, em 1654, acabou-se a tolerância às religiões. Para iludir a vigilância do Santo Ofício, famílias e mais famílias de origem e religião judaicas embrenharam-se por esses sertões. Mudaram de nome e de sobrenome. Nunca mais foram embora, deixando sangue e costumes que permanecem espalhados por aqui até hoje.

— Quem lhe ensinou tudo isso?

— Fiz amizade com um velho rabino na Sinagoga da Rua dos Judeus. Ele me contou a maior parte do que sei. Homem de muitos conhecimentos. Sabia de tudo. Além disso, sempre gostei de livros.

Seu Zaca costumava descansar, lendo. Sempre andava com livros em sua bagagem. Quando terminava de ler um livro, dava-o de presente a seus clientes. Era uma forma de espalhar cultura pelos sertões aonde quase nenhuma informação chegava e onde não havia escolas. Por isso, pouca gente sabia ler. Mas quando alguém aprendia, dava gosto ver o tamanho da satisfação e o interesse pela leitura. Era como se um mundo se abrisse. Os olhos ganhavam luz. O saber ilumina!

— Cuidando bem dos livros, a gente cria amor por eles — disse Seu Zaca. Depois, olhou para mim e ordenou: — De hoje em diante, Samuel, você vai tomar conta dos meus livros e ler cada um deles. Comece pelos que contam a história dos homens e falam sobre a terra. Todo mundo precisa conhecer as ciências da natureza. Os Livros Sagrados também ajudam muito. Sua língua parece um pouco com Português. Talvez por isso você já consegue falar e entender quase tudo. Livros são a maior

riqueza do mundo! Onde quer que a pessoa esteja, basta abrir um livro que estará em contato com a civilização.

— Não pensou em tirar carta de doutor?

— Pensar, eu pensei, mas nem sempre a gente consegue tudo o que quer na vida. Meu pai era mercador e vivia se mudando de um lugar para outro. Isso atrapalhou a regularidade de meus estudos. Além disso, ele morreu assassinado na Sicília. Aí, muito cedo, eu tive que madruguar pelos caminhos da responsabilidade para sobreviver. Parei de frequentar escola, mas não parei de estudar e aprender. O mundo ensina, mas os livros ensinam mais ainda. Lendo, a gente amadurece. Você também parou de estudar, mas é moço de pouca idade e pode ainda adquirir muitos conhecimentos, apenas lendo e viajando. A leitura ensina a pessoa a observar o mundo e enxergar a realidade de tudo que nele existe. Quem lê percebe o mundo com mais clareza e erra menos na vida.

— O senhor nunca se perde, nem durante o dia, nem à noite. Por quê?

— Ah, meu filho, livros de Astronomia ensinam a pessoa se orientar pelos astros onde quer que esteja. Além disso, gosto muito das Ciências da Terra. Descubro tudo sozinho e procuro aplicar na vida o que aprendo. Os conhecimentos servem para o homem viver melhor. Tenho muito gosto também pelos números. Eles me ajudam a ganhar dinheiro nos negócios. Andando por esses sertões, adquiri muitos conhecimentos de Botânica com o povo. Aos poucos, vou lhe ensinando todos os remédios de plantas medicinais que me ensinaram. São um tesouro!

Já que não fui médico, como era o desejo de meu pai, aprendi com Seu Zaca a tratar com plantas quase todas as doenças que o povo tem.

Depois de bom descanso, arrumamos as bagagens e seguimos em frente.

A certa altura da viagem, encontramos um vaqueiro tirando o couro de um boi que havia quebrado o pescoço ao pular com máscara num grotilhão à beira do caminho.

Paramos para conversar e descansar um pouco. A desfolta me pareceu uma crueldade sem fim. Nunca tinha visto nada igual. Fiquei chocado.

— Bom dia!

— Bom dia! — respondeu o vaqueiro, olhando-nos com pressa.

Minha curiosidade não tinha limites. Tudo, eu queria saber. Às vezes, minhas perguntas incomodavam Seu Zaca.

— Qual a sua graça?

— Zé Preto. Melhor dizendo, Zé Preto do Riachão.

— Riachão... — repeti sem entender bem a palavra.

O homem tinha pressa de terminar o serviço, mas explicou:

— Ainda hoje, alguns vaqueiros costumam trocar o sobrenome de família para melhor identificarem-se com a fazenda onde ganharam vaqueirice. Amor ao lugar. Entende? A Fazenda Riachão fica bem ali e apontou com o beíço, já que estava com as mãos ocupadas.

— Vai aproveitar a carne?

— Sim! Vou salgar e botar para secar. Depois vendo na feira como carne de sol.

— Não fere os preceitos?

— Que preceitos!? — o vaqueiro levantou a cabeça e nos olhou com certo espanto.

— Sei lá!... — desconversei, quando percebi que Seu Zaca não gostou nadinha da pergunta descabida que eu havia feito.

— Moço, aqui ninguém come carne de animal morto por si, exceto, se for rês! Além disso, quando eu sangrei esse novilho, o sangue dele ainda tava quente e escorreu todinho.

— Ah, sim!... — resmunguei sem graça ante o olhar de repreensão de meu companheiro.

Inteligente, Zé Preto interrompeu por alguns segundos seu trabalho, olhou para nós dois de cima a baixo e perguntou:

— Estrangeiros?

— Sim! Mas moramos neste mesmo Brasil há muitos anos. — Seu Zaca tentou explicar-se.

— O que fazem nesses sertões?

Preferi deixar a resposta a cargo de meu companheiro que tinha experiência de sobra.

— Somos mascates.

— Ah, sim! Cuidei que fossem descendentes de mouros...

— Mouros? — perguntei, mais uma vez, sem conter minha curiosidade.

— Sim! Meu avô falava nesse povo que fugiu para cá perseguido, causa que tinham um credo que não era o nosso. Depois, findaram se misturando com a gente. Dizem que tinham muita cabeça para ganhar dinheiro e só paravam de trabalhar quando o sol sumia.

Passado na vida, Seu Zacca tratou logo de mudar de assunto:

— Gosta de aboiar?

— E de fazer versos, também.

— É mesmo?!

— Nhô, sim!

— Então, faça alguns versos para a gente! Fale da fartura que está havendo neste ano de muitas chuvas por aqui. Pode?

Mente e corpo entregues aos cuidados dos bens de fôlego e aos de raiz, Zé Preto não frequentara escola. Mesmo sem letramento, bastaram-lhe alma e tino de poeta para louvar a sobejidão que enchia sua casa em ano de bom inverno como aquele.

Soltou a faca-peixeira com que trabalhava na desfo-
la, tirou o chapéu de couro, colocou-o sobre o coração e,
gesticulando com a mão direita, improvisou estes versos:

*A mesa se cobre
com os frutos da terra:
farinha de roça,
toucinho e feijão,
cuscuz com manteiga
e queijo de coalho,
buchada de bode,
farofa e pirão,
costela de porco
assada na brasa,
canjica e pamonha
no mês de São João,
a raspa do queijo
no fundo do tacho,
em outros lugares,
procuro e não acho
sustâncias mais fortes
que as deste Sertão.*

— Muito bem! — exclamou Seu Zaca, batendo pal-
mas. Tirou do bolso do alforje garrafa de cachaça de
alambique da Mata e deu de presente ao poeta-vaqueiro.
Ele agradeceu. Depois, partimos.

Lá bem adiante, Seu Zaca perguntou:

— Viu que errou?

— Vi, sim!

— Cuide para não repetir os erros. Carece de mais
prudência. Senão se expõe à toa. Acho que fala demais,
menino!...

Saí emburrado, mas Seu Zaca tinha razão. Às vezes,
a gente peca pela boca.

Com o passar dos tempos, aprendi todos os caminhos do Mundo-Sertão. Tinha ganhado muito dinheiro, mascateando em companhia do judeu.

Um dia no Recife, ele me chamou e disse:

— Samuel, já ensinei a vosmecê tudo o que sabia. Agora tem condições de andar sozinho. Estou cansado. Vou parar de viajar. Fique com minha clientela. Durante um ano, você me paga um por cento do que vender a meus fregueses. É um negócio bom, um presente de pai para filho que estou lhe dando.

— Mas, Seu Zaca...

— Não adianta insistir, Samuel! Estou cansado e decidi parar.

— Aceita ou não minha proposta?

— Se é bom para mim e melhor para o senhor, aceito, sim!

— Então, siga seu destino, que a proposta é boa para mim e melhor ainda para vosmecê! Creia.

Segui...

A partir daquele dia, além de tecidos, passei também a vender joias. Comprava na Krause, uma joalheria no centro do Recife, onde Seu Zaca abiu crédito para mim e deu garantia. O dono da joalheria chamava-se Joseph Krause. Era judeu, homem de bem.

— Duda, você sabia que ouro foge de cristão e persegue judeu? Ganhei muito dinheiro, vendendo joias aos barões do algodão. Não estou lhe botando para fora de casa, não. A conversa tá boa, mas precisamos ir embora que a noite é mãe de todos os perigos.

— É verdade! É verdade!

— Menino, cuide de pegar as coisas pra gente ir embora!

O sol estava começando a dourar as copas das barraúnas no Olho d'Água do Cunha, quando Adolfo e o Velho Duda pararam de conversar. Depois de montar

nos animais, os dois se despediram. Adolfo e eu desce-
mos estrada afora para o nascente. O amigo seguiu para
o poente, na direção do Macapá, fazendola bem cuida-
da, que recebeu de Artur Santa Cruz, em gratidão pelos
bons serviços de vaqueiro a ele prestados durante anos,
na Fazenda Santa Catarina.

Caminho de volta, não dei uma palavra. Adolfo per-
guntou:

- Tá com sono?
- Tô não, senhor...
- Não vá cochilar e cair, menino!
- Caio não, senhor!

A história que ouvira ficou roendo no meu juízo.
Em casa, nada contei. Meu pai costumava me censurar:

- Menino não deve escutar conversa de gente gran-
de, não. Entendeu?
- Sim, senhor!

Mas não havia jeito de me controlar. Tinha uma irre-
sistível curiosidade por histórias antigas.

Do Mar ao Sertão

Dias depois, Adolfo estava na loja do Major quando
chegou um vaqueiro de Antonino do Ligeiro, fazenda
que ficava lá para as bandas da Serra Branca, lugar que
no tempo dos índios chamava-se Matinoré:

- Cadê Antonino, Félix?
- Ficou, Seu Adolfo! Ficou lá no Ligeiro!
- Diga-lhe que no próximo sábado estou esperando
por ele na Firmeza para a gente almoçar uma galinha e
conversar. Diga também que ele dorme lá em casa e só
volta no domingo. É ordem minha. Assim não dá cuida-
do em casa, chegando tarde, que a noite é mãe de todos
os perigos. Melhor ainda se ele levar em sua companhia
Chico Caboré, do Ligeiro Debaixo.

Virou-se para mim e disse:

— Você vai comigo para tirar e calçar as botas da gente. Vamos sair na sexta-feira bem cedinho. Avise a seu pai.

No dia do trato, Antonino selou uma burra-estrangeira e madrugou. Acompanhado de Caboré, chegou à fazenda antes das oito. Adolfo já estava com a mesa pronta esperando por ele. Coalhada, cuscuz com leite, carne assada na brasa, tapioca, mungunzá, bolo de mandioca, macaxeira com manteiga de garrafa, queijo de manteiga, queijo de coalho assado e rapadura para adoçar o café.

Firmeza é uma fazenda linda! A casa-grande é alta, paredes largas e telhados com caimento bastante acentuado. Adolfo dizia que construiu a casa virada para o Norte porque dá sorte aos donos. E deu. Ainda hoje, o alpendre é protegido por grades de madeira. Faz gosto entrar naquele casarão!

Mal terminaram de tomar café, chegou um vaqueiro, dando notícias de uma vaca alheia misturada com o gado da fazenda. Os dois foram para o curral.

— Coronel, já perguntei a todo mundo de quem é esse ferro e ninguém dá notícia — disse o vaqueiro.

Sorte que Seu Antonino conhecia ferro de tudo quanto era de fazendeiro daquelas redondezas.

Separaram a vaca, ele olhou, olhou e disse:

— Sei não, Adolfo!... Sei de quem é esse ferro não! Mas de uma coisa eu tenho certeza: esse ferro é de um negro...

Dias depois, descobrem que a vaca pertencia a uma negra escrava-forra que morava para as bandas do Congo, cerca de três ou quatro léguas de distância.

Deixaram o curral, olharam o açude, depois voltaram para casa e sentaram-se no alpendre, lugar de falação das coisas do dia a dia.

— Adolfo, você se lembra de uma ocasião em que me vendeu dois cortes de casimira inglesa, lá no Ligeiro?

— Me lembro, sim! Tinha 20 anos, se... Depois que conversamos muito, você olhou para mim e disse: — Samuel, você é moço de muitos conhecimentos. Acho que não devia ser vendedor de pano, não. Tem quengo diferente das outras criaturas que eu conheço por essas bandas. Vá-se embora daqui para lugar grande, menino! Tá se perdendo nessas caatingas de gente que mal sabe ferrar o nome. Foi isso mesmo?

— Foi, sim!

— Apesar de seus conselhos, continuei indo e vindo, do mar ao sertão, sem pouso, sem morada, sem amores. Beirando os 25, vivia igualzinho ao velho mascate que me deu a mão: só pensava em dinheiro. Aquilo era um trabalho de mouro. Não era vida de gente, não! Trabalhar que trabalhar... Dinheiro tinha se tornado obsessão para mim.

— O que diabo fez você parar nesses pés de serra e nunca mais ir embora daqui, homem? Perguntou Antônimo e ficou esperando resposta.

Com os olhos presos na distância, como se quisesse mesmo voltar ao passado, não em pensamento, mas em pessoa, Adolfo coçou a barba e respondeu:

— Em minhas andanças de mascate pelos caminhos estirados dos sertões, gostava de observar os segredos da natureza e o modo de agir das criaturas. Atento a tudo, memória boa, ia colhendo fatos soltos, um aqui, outro ali, mais um acolá. Sabe como é... A história do Sertão não é escrita. Por isso mesmo, é história viva, conservada na memória do povo e passada de uma geração à outra. Foi isso que me fez apaixonar-me pelo Mundo-Sertão. Queria conhecer a alma do povo, apoderar-me do espírito de cada lugar. Além de vendedor, eu era também oleiro.

— Oleiro?!

— Oleiro é um modo de falar, Antonino! Um modo de falar, sabe?

E se explicou:

— Aprendi a untar brechas e espaços vazios do tempo para recompor as histórias dos lugares por onde eu passava, vendendo joias, ganhando dinheiro e aprendendo muito, muito, mesmo! Interessavam-me as contradições e as rebeldias, tanto das pessoas quanto da natureza. Antônio Conselheiro, lá nos sertões da Bahia, foi um rebelde, um visionário. Tentou fundar comunidade onde todos trabalhavam e dividiam o que lucravam. Em Canudos, tudo era de todos. Pagou sua ousadia com a própria vida, mas com o passar do tempo vai ficar na história. Acompanho de perto as ações de alguns padres. Cícero Romão, agente de desenvolvimento. Não se rebelou contra a Igreja, mesmo punido injustamente. Ibiapina, poço de cultura, orador sem parelha, largou uma das bancas de advocacia de mais sucesso no Recife para percorrer o Mundo-Sertão, pregando, educando o povo e fazendo obras de caridade. Rolim, educador sem igual. Dom Pedro II o chamava “O sábio do Norte”. Por seu colégio em Cajazeiras, passaram, quando meninos, Padre Cícero, Cardeal Arcoverde e Irineu Joffily, que andou por aqui a cavalo em 1889, mapeando a Paraíba e documentando sua história.

— A seca dos dois setes foi uma devastação, lembra, Adolfo?

— Uma rebeldia da natureza! Não tenho dúvida.

— O Santo padre Ibiapina disse que foi castigo pelos pecados dos homens... Acho que foi mesmo. O mundo está perdido. O povo só faz o que não presta.

— A religião dos meus pais falava muito nessas coisas, mas eu não acredito em castigo, não. É coisa minha. Gosto de examinar tudo. Comparo, meço, peso... E só depois tiro minhas conclusões. Faço isso nos meus negócios

e também na religião. A religião do meu povo tem duas faces: judaísmo-cultura e judaísmo-fé. Na época em que eu almocejava, havia um descompasso muito grande entre produção e distribuição. Foi aí que o mascate entrou e ganhou muito dinheiro, distribuindo aquilo que as pessoas sonhavam ter e não sabiam como adquirir. Pois bem, como mascate, eu não podia guardar o sábado, dia em que, ainda hoje, quase ninguém trabalha aqui nos sertões da Paraíba. Era mais fácil encontrar as pessoas em casa, demonstrar os produtos e vendê-los. Por falta de tempo para cumprir os preceitos da minha religião, dediquei-me mais ao judaísmo-cultura. Mas tudo isso é muito complicado para eu explicar a você, Antonino. Prefiro mesmo falar de minha vida e de minhas aventuras por esses sertões sem fim, sabe?

— É melhor mesmo! É melhor!

— Pisei em dois continentes. Conheço dois mundos bem diferentes: a Europa e o Mundo-Sertão. Quando era mascate, parava nas fazendas, me sentava nos alpendres das casas-grandes, contava as novidades dos outros lugares e falava da grandeza do mar, que o povo nascia e morria sem conhecer. Em troca, escutava histórias que pareciam pertencer a um mundo que não existia. De modo que hoje tenho muito o que contar de situações vividas na minha experiência de mascate. Mas há uma passagem que não esqueci, nem vou esquecer nunca. Escute mesmo o que me sucedeu:

Dom Ricardo

Sempre que era possível, eu preferia acompanhar os comboios de almoceves. Dava mais segurança. Um dia, por acaso, eu andava sozinho e me perdi. Sem querer, fui parar na beira de uma lagoa dita Panati. Aproveitei para dar de beber aos animais. Enquanto eles pastavam

golfo, um caboclo de bastante idade parou onde eu estava, sentou-se numa umburana caída no chão, tirou um cigarro de palha guardado atrás da orelha, deu duas pitadas com prazer, olhou a fumaça fazendo desenhos no ar e disse:

— É o único vício que tenho, doutor! — e apontando para a piola, completou: — O fumo acabou-se. Esse cigarro é o último!...

Abri um dos compartimentos dos alforjes, tirei um pedaço de fumo de rolo que carregava para esses agradados mesmo e dei a ele. Agradeceu e perguntou:

— É fato muito acontecível, onças atacam estranhos por aqui. Já enfrentou alguma bicha?

— Enfrentar mesmo, nunca enfrentei, não! Mas piso no rastro delas quase todos os dias. Ontem mesmo, percebi uma entocada numa moita de saia-de-ariú na beira de um caminho por onde passei. Vi as ramas balançarem e senti a inhaca dela. Atirei para cima, só para espantá-la. Correu e pronto! Fui embora. Era uma suçuarana. Não metia medo.

— Fez muito bem! Fez muito bem! Tudo o que nasce precisa ter vivimento. Nunca ninguém não deve matar nada, não! Cada um dos viventes tem seu grau de pres-tança para a natureza. Sempre fui pacifioso, seu moço! Até mesmo com as cobras de guizo peçonhentas e com as pintadas que apreciam carne de humanos. Tá vendo aquele tejuacu que vai passando por ali? Tem horas que ele vem vindo, deslizando devagarzinho no chão e estirando a língua, feito quem quer comungar, passa por riba de meus pés e nem tem cisma de mim, causa que me vê todo santo-dia e não faço mal a ele, nem aos outros bichinhos de Jesus. Tem horas que os passarinhos sentam nos meus ombros. Aí, sim, eu me sinto a maior de todas as criaturas, mode que grandeza é mansidão. Cuido que para viver por aqui não é preciso guerrear os animais, não.

Fez uma pausa, pegou o fumo que eu havia lhe presenteado, cortou pequena porção e picou em pedacinhos na palma da mão. Depois, tirou do bisaco de couro palha de milho, cortou-a no comprimento de uns quatro dedos e raspou-a com um cotoco de faca para ganhar forma de cigarro, pôs fumo dentro sem derrear nenhum pedacinho, torceu, lambeu a palha de ponta a ponta e fechou o cigarro demonstrando muita habilidade nos dedos. Do bisaco, retirou um velho corrimboque, ajeitou duas de suas peças na mão esquerda, protegeu-se do vento, riscou com força um taco de lima em pedra de figo, reacendeu o algodão enegrecido pelo uso, pôs fogo no novo cigarro, puxou com satisfação uma baforada e completou:

— Meu Deus, só queria que chegasse o tempo em que não se usasse mais matar bichos brutos, não. Muito menos, pensantes!

Olhou para mim e perguntou:

— Me arresponda: por que matar, se o mundo nem foi terminado ainda?

Fiquei em silêncio. Apenas balancei a cabeça afirmativamente. Vendo minha concordância, completou:

— Sou homem de escuro nascimento, mas Deus alumiu minha mente. Moro junto dessa lagoa derna de menino.

— É feliz aqui?

— Se...?! Quem não se sente sobejado, morando perto de colosso d'água que nem esse, seu moço? Não tem um só riacho. Toda a água vem diretamente dos céus. O chão forrado de argila branca não deixa vazar uma gota. Água é o que não falta o ano inteiro. Nunca não vi essa lagoa secar, não. Sempre vive coberta de galinhas-d'água, marrecos e patos-verdadeiros. Aqui tem festa dia e noite!

— Anda gente por esses lugares?

— Uma vez perdida, aparece por cá alguma criatura de Deus desgarrada de seu caminho, feito vosmecê. Isso aqui é um recanto, cotovelo sem passagem e sem saída.

— Estou gostando de sua conversa!

— De igual forma! Tô vendo que é moço de muita conhecença. É bom demais ser letrado e não ter duvidação de nada. Pelo modo de falar, parece até ter carta de doutoração.

— Pois não tenho, não! Sou apenas mascate, negociante, sabe?

— Entendo, entendo! Vive de ganhar dinheiro, comprando e vendendo, né?

— Isso mesmo! Levo vida difícil de viajante.

— Não desprezo dinheiro, mas cuido que é preciso também dar beleza à alma, moço! Sabia?

— Como assim? — perguntei, sem entender direito seu linguajar poético.

— Veja aquele fiapo de serra acolá! Beleza sem dono! Durma por aqui hoje pra ver que bola de fogo é a lua à boca da noite, alumando o espinhaço da serra.

— O que lhe falta aqui?

— Desde muito tempo que deixei de andar em rua. Descareço! Aqui tudo tenho. Silêncio sobra. Saúde sobeja. Estou me achegando devagarzinho pra perto do meu fim, mas não temo a morte, não. Tenho medo de gente viva e dos reboliços do mundo. Que esses paraibanos sertões foram e ainda hoje são terra muito estremecida, acredite que é verdade! Sei que tem muitas mudanças correndo soltas por aí. No meio dos renovames, umas coisas prestam, outras, não. É sempre assim!

— O clima ajuda a viver? — perguntei interessado em me estabelecer num lugar que me desse a certeza de que minha tísica nunca mais haveria de voltar.

— Povo sadio é quem mora por esses sertões! Batem corredor de manhã, à tarde e à noite. Todo dia comem

carne de rês brava criada solta no mato sem dar notícia de humano algum. Só desejo que vosmecê também ganhe muita saúde andando por aqui. Se um dia se arresolver ficar nessa terra, melhor ainda. Arrepare que adonde eu vivo tem muita bonança. Morando aqui na beira dessa lagoa, meu coração bate no mesmo compasso da natura. Logo que noita, eu me deito. Quando dou fé, lá vem a madrugada-manhã sorrindo pra mim, feito donzela formosa! Ah, seu moço, como tudo aqui é só beleza!

Diante de tanta sabedoria, silencieei. Encantava qualquer pessoa o linguajar poético e arcaico do caboclo. Encontros assim é que me prenderam ao Mundo-Sertão. Sempre admirei pessoas singulares, gente que não se repete nos modos de ser e de agir. Conheci sertanejos que se finaram, mas ainda hoje, continuam se mexendo vivinhos dentro de mim. Eles me ensinaram a viver com sabedoria e conhecer o mundo. Gostava de ouvir suas histórias e eles, as minhas.

— Sua graça toda é...?

— Ricardo... Não tenho sobrenome, nem apelidação.

— E a sua, se mal pergunto?

— Samuel, seu criado! — e estirei-lhe a mão sem soberba.

Conversador, foi logo contando sua história:

— Depois de varar cinco madrugadas, fugindo de pessoas que nos expulsaram do chão adonde viveram os antepassados de minha santa-mãe, afinal demos de cara com essa lagoa. — É aqui! — disse o finado meu pai e aí então montamos rancho para o resto da vida.

Achei interessante porque o velho Ricardo contava essas histórias sem gesticular, nem mexer um dedo sequer. Duro feito santo em altar, espiava para o horizonte com os olhos fixos, como se houvera perdido os movimentos. E não era tensão, nem desesperança. Apenas

uma forma estranha de relaxar e se concentrar em coisas que estavam guardadas lá bem dentro dele.

— Essa lagoa parecia sossego. Aí o finado meu pai, que naquela época ainda era vivo, sentiu que estava pronto para aceitar o destino da vida aqui mesmo. A gente foi ficando, ficando, até hoje, com as graças de Deus. No escorrer dos dias, alguns caminhos estreitam, mas nunca se fecham totalmente para quem conserva na mente algum fiapo de esperança. Quem se acostuma com o sofrer, por qualquer coisa sente felicidade e, aí, vai carregando nas costas o peso da vida sem se incomodar. Se a gente quiser, a vida não dói. Basta acreditar em si e no Divino, que cada dia as coisas começam a ficar sempre mais melhorzinhas — disse-me com doçura.

Interrompi a conversa e fui dar banho no meu burro que estava branco de suor. O caboclo ficou por perto, só olhando meu capricho e a leveza de minhas mãos, deslizando no dorso do animal, cujo pelo voltava a brilhar como um diamante negro.

— Não sou prestante para cuidar de animais de sela, mas admiro quem é.

Seu Ricardo nunca tinha sido vaqueiro. Não sabia montar, nem lidar com animal algum. Andarilho, homem do chão, caminhava descalço. Talvez por isso as energias da terra subiam-lhe o corpo tão facilmente, deixando-o criatura sem parelha nesse mundo. Mesmo sem entender de montaria, olhou para meu animal e disse:

— Moço, figuro que esse burro conhece seu cheiro. Ele distingue o senhor das outras criaturas, sabia? Animal que ama o dono respira que nem ele. Cuide bem do bichinho que vocês dois têm querer iguais, vontades em combinação. Juro!

— E eles, os demos que expulsaram vocês das terras pertencentes aos antigos de sua mãe, sofreram alguma punição?

— Não nesse mundo! Não nesse mundo! Viviam de fazer mal. Dizem que deram algumas prendas à Santa Padroeira para ela mitigar os crimes deles perante os céus.

— A santa mitigou?

— Nem pense! Mataram foi muita gente por lá. Aquilo são uns tapados de Deus! Agora fingem que vivem da banda de Jesus, rezando, fazendo penitências, só pro mode ver se ele, o Divino, se esquece das matanças que fizeram e de outros males que obraram. Mas os céus sabem muito bem quem merece perdão e quem não merece.

— Andam malfazejos por aqui?

— Nunca num vi, não, senhor! Triste daquele que é obrigado a viver em companhia de quem faz mal às criaturas de Jesus. O mal vem das mãos de quem tem coração de pedra, gente que respira brutalidade!

— Quem mora num lugar como esse só pensa no que é bom. Não é verdade?

— É e não é, mode que a cabeça da gente desfruta de muita liberdade. Tem fatos de antigamente que teimam em ficar roendo o juízo da gente o tempo todo, muito mais que os aconteceres de recentes horas. Me agarro com o que é bom no suceder dos dias. O ruim é para ser esquecido. Arre lá! Saite!

— Você é homem do bem!

— Quando ocorre eu fazer o mal, eu mesmo sei o que fiz. Aí, dobro os joelhos e peço perdão. Quando faço o bem parece que me veio por alheias mãos.

— De quem?

— De quem? Dele! – tirou o chapéu de palha e olhou para os céus.

— Invejo seus saberes!

— E eu, sua instrução!

— O que vale mais, saber ou instrução?

— Me adesculpe agora, seu moço, mas sou obrigado a lhe falar com franqueza: a instrução vem dos homens, o saber dos céus. Um é descoberta, o outro, luz. Me sento ali naquela pedra branca na beira da lagoa e fico horas só quentando sol e maginando na vida. Captando, captando, entende? O tempo passa sem passar.

— Por que vive pensando tanto?

— Se o quengo parar de pensar, a gente emburrece, moço! Quero morrer de velhice, mas com a farofa do juízo bem fresquinha, sabendo fazer tudo o que sempre fiz.

— Tem medo de viver sozinho aqui?

— Separe medo de um arranco dos pés, quero dizer um assustamento repentino. Tem diferença. Medo mesmo, eu nunca tive não! Muito menos da morte, que não acaba com o correr da existência!

— Por que não acaba?

— A vida é bem feita! O que é bem feito não perece nunca.

— E o peso da idade?

— Procuo nem sentir. Na mocidade, a morte me assustava. Hoje, cada dia que passa, fico mais acostumado com o momentozinho dela. Certo mesmo é que vem de todo jeito e nem adianta deixar de pensar no fim. Dizem até que depois do fim, tudo começa de novo. Será?... Enquanto isso, cada dia, amanheço minha aurora. Sabe o que é aurora?

— Sei não!

— Esperança, moço! Esperança! Recomeço do caminhar.

— Seu Ricardo, se incomoda que eu o chame de Seu Rico ou Dom Ricardo?

— Mas eu não possuo riqueza, não, homem de Deus! Nem sou reis! – e deu uma gargalhada, com uma pontinha de orgulho.

— É rico, sim! E é rei, também!

— Então, chame que eu não me agasto, não!
Eram três da tarde. Abri meus alforjes e perguntei:

— Come esses de-comeres?

— Se como? Como de tudo!

— Tenho rapadura e queijo de manteiga.

— Aprecio tudo isso. Aqui fica afastado das estradas-boiadeiras e nunca aparece esse tipo de iguaria. Quando aparece, aí eu provo com gosto o farnel dos tangerinos. Eles sempre me tratam com largueza, igualmente o senhor.

Dom Ricardo parecia um nobre. Serviu-se com prazer, mas com educação, comedimento e sem mostrar-se esfomeado. Em seguida, me agradeceu, ajudou-me a guardar os mantimentos e bateu o couro no chão para tirar restos de comida.

Depois, cruzou os braços, olhou para mim e, apesar de viver dentro das brenhas, mostrou uma capacidade de observação tal que me deixou impressionado

— Vejo que é um homem de berço, pessoa lidante, vindo de lugares que ficam do outro lado dos mares, terras de ouro e luz. É também conhecedor de muitas histórias, fazedor de bons negócios, homem de faro, escovado na vida e passado no mundo. Veste roupa de riscado fino. Mas precisa de ter cuidado. Nunca ande com muito dinheiro que dinheiro atrai o satanás! Quando eu era menino, ouvia meu pai contar histórias de salteadores. Eles chegavam a um vilarejo qualquer, quebravam as portas da cadeia, soltavam os companheiros, estouravam fogos, mandavam tocar o sino da igrejinha, distribuíam comida e bebida, mandavam arranjar sanfoneiro, mulheres de vida-alegre e aí o povoado parava três dias, só em festa. Quando iam embora, os moradores ficavam até com saudade da festança. Se não fossem bem recebidos, defloravam moças-donzelas, matavam, roubavam, deixavam tudo de pernas pra cima e iam

embora. Esse povo, que anda entrançado de cartucheiros, tem anjo da guarda não. Eu tenho o meu. Por isso não carrego nem faca, nem cano na cintura. Descareço de armas!

— Queria que me dissesse outra vez por que foi mesmo que veio morar aqui?

— Ah, seu moço! É um rosário de tristezas que nem eu gosto de pensar... Meu pai era caboco-brabo casado com índia-mansa. Gente temente a Deus, mas sem as graças do batismo. Nasci na virada de 1700 para 1800. Não sei bem o ano. As terras pertenciam aos antigos de minha mãe, mas aí, armados de espada e trabuco, chegaram os homens-brancos, tangendo gado e disseram que as ditas terras eram deles, sim, e não, nossas. Mostraram uns papéis e tudo! A gente não sabia ler, e pronto! Ficou o dito deles como verdade. O finado meu pai quis resistir, mas aí eles nos afugentaram à bala. Saímos desesperados, desmanchando os rastros. Meu pai varou muitas madrugadas para chegar até aqui. Cresci. Meus pais estavam velhos e se finaram. A um quarto de légua daqui, escondi seus restos mortais, um ao lado do outro, junto de uma pedra, bem debaixo de uma baraúna, onde escorre uma cachoeira, pois sem batismo não tinham direito a chão de cemitério. Mas que diferença faz? A terra come a gente em qualquer lugar... Depois que eles se foram, resolvi ficar aqui sozinho feito cão de guarda, vigiando o chão onde eles adormeceram. Nesse lugar aqui, nunca ninguém mexeu comigo não. Nem sei de quem são essas terras... Acho até que nem dono elas têm. Devem ser despossuídas. Por aqui não existe nem bens de criatório, nem cultivados de raiz. Assim, vou escapando de quem vive com o coração cheio de ambição, só fazendo mal ao mundo. Isto aqui é meu céu. Gosto do cheiro cheiroso das plantas. Borboletas de todas as cores cobrem meus caminhos. A gente não sente o virar das horas, só escutando cantares de sabiás, canários-amarelos,

galos de campina, juritis e rolinhas-fogo-pagou. À noite, as estrelas parecem piscar para mim. São minhas namoradas. E acontece mesmo eu varar madrugada acordado, só assuntando e conversando com a entreluz da aurora quando começa a embranquecer o mundo. Vida quer só beleza e solidão. Nada mais! Não acha? Espie aquela canafístola bordada de amarelo. Parece uma mulher se balançando e se requebrando na dança do vento. O dia passa, a noite volta e o céu alimpa todinho. De repente, a lua! Lá vem ela feito uma bola de fogo, acompanhada de ventinho morno que fica conversando com o mato, trazendo vida ao silêncio. Aí, é só viver! Quando quer me dar algum esmorecimento na alma, de repente, chega uma criatura sem bondade que nem vosmecê, aí, a tristeza logo esmorece e afraca. Rápido, a gente descarece de qualquer necessidade. A alma chega cresce!...

— Se está aqui há tanto tempo, pelo menos este chão onde mora é seu?

— Não! Só quero o que é meu. As terras dos antigos de minha mãe eram nossas. Essas não são. Nunca se acendeu em mim qualquer nesga de ambição, nem por terras, nem por teres-e-haveres. Interesse-me pela outra coisa, pelo que fica ocultado. Por isso, sou feliz.

— Eita, Dom Rico, como o senhor tem sabedoria de baixo desse quengo coberto de pixaim! Como aprendeu tudo isso, homem!?

— Pés no chão, olhar nos céus!... Só isso!

Conversando com Seu Rico, a noite durou tão pouco que quando vi o amanhecer ia chegando. Dei um cochilozinho e estava pronto para enfrentar os caminhos do dia seguinte. Despedi-me dele, acomodei-me na montaria e parti.

Um dia, me lembrei de Seu Rico e resolvi voltar para vê-lo de novo. Com muita dificuldade, encontrei a lagoa, mas nenhum sinal dele.

— Seu Rico! Seu Rico! — gritei, gritei seu nome muitas vezes e nada de resposta. Só silêncio...

Procurei o rancho e não o encontrei. O chão estava coberto de mata, como se nunca, nunca mesmo, alguém tivesse morado ali...

Fui embora sem entender o que de fato havia acontecido com Dom Ricardo e prometi a mim mesmo que nunca mais voltaria àquele lugar.

Vocês que nasceram e cresceram por aqui não conseguem perceber nem a beleza, nem os mistérios desses sertões sem começo, sem meio e sem fim. Sertões sem-lugar!

Percorri muitos caminhos, conheci muita gente mesmo. Quanto comedimento e generosidade o povo tem! Ninguém nunca me perguntou onde eu nasci, nem de onde vim, nem por que andava trilhando esses caminhos cheios de luzes e de sombras, de flores e espinhos.

Parece mesmo que cada criatura tem mesmo é um destino. Nasci tão longe e vim parar aqui nesses sertões sem fim. Não é estranho?

— Destino... Só pode ser mesmo coisas do destino!

— Veja o desenrolar do que você chama de destino: um dia, quando eu menos esperava, minha vida mudou por completo.

— Mudou?

— Sim!

— O que houve?

— Apaixonei-me! Apaixonei-me!

Adolfo olhou para o amigo e falou de sua vida, quem sabe, a única vez.

Força do coração

— Antonino, nada nesse mundo tem mais força que o coração! — e deu sequência a mais uma narrativa:

Certa vez e até casualmente, passei numa estrada que cortava o terreiro de uma fazenda, dita Carnaúba. Aí, avistei uma moça debruçada na janela da casa-grande. Olhei para aquela criaturinha e só vi doçura e beleza. Senti acontecer um reboiço dentro de mim. Gostei do seu jeito. Num instante, ela gostou do meu jeito também. São coisas que são!...Segredos do coração que a lógica não explica.

A fazenda Carnaúba ainda hoje é lugar longe de tudo. O dono, Major Marcolino, recebeu a propriedade de herança de seu pai, Coronel Manoel Albino de Barros. Em 1815, o coronel Albino construiu uma capelinha num povoado que nascia ao pé da serra, agarrado às curvas de um rio chamado Sucuru, forrado de areia, por onde só escorre água em meses de inverno.

Quando passei na dita fazenda, estava sem nenhuma peça de tecido ou joia. Tinha vendido tudo, tudo mesmo.

Ao ver Joaquina, beleza igual não podia existir no mundo. E não podia mesmo! Que fiz? Fingi que estava com sede, dei meia volta, parei minha burra-estradeira, tirei o chapéu e disse com muita educação, esforçando-me para esconder sotaque de estrangeiro, que pudesse causar receio ou desconfiança:

— Bom dia, moça!

— Bom dia! — respondeu com educação e formosura.

— Estou com sede. Sua Senhora meninazinha pode me fazer o obséquio e a bondade de me dar um copo d'água?

Apenas balançou a cabeça afirmativamente. Sumiu casarão adentro e não demorou. Trouxe-me uma quartinha de água fresca com gosto de barro. Encheu o copo e estirou a mão para me entregar. Demorei alguns segundos a receber a água, olhando seus olhos e a beleza de sua formosura. Ela corou a face. Tinha mãos de princesa.

Vi logo que jamais iria encontrar alguém melhor para iluminar meus caminhos, dar rumo e paradeiro à minha vida-cigana de mascate sem pouso. Ao me entregar o copo, botou a mão esquerda acima dos olhos para proteger-se da luz do sol, que dividia o céu em duas bandas, e passou a mão esquerda com delicadeza no pescoço do animal. Achei seu gesto um encanto. Só ternura!

Presentindo estranhos, o pai logo apareceu.

— Bom dia, moço! — cumprimentou-me, apreciando o animal de minha montaria. Pela qualidade dos arreios se media o nível de educação e nobreza de um cavaleiro.

— Bom dia, Coronel Marcolino!

Inda bem que antes de chegar à fazenda, tive o cuidado de perguntar o nome do dono daquelas terras a um vaqueiro que ia passando por mim na estrada.

Vendo que se tratava de pessoa remediada e de boa aparência, perguntou:

— O que andas fazendo sozinho por esses sertões, meu rapaz?

— Vendo tecidos e joias de qualidade. Nada posso lhe mostrar agora porque me compraram tudo. Tudo mesmo! Até os mostruários!

— Se não tens mais o que vender, também não tens mais pressa alguma. Então, apeia-te da montaria e vamos almoçar!

Percebendo minha indecisão, insistiu:

— Não faça cerimônia! Vamos! Desmonta, rapaz!

E, rápido, segurou as rédeas do animal para me ajudar.

Seu Marcolino era um santo-homem. Leveza nos movimentos, fineza no trato, alma de anjo. Gostou do meu jeito e nos sentamos. Naquela época, o primeiro contato com um estranho acontecia sempre no alpendre. Só depois de conversar muito e adquirir confiança é que o desconhecido tinha acesso ao corpo da casa.

Todo vendedor sabe conversar e tem sempre novidades para contar. Em poucos instantes, atraí a atenção da família toda.

Procurei evitar qualquer exagero em palavras e gestos.

Não sei por qual razão me senti como se estivesse na casa de meus avós. Observador, já vinha percebendo algumas coisas em comum entre o Mundo-Sertão e a aldeia onde meu avô morava: toalha de linho estendida sobre a mesa de refeição, pratos emborcados, lugar de destaque para o patriarca, alguidares de comida, aromas de manjericão, alfazema e outras ervas. O modo de sentar à mesa e dispor as iguarias enfileiradas. Ausência das mulheres na mesa, por conta da presença de pessoa estranha. Já tinha percebido também que as mulheres costumavam cobrir a cabeça com xale ou ló, durante as cerimônias religiosas. Tudo aquilo eram costumes que me transportavam à comunidade judaica de meus antepassados.

Terminada a refeição, conversei só mais um pouco, para não ser deseducado e me preparei para partir. Somente o dono da casa me acompanhou até a montaria. Não vi mais a moça. Mas ficamos os dois, eu e ela, um pensando no outro.

Tempos depois, apareci e encontrei-a mais formosa ainda. Nenhuma palavra entre nós dois. Apenas olhares. Olhares e silêncio que revelavam paixão.

Fui embora. Visitei várias fazendas e mais uma vez voltei a Carnaúba. Aproveitei um momento em que estávamos sozinhos e comuniquei minhas intenções ao patriarca.

— Seu Marcolino, quero lhe participar que estou gostando de sua filha, Joaquina. O senhor me concede permissão para eu conversar com ela?

O coronel me ouviu e nada disse.

— Quem cala consente... — pensei.

Passamos a trocar algumas palavras, mas a distância entre nós dois permanecia a mesma, até que algum tempo depois resolvi noivar.

— Seu Marcolino, com sua permissão, quero pedir-lhe a mão de sua filha em casamento. O Senhor concorda? Não podia vacilar. O momento exigia firmeza.

— Concordo, sim!

Em seguida chamou a mulher, Dona Sinhazinha, e filhos. Na presença de todos, coloquei no dedo de Joaquina a aliança mais bonita que havia na Krause. Joia que só gente graúda podia comprar. Singela, ficou mais formosa ainda. Parecia uma princesa. Para mim, era mesmo uma princesa! A única!

As minhas idas à fazenda Canaúba aumentaram de frequência. As vendas caíram bastante, é claro! Três dias que eu passava lá eram como se fossem apenas dois e dois que pareciam um só dia. Minha vontade era ficar na Carnaúba de vez. E nunca mais sair de lá. Dormia num aposento que tinha uma cama e uma arca de couro, enfeitada com pregaria e cantoneiras de latão. Quando ia embora, deixava algumas peças de roupa guardadas na mala para mostrar minha intenção de voltar sempre.

No começo, tinha dificuldade de compreender a teia de parentesco dos Freitas. A família era toda entrelaçada. Primo casado com primo, uma mistura danada. Igual à minha. Se eu não chego tão rápido, Joaquina ia findar casando com algum primo. Naquele tempo, as moças não casavam por amor, e sim, por escolha dos pais. Joaquina foi exceção. Casou por amor.

Numa ocasião, passei uma Semana Santa todinha lá. O velho me botou para jejuar com todo aquele rigor de antigamente. Penei, mas deu para aguentar, pois a prática do jejum era também costume do meu povo.

Um dia, fui para o enterro de um parente deles. Levaram o homem numa rede, vestido de mortalha. No cemitério, tiraram o morto da rede e o colocaram numa cova. Cumprindo certo ritual, foram jogando terra devagarzinho até cobrir por completo o corpo do defunto. Dias depois, a família vestiu-se de luto. Joaquina, também. Era o costume.

As orações nas sextas-feiras, as novenas com velas acesas, nenhum daqueles rituais com cheiro de Idade Média me eram estranhos ou me causavam surpresa ou repulsa. Tinham um quê judaico neles...

Familiarizado, tratei de marcar a data do casamento. Foi aí que tive surpresa imensa, desgosto sem tamanho.

Veja mesmo o que sucedeu!

Um dia, quando eu menos esperava, Seu Marcolino me chamou e, usando de toda a sua franqueza, me botou no canto da parede:

— Samuel, você fala em seu pai, fala em sua mãe e em seus irmãos, mas nunca me disse quem são seus padrinhos de batismo. Seu casamento com minha filha está marcado, mas da próxima vez que você vier para cá, por favor, me traga seu batistério, que eu quero vê-lo.

Tremi da cabeça aos pés. Não era batizado, nem tinha padrinhos, coisa nenhuma...

Acuado, nem esperei a próxima visita. Preferi dizer-lhe logo toda a verdade sobre mim:

— Seu Marcolino, eu não professo o catolicismo, não! Sigo as tradições do judaísmo, religião de minha família e de meu povo.

Católico praticante e fervoroso, quinzenalmente, ele percorria quilômetros a cavalo para, aos domingos, assistir ao Santo Ofício na Villa Real de São João do Cariri, lugar muito distante de sua fazenda Carnaúba.

Com calma e serenidade, na presença de toda a família, ele olhou para mim e disse com franqueza:

— Samuel, você só casa com minha filha se abjurar ao judaísmo e se batizar!

Foi um choque para mim. Confusão e tristeza dominaram-me. Naquele instante, não tive outra saída:

— Seu Marcolino, se é assim... Lamento! Tenho muito respeito ao senhor e apreço por sua família, amo sua filha, mas prefiro acabar o noivado agora a abjurar.

Fez-se silêncio... Tristeza nos semblantes...

Dos empregados de casa aos moradores e vaqueiros da fazenda, todos gostavam de mim.

Acabado o noivado, agradei a acolhida que me deram. Com os olhos cheios de lágrimas e trêmula, a moça me devolveu a aliança, como era o costume. Despedi-me de todos e parti para o Recife, certo de que nunca mais voltaria à fazenda Carnaúba. Depois me contaram que Joaquina ficou em prantos. Passou quase uma semana prostrada numa cama sem comer e sem falar com ninguém. Eu nem dormia, nem me alimentava direito. Não tinha mais cabeça para vender nada.

Na capital, tratei logo de me aconselhar com o velho mascate judeu. Depois de contar-lhe tudo o que me havia sucedido, ele olhou para mim e nem pensou muito:

— Samuel, entre as tradições do nosso povo e o coração, siga o coração, rapaz! E no íntimo, mantenha suas convicções.

Mais uma vez, socorri-me da sabedoria do amigo e me dei bem.

Não suportando a saudade, voltei e aceitei as condições impostas pelo patriarca. A família encheu-se de alegria. Ela, nem se fala! Eu me sentia como um filho voltando à casa dos pais.

Marcada a data do batizado, tomei Seu Marcolino como padrinho de batismo e não havia ninguém melhor que ele. A madrinha foi Nossa Senhora.

A cerimônia, uma conversão, levou toda a família da noiva, amigos e curiosos à igreja da vila. Acontecimento nunca visto e que jamais irá se repetir na existência daquele lugarejo.

Para que e se apagasse em mim qualquer resquício de judaísmo, na hora da cerimônia, Padre Emiliano perguntou:

— Samuel, vou mudar seu nome. Se opõe?

— Não! Não me oponho mais a nada, a nada mesmo!

— Então escolha seu novo nome!

— Adolfo!

— Adolfo? — perguntou com surpresa, sem condições de rejeitar minha escolha.

— Sim!

O padre esperava, talvez, que eu escolhesse nomes de santos do catolicismo, como: João, Antônio, José ou Sebastião.

Aceito o nome sem objeção, concluiu a cerimônia dizendo:

— Adolfo, eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

Em coro e aliviada, a família respondeu:

— Amém!

Na pia e no livro de batistério, o padre me vulgarizou com o nome Adolfo Mayer. E assim a família e o povo passaram a me chamar até hoje.

Estava aparentemente convertido, porque nunca vi mal algum em conservar no íntimo de meu coração alguns hábitos do judaísmo. Religião é cultura e tradição. Cada pessoa nasce numa religião e carrega para o resto da vida as marcas de sua crença. O que importa não são os rituais, e sim, a quantidade de amor ao próximo que a gente carrega no coração.

Pouco tempo depois, casamos. Eu, com 30 anos, ela, apenas, com 15, quase criança. Geramos 10 filhos: Ro-

salina, Bonavit, Helena, Alfredo, Leopoldo, Maria, Minervina, Marcolino, Tobias e Ignácio. Em alguns botei nomes judaicos de familiares meus, pessoas de quem eu gostava. Era uma tradição do meu povo, sabia?

Nunca mais voltei à França para rever meus pais! Eles morreram. A saudade encurtou até desaparecer por completo.

Bem que o amigo-mascate me dizia:

— Samuel, família prende!...

Prende mesmo! Deixei de mascatear e com 14 contos de réis no bolso, me estabeleci no lugarejo que nascia agarrado à margem esquerda do rio Sucuru. Eu desfrutava de situação financeira tão boa que Joaquina nem careceu receber dote, costume dos antigos que ainda hoje perdura nestes sertões.

Anos depois, comprei a fazenda Olho d'Água do Cunha, que desdobrei em uma outra a que dei o nome de Firmeza. Comprei também Roçado do Mato e Serrote Agudo. Aí, então, comecei a negociar com outro tipo de ouro: ouro-branco!

Viajado, tomei a iniciativa de industrializar estes sertões: adquirei a primeira bolandeira da região. Mas, meu negócio era comércio. Comprar, vender, lucrar estava no meu sangue.

Veja mesmo, Antonino, como num instante, lá no cais do Porto do Recife, o mascate judeu mudou por completo meu destino! A vida é assim...

Joaquina guarda um grande amor por mim e eu mais ainda por ela. Mas, depois de adulta, eu comecei a perceber certa estranheza em seu íntimo. No começo, achei que fosse excesso de religiosidade ou rigores da criação. Engano. Com a idade, as mudanças do corpo mostraram-na uma mulher de saúde frágil com alguma dificuldade de criar os próprios filhos. Carecia de ajuda de uma mãe-outra. Mas eu a amo com a mesma intensi-

dade que amei aquela menina formosa que um dia conheci na Carnaúba.

Certa vez, o Coronel Marcolino sentiu que estava chegando seu fim e me pediu um padre.

— Quando acabei de confessar o coronel, tive vontade de me confessar com ele. Era um anjo! – disse Frei Martim.

Dias depois, finou-se. Fechou os olhos como um passarinho, sem nunca ter imaginado que nas veias dele e nas minhas corriam gotas do mesmo sangue!

— Esta é a história de Adolfo, judeu que largou sua pátria, sua família e abjurou à própria crença por amor a uma linda mulher. E só por amor a ela, plantou para sempre seu coração nesses esquisitos sertões da Paraíba do Norte.

Foi assim mesmo que o artista terminou o relato de vida de seu amigo Adolfo, cujo retrato ele havia pintado com sobras de arte e colocado numa das paredes de seu ateliê onde permanece até hoje.

Passaram-se mais alguns anos, quando um dia recebi o seguinte telegrama:

O artista partiu. Escreva sobre ele.

Corri em busca de minhas anotações e, como se estivesse vendo-o em seu ateliê, escrevi essa história — relato de vidas singulares carregado de emoções.

Ficção? Realidade? Nem sei!...

Conto II

Tempos buliçosos

*Fazer-se cangaceiro significava responder
a uma afronta sofrida, passando o ofendido a desenvolver
toda a sua ação guerreira
na busca de uma vingança
capaz de reintegrar-lhe
o rígido quadro de honra.*

Frederico Pernambucano de Mello

MUNDO-SERTÃO é terra de muitos caminhos. Cada criatura desfruta da liberdade de escolher o seu. Lugar de altos e baixos, flores e espinhos, luzes e abismos, santos e pecadores. Vê mesmo riqueza sem fim a que existe lá!

*Almocreves, tangerinos,
mascates e cantadores,
tem raizeiros-doutores,
beatos e peregrinos,
assistentes de meninos,
que o povo chama parteiras,
poderosas rezadeiras,
tem padres e coronéis,
tem cangaceiros cruéis,
pistolas, facas-peixeiras.*

Pois é! Abotoe as fivelas de suas alpercatas de rabi-cho, cubra-se com chapéu de palha e pé na estrada, que você vai ver nestes sertões de meu-deus coisas que não viu ainda, histórias que ninguém nunca lhe contou.

Abra os olhos e preste atenção à vida. Cuide de enxergar principalmente o que está ocultado. Os sertões haverão de lhe contar sua própria história. Basta escutar. Nos caminhos por onde você já passou, viu sábios e a saga de homens que se lançaram no mundo em busca de aventura, sem temer perigos. Agora, ouça relatos de vida e atos de crueldade de homens-pecadores.

Durante quase três séculos, injustiças, miséria e violência andaram de mãos dadas num mundo de pedras, luz e caatingas sem fim. A mão do Estado não tinha força para reprimir grupos de malfeitores que iam se formando para exploração do crime como negócio mais rendoso que o cabo da enxada. Tempos buliçosos aqueles! Mandava quem tinha força e gente armada a seu serviço.

Sem os benefícios da educação e da saúde, o povo vivia ao deus-dará, entregue à própria sorte. Havia época em que crianças nasciam e morriam aos magotes. Dava pena ver tantos anjinhos fechar os olhos e ir embora pagãos. Perdiam de ganhar o Céu! — diziam. Por isso, o pai arranjava padrinhos para o recém-nascido e cuidava logo de mandar batizar o vivente, às vezes, a mãe ainda cumprindo semanas de resguardo no leito.

Sem nenhum socorro às infâncias, se a morte ceifasse o anjinho antes de ser levado à pia batismal para receber os santos-óleos, ficava sem direito a chão em cemitério de vila. Sepultado à beira de algum caminho, a magreza era tamanha que quase nada seu corpo tinha para oferecer à gula da terra onde se escondera.

Passado o resguardo, a mãe confortava-se, ornamentando com seixos o chão sem cruz que ao pagão coubera. Protegida a cova com galhos de alastrado, restava a certeza de que nenhum vivente — pensante ou bruto — haveria de pisar onde se ocultara aquele sopro de criatura que a Providência Divina ou a imprevidência dos homens não permitira sequer colocar os pés no chão e dar os primeiros passos.

Menino-macho

Em 23 de setembro de 1886, nasceu mais um pagão nas águas da Baixa Verde e teve vivimento. O vigário da freguesia ungiu-lhe as fronteiras com os santos-óleos e derramando água em sua cabeça disse:

— Clementino, eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

Depois, assentou no livro de batistério os dados daquele menino-macho, a quem o pai vulgarizou com o nome de Clementino. Melhor dizendo, Clementino José Furtado.

Vida é só mistério! Nunca ninguém sabe o que será de um filho quando crescer...

Os ancestrais de Clementino vieram da Espanha para o Brasil, fugindo de perseguições à crença que professavam. Em 1684, chegaram ao Vale do Acaraú, no Ceará, onde trocaram o sobrenome Urtado por Furtado. Eram avermelhados, cabelos louros, donos de uma teimosia sem fim, gente de sangue quente, pessoas desposuídas de qualquer temor da morte. A família Furtado cresceu e se espalhou pelos sertões do Ceará, Pernambuco e Paraíba.

Igual aos meninos de sua época, Clementino teve infância desassistida. Ajudado por algum mestre-escola e no convívio com parentes mais velhos, aprendeu a ferrar o nome, assentar em papel algumas palavras e ler soletrando, quase cantando, como era o costume de desasnar meninos naquele tempo. Depois que as crianças decoravam a Carta de ABC, entravam na Cartilha e, aos poucos, iam dominando a leitura. Tropeçavam em muitas dificuldades, mas findavam desvendando sozinhas os segredos da língua, da aritmética, das ciências e dos espaços da terra. A partir daí, a mente se expandia e não parava mais de aprender. A maioria, sem condições de sair, ficava na roça e parava de estudar. Que pena! Os poucos que iam em frente brilhavam. Não foi o caso de Clementino e seus cinco irmãos, Pedro, Quintino, Antônio, José e Manoel (Nezinho), todos desprovidos dos benefícios da leitura e da escrita.

Ainda rapaz, para não se dismantelar metido em desavenças com vizinhos, em 1904, a conselho de Manoel e

Benvinda, seus pais, Clementino teve que arribar. Foi para Correntes, cruzou o Rio Mundaú e foi viver sua vida nas terras das Alagoas. Lá, demorou-se cerca de oito anos e não admira nada, naquelas mesmas terras, ter se aperfeiçoado na arte do gatilho. Era a vida!...

Em 12, retorna. Não tem como evitar os pagos. Instala-se com a mãe e os irmãos nas terras de Santa Cruz da Baixa Verde, assim chamadas por causa de uma cruz ali fincada entre duas serras pelo Santo Padre Ibiapina, em missão de socorro às almas dos viventes daquela localidade, em época remota.

Corajoso, adestrado em armas, ninguém melhor que Clementino para a função de subdelegado do vilarejo de Santa Cruz. O posto conferia autoridade e dava sempre algum prestígio e destaque a mais ao nomeado perante a comunidade. Temido por sua valentia, Clementino impõe lei, ordem e respeito.

Tudo caminhava bem, até que um dia, para desgraça sua, achou de apagar de uma só vez dois sujeitos que há tempo vinham incomodando a população, jogando cabresto no alheio. Apesar da função de subdelegado, os familiares dos meliantes, desfrutando de influência política, meteram-lhe dois processos nas costas.

Casada na lei dos homens, Antônia, sua mulher, seguia religião evangélica. Com ela, teve cinco filhos: Zacarias, Alfredo, Maria, Francisca e Hosana. Homem de armas, Clementino não conseguiu se ajustar à religiosidade da mulher. Findou se apartando dela. Mantinha o sustento dos filhos com sacrifício, mas mantinha.

Processado e sem posses para pagar advogado de fama, ficou se valendo de um rábula local, enquanto do outro lado dois penalistas de renome e o promotor público da comarca cuidavam do processo com todo empenho, inserindo provas escritas e testemunhais com o fito de descaracterizar a legítima defesa da autoridade

e reforçar a tese de duplo homicídio doloso e com requintes de perversidade. Tudo estava sendo preparado para convencer quem folheasse os autos de que os mortos — moços nascidos, crescidos e criados naquela localidade — eram rapazes dedicados ao trabalho e com folhas-corridas sem mácula, enquanto ele, Clementino, não passava de criminoso perverso, vil criatura. Houve quem testemunhasse que o subdelegado sabia que os moços infelicitados eram caçadores. Ainda assim, a autoridade policial lançara sobre eles a suspeita de ladrões de cavalo, quando naquele fim de tarde as vítimas estavam apenas caçando.

Na verdade, ambos foram surpreendidos, mesmo, montados em pelo em dois cavalos que não lhes pertenciam e sem o conhecimento do dono. Quando perceberam a presença da autoridade, rápido desceram dos animais, retiraram-lhes os cabrestos e os espantaram. Tudo isso com o intuito de despistarem o furto que estavam fazendo. Consciente do que vira, Clementino deu-lhes voz de prisão. Ao invés de se entregarem, reagiram à bala, o que forçou o subdelegado, experiente no gatilho, a revidar. Entrincheirados por trás de uma cerca de rabeada, que não os protegia das balas certeiras do rifle papo-amarelo da autoridade, os dois moços foram atingidos mortalmente e ali mesmo tombaram sem vida. Embora fosse exatamente essa a realidade dos fatos ocorridos, constantes do depoimento dado por Clementino, ninguém havia testemunhado o incidente. Por este motivo, a versão da autoridade foi posta em dúvida e duramente atacada pelos advogados de acusação, embora toda a população tivesse conhecimento de outros roubos que eles já haviam praticado. Os dois rapazes costumavam também fazer ameaças a quem ousasse lhes imputar qualquer responsabilidade por malfeitos que vinham acontecendo naquela ribeira

e a todos inquietando. Como se tratava de gente perigosa, ninguém se arriscava a denunciá-los.

De 19 em diante, secas e mais secas, quase sem fim. A penúria ajudou a se multiplicar nos sertões nordestinos bandos errantes de malfeitores, matando, roubando, enfim, vivendo do gatilho.

Em 22, época de eleições, paixões borbulham em Triunfo. Processado, Clementino carece de um costal para levá-lo a júri e facilitar seu livramento. Disputado por ambas as facções partidárias, tenta equilibrar-se em gume de navalha.

As gentes dos sertões costumam dividir o mundo em duas bandas: o lado de lá e o de cá, o bem e o mal, o certo e o errado, o preto e o branco, o meu e o teu. Isso significa que não havia meio-termo: o sujeito ou estava de um lado ou do outro. Neutralidade era coisa que lá não costumava existir. Por desvaliação, Clementino pende para um dos lados, desgostando o outro, justo Coronel Aprígio, político de influência e peso nos grotões de Triunfo.

Preterido, o grandão não demorou muito a dar-lhe o troco. Quando pensa que não, Clementino tem notícias de um oficial e 14 praças à sua procura, com ordens para prendê-lo ou até mesmo matá-lo, caso viesse esboçar algum tipo de reação.

No Mundo-Sertão, embora o manto da noite cubra de paz cada uma de suas criaturas, a dormida costuma ser local certo para surpreender animais e pessoas. Pressentindo riscos, Clementino passa a dormir fora de sua residência. Abriga-se numa casa de farinha nas proximidades do lugar onde morava. Uma noite, daquelas noites de lua clara, feito a luz do dia, dizendo-se incomodado com a cruviana, sai em companhia de um amigo chamado Cícero, vai tomar umas bicadas e pro-sar numa bodega à beira da estrada, pertencente a um tal de Tião Pedreiro. Por causa do frio, ou talvez até por

precaução, o bodegueiro deixa a lua do lado de fora, tranca as portas da casa e fica, da cozinha para o balcão da venda, assando tripas de bode, costelas de bacorim, servindo cachaça de alambique da terra e escutando as histórias de malvadeza e valentia do moço Clementino no tempo em que andou pisando as terras das Alagoas. Quem não gosta de ouvir relatos de guerreiros valentes envolvidos em longos tiroteios, daqueles em que as balas saem zunindo cor de brasa, arrancando faíscas das pedras e levantando poeira do chão? Além de contar histórias verídicas, Clementino sabia dar emoção a seus relatos de guerra. O bodegueiro, sujeito mofino e admirador de quem esbanjava valentia, olhos grandes e brancos, feito duas rodela de macaxeira descascada, ficava tão envolvido com as histórias que só se lembrava de socorrer as tripas na grelha quando se espalhava pela casa o cheiro das gorduras em chamas.

— Tião, cabra da peste, cuida que as tripas tão queimando! — gritam os beberiqueiros, faltos de tira-gostos.

Aí, o bodegueiro, com toalha no pescoço, corria para a cozinha e não demorava a retornar com prato de tripas chamuscadas pela labareda, alguidar com farofa d'água e costelas assadas, cardápio bem ao gosto de apreciadores de cachaça, bebida de qualidade produzida em alambiques rústicos de engenhos daquela região serrana.

Pois bem, Clementino estava contando a história de um sujeito que matava e, no mesmo instante, sua consciência desproduzia qualquer fiapo de remorso, quando aconteceu o pior.

Primeiro, escute o relato.

Cabra dismantelado

Camelo de tal era seu vulgo!... — disse Clementino interrompendo sua fala para virar mais uma bicada.

Limpou a boca com as costas da mão, pigarreou e prosseguiu sua história: — Sujeito nem alto, nem baixo, nem louro, nem moreno, meio sarará. Bonitão, mas chegado a bebidas, apreciador de mulheres, jogatina e brigas com armas-brancas, as quais sabia manejar com espantosa destreza, sem nunca ter sido ensinado ou sentado praça. Parido por mãe-solteira, fora abandonado no batente da porta de um cidadão de sobrenome, família de posição e prestígio.

— Seja por ser! Ave!... — disse a mãe ao deixar aquele embrulho de gente no chão, sob olhares desconfiados de cães de rua. Depois de benzer-se, saiu com o coração queimando feito incêndio em paiol de algodão. Olhando o filho pela última vez, desapareceu em disfarsação no escuro da noite, rogando perdão aos céus por ser mulher de vida-alegre e pela crueldade de abandonar o próprio filho. Isso aconteceu na vila de São José da Ingazeira, Sertão do Pajeú, província de Pernambuco, em tempos remotos, quando lá tudo ainda era só paz.

O enjeitado foi crescendo, crescendo até virar menino. Quando acontecia de ir para a escola, não demonstrava o menor interesse pelas primeiras letras. Malouvido, gostava mesmo era de brincar de cangaceiro e de soldado com meninos de sua idade, nos bancos de areia onde o rio dos Grossos era vadeável. Quando se fez homem não tinha medo de ninguém nesse mundo. Nem pena!

Causa que surrou um delegado e três soldados no meio da feira daquela povoação, Camelo — essa era sua graça — teve que arribar da vila para não ser morto. Danoou-se no meio do mundo e foi se esconder lá para as bandas do Araripe, pelo menos, enquanto o delegado e os soldados continuassem sentando praça no local onde haviam sido surrados.

No Araripe, nem precisou trabalhar. Conquistador de mulheres, mal botou os pés no lugar, foi logo se arranjan-

do com a amante teúda-e-manteúda de um fazendeiro e comerciante de joias, pessoa abastada e muito próspera mesmo. Às escondidas, ficou se encontrando com ela e sendo sustentado em tudo pela dita sujeita, popularmente conhecida pela alcunha de Zefinha de Seu Neco.

Acontece que durante uma discussão em família, Dona Dalcina, mulher legítima de Neco, bem informada de tudo pelas comadres fuxiqueiras, encarregou-se de abrir olhos e ouvidos do marido, mostrando-lhe que as despesas dele com a amásia tinham duplicado, exatamente depois que Camelo se achegou à cuja:

— Tu reclamas que eu gasto muito com as coisas daqui de casa e andas com essa ciumeira besta comigo, mas a quenga da Zefinha vive sustentando um macho às tuas custas e tu és tão idiota que nem enxergar não enxergas. Vives desconfiando de uma mulher honrada feito eu e sendo chifrado por uma bicha safada que só quer mesmo é comer teu dinheiro e viver quengando por aí. Vai ser corno assim no inferno!...

Depois de ser descascado pela mulher, Seu Neco fechou a cara, botou um chapéu preto na cabeça, quebrou a aba em cima dos olhos e, ao cair da noite, lá se foi ele, feito um detetive, investigar a veracidade e extensão dos boatos acerca de sua cornura ou, quem sabe a depender da sorte, fazer até algum flagrante. Flagrante mesmo não conseguiu, não, mas sem carecer de maiores especulações, não demorou a saber de tudo, tantos eram os comentários que rolavam em cada esquina do lugarejo. Em vez de surrar a amásia, fez foi jurar de morte o garotão, que já estava sendo chamado pelo vulgo Camelo de Zefinha de Seu Neco, tanta era a intimidade que tinha com a dita sujeita, a qual não media distância para folgar-lhe o bolso em troca de carícias.

Cada dia mais irresponsável, pensa que Camelo se preocupou com a boataria?! Quando soube da ameaça de Neco, fez foi dizer:

— Que nada! Corno nem mata, nem manda matar ninguém, mas se não tiver cuidado, finda mesmo é morrendo! — e continuou irresponsável, farrando e gastando dinheiro à custa do joalheiro.

Um domingo, à boca da noite, lá vem Neco da fazenda que dera de presente à sua amásia, feliz da vida, esquipando no seu alazão comedor de estradas. Quando foi passando num lugar onde o caminho estreitava, fazia uma curva e margeava um serrote, o cavalo diminuiu a passada, justo para cruzar um lajedo coberto de lodo escorregadio. Naquele instante, bacamarte de grosso calibre, carregado com rolimãs vomitou chuva de fogo sobre o desditoso Neco, que caiu do cavalo e morreu na hora, sem possibilidade de socorro algum, causa que naquela ocasião andava sozinho. As pessoas só se deram conta do ocorrido quando o animal assustado e coberto de sangue chegou à rua. Foram ver o que tinha acontecido e lá estava o esbandalho de homem estendido no meio da estrada, em cima de uma poça de sangue, morto de morte bem matada.

— Quem foi, quem não foi?... — ficou aquele disse-me-disse dos seiscentos diabos, e tome histórias e boatos rolando de boca em boca.

Mal fizeram o enterro de Neco, Camelo se soca de vez na casa da ex-amante do finado, que dele já tinha recebido fazenda com vacas paridas, vaqueiro e tudo.

Dizem que quem não quer não procura. Não era o caso de Camelo que sempre vivia se metendo em enrascadas, mexendo em casas de maribondo.

Investigação vai, investigação vem, a polícia só acha culpa em Camelo, sujeito do mundo, desocupado, bem vestido e vivendo. Vivendo de quê? Ninguém sabia...

Como não tinha trabalho, nem endereço certo e ninguém da localidade o conhecia, por ordem preventiva do Doutor Juiz de Direito da Comarca, a polícia o pren-

de como único suspeito. Dias depois, o promotor oferece denúncia com indícios mais que evidentes de sua autoria no crime. O juiz ouviu várias testemunhas, mas ver mesmo o sucedido, ninguém disse ter visto não. Em seus depoimentos, todas as pessoas inquiridas relataram, sim, o envolvimento amoroso de Camelo de Zefinha com Zefinha de Neco. Nos autos, constavam também várias referências a trocas de ameaças havidas entre os dois. Contra Camelo, pesavam também sua situação de desocupado, hábitos de jogo e bebedeiras, cujas contas ele fazia questão de pagar sozinho para ficar cercado de muitos amigos, que em mesas de bares nunca falham e, apenas lá e somente lá, se mostram sempre os companheiros da maior fidelidade. Verdade é que ninguém sabia onde ele arranjava aquela dinheirama toda. E sabia...

Comarca com pouco movimento, o juiz não demora a dar a sentença de pronúncia, mandando o acusado a júri popular. Defendido por um rábula dativo, que nenhum esforço fez para provar sua inocência, talvez porque estivesse convencido da culpabilidade de seu cliente, Camelo fica no mato-sem-cachorro.

Temerosa de verem nela alguma participação no crime, a própria Zefinha manda deixar na cadeia os pertences de Camelo e o abandona de vez. O mesmo acontece com a corriola de amigos farristas, que num instante sumiram. A vida é assim...

Agora, vejam mesmo o que aconteceu! Durante o júri, o representante do Ministério Público, moço recém-formado e dono de excelente oratória, acusou o réu veementemente, transformando-o em verdadeiro diabo. Frio, inteligente e passado no mundo, aproveitando-se da eloquência do Doutor-Promotor, para quem todas as atenções estavam voltadas, discretamente, Camelo começa a soltar um a um os parafusos frouxos de uma pequena lâmina de aço que ajudava a sustentar uma perna

quebrada do banco de réus onde estava sentado. De posse do apetrecho, sem que os dois soldados que o ladeavam se dessem conta de tamanha esperteza, aguardou a autoridade mais uma vez aproximar-se dele. Desta feita, o promotor segurava o processo com a mão esquerda e com o dedo da mão direita em riste, quase tocando na ponta do nariz do réu, falava com eloquência e convicção:

Senhores Jurados! — agora era Clementino, frustrado por não ser doutor-advogado, quem discursava e gesticulava igualzinho a um Promotor de Justiça: — Senhores Jurados! Atentai bem para o que vou lhes dizer. O réu é gente do meio do mundo que, de repente, apareceu por aqui, sem ninguém saber de onde veio e ao que veio. Com toda certeza, trata-se de um fugitivo, um fora de lei, que, para infelicidade e insegurança dos habitantes desta pobre Comarca, aqui chegou para se ocultar de algum delito praticado, ninguém sabe onde. Sem trabalho, veste roupa de fino corte, dizem que anda sempre muito bem perfumado, bebe as melhores bebidas, come as melhores comidas, joga baralho e faz questão de pagar sozinho as contas das farras que encabeça. Pergunto-lhe: — Senhor Camelo, de onde vem seu dinheiro? — Não preciso de resposta, porque os jurados o sabem muito bem. Seu dinheiro vem da amásia Zefinha que também era amásia do morto. Todos sabem que houve trocas de ameaças e juras de morte entre o acusado e o falecido. Antes que recebesse algum maltrato de Neco, quem sabe, uma surra, ou até mesmo coisa pior, o réu, pessoa fria e ardilosa, ao cair da tarde daquele fatídico 13 de agosto do ano passado, montou uma emboscada e, covardemente, abateu com um só tiro de bacamarte o infeliz comerciante. De onde vinha Neco naquele dia? Retornava justamente da fazenda presenteada à sua amásia, que há muito tempo, repito, passou a ser amásia também do réu, a quem sustentava de tudo a troco de carícias compartilhadas às escondidas do finado Neco, mas do conhecimento do vigário e de toda a digna sociedade local. Pior ainda: mal o inimigo baixou

à sepultura, o réu passou-se de malas e bagagens, repito, senhores jurados, de malas e bagagens, para a fazenda de sua amante, onde era visto esquipando nos cavalos de montaria do infelicitado fazendeiro, que deixou sua mulher legítima na mais cruel viuvez e os filhos menores em trágica orfandade. Agora, os céus clamam por justiça e justiça haverá de ser feita por vocês, senhores jurados! Nenhuma dúvida resta quanto à autoria do crime, pois tudo está provado pelos depoimentos constantes dos autos, há poucos instantes, lidos e ouvidos por todos os que aqui estão presentes a esta sessão de julgamento! Precisamos de justiça! E justiça significa condenar o autor deste crime monstruoso praticado pelo réu que, além de viver à custa do morto, o abateu na mais vil e traiçoeira das emboscadas, tudo para ficar com sua mulher, digo, com sua amante e com os bens a ela presenteados pela vítima. Em nome da Justiça, peço-lhes que condenem o réu à pena máxima! É o que este assassino sanguinário e miserável merece!

O bodegueiro mofino estava tão absorto com o discurso que a baba escorria-lhe no queixo.

Utilizando outra entonação de voz, Clementino continua seu relato:

Inesperadamente, feito um raio, Camelo avançou na direção da autoridade, que ainda estava com o dedo apontando na direção de seu rosto, esfaqueando-a, quase mortalmente na sala de júri com a lâmina que, às ocultas, havia retirado do banco. Fez tudo isso, e ainda teve tempo de bater nos dois soldados, derrubar o juiz, escapulir-se do recinto e fugir. Cabra da peste de valente aquele Camelo!

Menina-Catucha

Dessa vez, danou-se no mundo e foi parar num engenho, lá para as bandas da Mata-Sul de Pernambuco. Sem ofício, restou-lhe cortar cana para sobreviver ao infortúnio que dele se apoderara.

Não deu um mês, lá está Camelo metido em nova encrenca. Dessa vez, ficou-se de amores por uma mocinha menor de idade, dita Catucha, filha de um trabalhador como ele, também escravo do eito. Só que a moça tinha um chamego às escondidas com o filho mais novo do senhor de engenho. Rapaz arrogante e autoritário, acostumado a judiar com os trabalhadores, era temido por todos. Não demorou a chegar a seus ouvidos que a moça estava se encontrando com Camelo e se esquivando dos carinhos do ricão. Sérgio era seu nome. Bonito, sempre bem barbeado e coberto dos melhores perfumes franceses, calçando botas de cano longo fabricadas em cromo alemão, montado em um puro-sangue-inglês, costumava desfilar pelos descampados do engenho com empáfia de rei. A moça, mal cuidada, envergonhava-se de encostar-se em Sérgio. Antes preferia Camelo que tinha no corpo sujo inhaca de pobre igual a ela e à sua família.

Logo que soube da novidade trazida por puxa-sacos alisadores de bancos da casa-grande, disse ao portador do fuxico:

— Deixa estar que hoje mesmo aquele sujeito miúdo me paga por seu atrevimento!...

Setembro com parecência de final de novembro. Canaviais cobertos de cinza e fumaça. Lá dentro, um inferno. Calor e sol quente de rachar espinhaço de cão!

O moço Sérgio deu rédeas a seu cavalo, roseteou as ancas do animal de pelo reluzente e saiu voando em busca da morte. Quando chegou ao canavial, deu ordem ao capataz para reunir os trabalhadores à sua frente. Ordenou também que deixassem as ferramentas de corte nos lugares onde cada um se encontrava trabalhando. Quando todos chegaram, famintos e maltrapilhos, mais parecidos com esqueletos humanos do que com gente viva, o moço-fidalgo, do alto de seu alazão, indiferente

à miséria estampada em cada rosto, passou a vista nos semblantes humilhados e perguntou gritando:

— Quem é um tal de Camelo que trabalha nessa frente?

Disposto feito a peste, Camelo saiu afastando os companheiros com os dois braços, aproximou-se do milionário, obra de um metro, e disse em voz alta, feito soldado raso diante de seu general:

— Camelo de tal, às suas ordens! — pensou até que fosse ganhar promoção por ser moço de boa aparência, criado em ambiente de pessoas muito educadas para os modos grosseiros do eito do engenho onde, causa que andava bastante necessitado, sujeitou-se a trabalhar.

Que promoção que nada, meus amigos! Quando ele menos esperava, o filho-da-qual meteu-lhe foi uma chibatada no lombo que as cinzas do canavial voaram de suas roupas rasgadas, pois na fuga do Araripe deixara vestimentas e demais pertences na cadeia onde estava recolhido. O agressor ainda levantou a chibata para dar-lhe mais um corretivo, como costumava fazer com trabalhadores, pobres-coitados, que não tinham de quem se valer e, por cima de tudo, possuíam família numerosa para sustentar. Diferente era Camelo, cabra do meio do mundo, sem lenço e sem documento... Como ia dizendo, o moço rico ergueu a chibata de couro cru para deferir-lhe uma segunda lapada, só que não deu mais tempo. Camelo cegou. Incontinentemente, sacou de um punhal velho e enferrujado — pois não costumava andar desarmado — golpeando o agressor de baixo para cima, na altura do peito esquerdo, uma só vez, pois não conseguiu puxar de volta a arma branca. Desassombrado, correu e ainda teve a ousadia de passar às pressas na casa de Catucha e levá-la consigo. Dessa vez, Camelo saltou dentro do canavial e sumiu no oco do mundo. A partir daquele dia, nunca mais ninguém ouviu notícias suas.

— Se eu soubesse onde Camelo está, ia chamá-lo para andar comigo, pois aprecio muito homem disposto e valente que nem ele! — disse Clementino e concluiu sua história:

Contam que, horrorizados e com medo, os trabalhadores correram todos de volta para seus locais de trabalho. O capataz, vendo que o moço estava sem vida, montou no cavalo do falecido e foi dar a notícia à Casa-Grande. Quando a família chegou ao local do crime, cachorros vira-latas tinham acabado de se fartar, lambendo o sangue que ensopara as vestimentas do moço e fizera poça no chão. Durante o velório, o defunto estava preto da cor de carvão. Dizem também que baixou à sepultura com o punhal encravado no tórax, pois ninguém conseguiu extrair-lhe a arma, cuja ponta atingiu uma vértebra da coluna e envergou, assumindo formato de anzol.

Agora só para concluir, escutem o que vou lhes dizer: descobrir a verdade dá trabalho, exige tino e faro, especialmente quando se trata de crime sem testemunha ocular. Depois de muito tempo, não é que descobriram o verdadeiro criminoso que havia matado o comerciante Neco do Araripe? Verdade é que Camelo, apesar dos indícios de culpabilidade, gozava de completa inocência. Quem, de fato, mandara matar Neco Joalheiro foi um vizinho de propriedade que tinha questão de limites de terra com ele. Camelo era azarado mesmo. No caso do Araripe, ia mesmo pagar sem dever!

Voz de prisão

Mal Clementino terminou de contar essa história, a tropa que estava no seu encalce, ouve vozes. Param e escutam com atenção.

— É na bodega. Vamos lá! — disse o oficial.
E foram.

Depois de muitas doses, Clementino e o amigo cuspinhavam o chão e falavam alto demais para quem andava fugindo da polícia.

Num instante, a tropa cerca a casa e o oficial, atendendo a interesses políticos, dá voz de prisão a Clementino. De retorno, ouve impropérios contra a polícia. Aí, quebram as portas e invadem o recinto. Experiente, o bodegueiro mofino se enfia debaixo de uma tuia de sacos de farinha amontoados num canto de parede. Desarmado e sem ter nada a ver com aquela diligência, o companheiro de prosa é alvejado mortalmente. Clementino resiste e não se entrega. Sabendo que um irmão do camarada atingido morava próximo à bodega, grita pedindo ajuda. Num estalo de tempo, parentes e amigos do moço baleado cercam o local, atacando a Força Pública pelas costas. Ligeiro no gatilho, Clementino também atira. Em meio a fogo cruzado, a polícia não aguenta o tranco e corre, sem deitar as mãos no moço perseguido.

No incidente, Cícero tomba sem vida. Revolta para Clementino, desgostão danado para a família.

No dia seguinte, estirado numa rede branca com manchas de sangue por baixo, o moço inculpada é levado estrada afora na direção do cemitério da vila. Atrás, um cordão de choro. Todos os amigos acompanham o morto, vítima de desgraça, menos Clementino, temeroso de ser agarrado. Mas a polícia, causadora da desgraça, lá não aparece.

Mais um crime que fica por isso mesmo nas terras da Baixa Verde.

Desmantelo à vista

“Desmantelar-se” é cair na vida do crime, sem chance de sair para não ficar desmoralizado. É o que sucedeu.

— Chamei meus irmãos Pedro, Quintino e Antônio, Zé e Nezinho — conta Clementino — reuni mais alguns

rapazes aventureiros, conhecidos meus e formei meu próprio grupo para me contrapor aos constantes arrosos que vinha sofrendo das autoridades a mando de políticos. Mais interessado em mostrar valentia e poder de fogo, que matar e sair fazendo malfeitos, comecei a navegar nas redondezas de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, terras úmidas desse Sertão-Nacional. Quando me apertavam, não podia fazer viagens alongadas. Ficava por ali mesmo. Nem pensava em me aliviar lá para as bandas do Velho Chico, onde os sertões são do tamanho do mundo e as estradas quase sem fim, causa que sou cambota e por isso não disponho de pernas caminhadeiras.

Homem de grito-grosso, siso e caráter, agora, atravessado de armas e de cartucheiras, Clementino não era do tipo de gente que costumava carregar no peito bentinchos milagrosos, nem relíquias de santo. Além disso, não acreditava em curas, corpo-fechado, ocultação e escapanças furtivas. Sentia prazer em ver as pessoas terem medo dele, mas sem razão não molestava ninguém, nem desrespeitava mulheres.

Sujeito diferente aquele! Com certeza não era um traste da laia dos facinorosos que corriam mundo com armas, matula nas costas e estoques nos surrões, fazendo todo tipo de desgraça: mortes, roubos, bebedeiras e faras com mulheres-faladas.

Instruía seus rapazes, com tino de mestre:

— Vocês sabem que sou homem de mansa-lei. Sempre gostei de mulheres e hoje, que estou apartado, gosto mais ainda. Admiro a beleza delas e vejo em muitas a imagem de minha santa-mãe, Benvinda. Que Deus a tenha nos céus! Por isso, no meu grupo ninguém nem ouse fazer mal a fêmeas, mesmo que sejam mulheres-sem-nome. Quem quiser viver servergonhando pelo mundo afora, não anda comigo, não. Entenderam? E tem mais:

quando for preciso a gente mostrar valentia, não adianta brabura. Aprendam a brigar com a cabeça e não usando os rancores do coração. Raiva demais sacoleja o juízo do sujeito e atrapalha. Cada passo tem que ser pensado, medido e pesado em questão de segundos. Se o cabra errar o traçado, a desgraça tá feita, causa que sementes de fogo não alisam. Igual quando a gente mexe em casa de maribondo. Diferença é que vespa ferroa, dói, mas porém não mata. E balas, sim, essas têm cara de morte e andam sem o menor juízo. Ver companheiro estendido no chão todo varado de bala ou de faca dá pena e remorso. Por isso, cabeça! Nunca tratem de enganar ninguém. Cada um de vocês tem que crescer no dizer coisas verdadeiras. E saibam ainda que a vantagem do valente é ficar vivo. Não adianta morrer brigando. Aprendam a manter silêncio. Quem fala demais é fraco, frouxo e falso. Silêncio guarda verdade e fortaleza. A morte tem muitas caras. Façam tudo para se livrar dela. Não fiquem parados, esperando que os riachos esbarrem de correr. Senão levam chumbo grosso. E lembrem-se: quando todos estiverem dormindo, um ficará sempre às ocultas e de olho aberto, escorado no mija-fogo. Se não fizerem isso, acordam todos mortos.

Quelementino tinha poucos rapazes, mas eram bem instruídos em armas e pessoas de sua inteira confiança: Carta Branca, Ioiô, Urtiga, Pirilampo, Beiju, Capador, João Embira, Bacurau, Bigode, Dianteira e Quebra-Faca. Não mais que dez, todos limpos, asseados, livres do suor fedorento, misturado com a poeira dos caminhos. Diferentes dos demais grupos que palmilhavam os sertões, sim, mas não deixavam de ser homens firmes em qualquer embate ou ação justiceira, como esse caso que peço licença para relatar agora, usando as próprias palavras de Quelementino, que me foram passadas por alguém, cujo nome revelarei mais adiante:

Pé-Branco

O primeiro incidente do meu grupo foi uma desforra em favor do compadre Gedeão, homem do pesado, carregador de cana para as engenhocas de rapadura da Baixa Verde. Fazia o transporte em burros encangalhados e com cambitos. Ganhava por produção. De humilde origem, a família desfrutava de folha-limpa, desde a época dos bisavôs. Pois não é que um dia apareceu por lá um sujeito enxerido e atravessado, um cabra completamente desposuído de vergonha, calçando sapatos brancos, de nome Honorato, vindo nem sei de onde, acho que lá das bandas do inferno e com a maior descerimônia do mundo, depois de seduzir, ofendeu-lhe a filha mais nova, menina-moça de quinze anos, de nome logo Imaculada, amor da vida do compadre Gedeão! Sem nada temer, o dito sujeito ficou fazendo rastros pelos caminhos num vai-e-vem desaforado e, pior ainda, cobiçando outras mais donzelas de igual formosura que por lá moravam, numa época em que todos tinham muito zelo pela honra e virgindade de moças solteiras. Dizem que o compadre Gedeão ainda pensou em se matar de tanto desgosto que teve quando se deu conta do esbandalho de sua família. Só não chegou a perpetrar tamanha loucura, causa que tinha um rebanho de meninos pequenos gerados um atrás do outro.

Vagando para lá e para cá, a notícia da sedução findou chegando aos meus ouvidos. Acontece que o homem cambiteiro de cana era meu compadre. De fogueira, mas era! Aí, nem esperei que o aparentado me fizesse queixa. Quando soube do ocorrido, peguei meus rapazes e comecei a percorrer os traçados da ribeira numa ânsia incontida de ver o dano feito à moça reparado, melhor dizendo, vingado.

O dito sujeito ficou conhecido pelo apelido de Pé-Branco, causa que gostava de andar metido em sa-

patos brancos, moda muito mal vista e censurada naqueles sertões. Eu queria apenas aplicar-lhe uma surra dessas que quebram todas as costelas do elemento. Acontece que um de meus rapazes ganhava a vida capando cavalos, o que lhe rendeu o apelido de Vado-Capador. Por sinal, exercia a profissão com muita habilidade, feito fosse mesmo doutor-veterinário. Por isso, carregava em seu bisaco todos os apetrechos de que necessitava para cirurgias equinas: faca amolada, agulha grossa, carretel de linha Corrente, sabão amarelo, iodo e sal de cozinha.

Um dia, resolvi dividir meus rapazes em dois grupos para dar uma batida em busca do facínora, viciado em desonrar meninas-moças puras e inocentes. Depois de possuídas, as pobres-coitadas restavam faladas com os nomes na boca do povo em cada esquina de rua. Em busca do bandido, botamos cerco em dois caminhos diferentes por onde me deram informação de que ele, Honorato, vulgo Pé-Branco, haveria de passar naquele fim de tarde. Aí, eu, Clementino Furtado, segui com três homens e Vado-Capador, com os seis restantes. Por má sorte, o aliciador de menores decide pegar justamente o caminho onde Vado tinha montado sua tocalha. Quando estavam quase desistindo de esperar, lá vem vindo um sujeito, pisando com certa ginga em direção à festa da Santa Padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que estava começando a acontecer, justo ao cair daquela tarde.

— Será que é ele?

— Sim!

— Não!

— Parece, mas não é...

Ficou aquela discussão danada. Até que alguém saltou de lá e disse:

— É o cujo, sim! Arreparem pra os pés dele!

Aí só fizeram agarrar o cabra que pernava e gritava feito um bacurim ensacado, vendo já o tamanho da desgraça que ia lhe acontecer.

— Valhei-me, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro! Pelo amor de Deus, me soltem que eu caso com a moça! Eu juro que caso! É Purezinha, Santana ou Imaculada? — perguntava feito fosse gente que prestasse.

Era tarde demais para arrependimento e juras de casório. Experiente, Vado não gastou mais que uns vinte minutos para concluir com sucesso o serviço. Depois, para evitar qualquer nesga de remorso, lavou a área com água de um riacho próximo, higienizou o local com sabão amarelo e iodo, cozeu a cicatriz bem direitinha e salgou o local cirurgiado. Tomou esses cuidados para evitar inflamação e postura de moscas-verdes que são danadas para empestar ferimentos com varejeiras. Fez tudo bem feitinho, igualmente fazia com os cavalos que lhe eram confiados. Na hora, ia passando uma cadela parida com uma ninhada de cachorrinhos. Vendo a bichinha magra e caçando de-comeres para se fortalecer, Vado, pessoa bondosa e de coração muito generoso, alimentou a cachorra, causa que estava precisando de sustança para dar mais leite ao magote de cachorrinhos que, grunindo, seguiam a mãe sem destino, estrada afora.

Se Pé-Branco morreu, ninguém sabe ao certo. O fato é que sumiu, sem formalizar queixa alguma na Delegacia da vila. Castração desonra e, normalmente, a vítima prefere silenciar. Foi assim que pagou a desgraça que fez com a menina Imaculada, com o pai dela, o compadre Gedeão e com outras mais meninas, cujas famílias envergonhadas encobriram a desonra com o véu do silêncio.

Sim! Já ia esquecendo de dizer que o lugar onde o serviço aconteceu ficou chamado pelo vulgo Riacho do Capado. Até hoje!

Eu não concordava com emasculação. Para mim, homem tem que ser homem até morrer. Mas como o serviço já havia sido executado, àquela altura dos acontecimentos, nada mais poderia ser feito.

— Vá! Escreva aí que não foi ninguém que me contou isso, não. São as próprias palavras de Quelementino que, depois de aposentado, às vezes, cuidava de vir gastar conversa comigo aqui em casa — disse Zacarias Aleixo, homem de muitos saberes, nascido e criado no povoado da Prata, situado nas beiradas do Cariri, fronteira com o Pajeú.

Bem municiado, Quelementino e seu grupo giravam, botavam lei onde não tinha e tiravam pontas de varas para não furar olho de inocentes, nem rasgar à toa titelas de inculpadros.

No chega-lá-dá-cá, as contas que tinha para acertar com seus desafetos começaram a se fechar bem direitinho, feito balanço de guarda-livro formado.

Um dia, lá ia ele no meio do povo durante umas Santas Missões na Baixa Verde. Sem nada temer, como era costume dos Urtado, gente de sangue quente nas veias e procedente das fronteiras entre Espanha e Portugal, de repente, deu de cara com um capanga de um inimigo seu. Agarrou o sujeito pelas becas, todo mundo vendo e testemunhando. E era para ver e testemunhar mesmo, pois gritou bem alto:

— Cabra da peste, valentia vale para todas as horas! Quero ver se mostra coragem agora!

— Valha-me, Nossa Senhora dos Desvalidos! — berrou o sujeito mofino, se mijando de medo.

— Diga ao cachorro do coronel, seu patrão, que eu quero ver se ele é macho para continuar me perseguindo de hoje em diante, que virei cangaceiro! Diga a ele — e diga mesmo — que se eu encontrá-lo por aí, ou meto-lhe uma bala na cabeça ou aplico no rabo dele uma bexigada

de pimenta malagueta, que ele vai andar se cagando a vida toda e nunca mais será gente!

O cabra, xeleléu desses de cozinha, revirava os olhos, quase morrendo sufocado. Depois de levar uns sopapos, foi jogado de costas no chão. Levantou-se rápido, furou o ajuntamento de curiosos e sumiu.

Assustado, foi direto contar o acontecido ao soba:

— Coronel, homem de Deus! Pelas cinco-chagas-de-Cristo, vá-se embora daqui, senão Quelementino mata o senhor, sua família e mata a gente tudinho! O homem virou cangaceiro!

O coronel se fez de corajoso, mas sabia muito bem o que poderia lhe acontecer. Prudência nunca faz mal. Trancou-se em casa e só botava os pés na rua, rodeado de cabras. Apesar de ser um sujeito de estatura elevada e forte, amofinou, deixou de atacar a camisa branca no gogó e sair desfilando pelas calçadas, com pescoço empinado feito ema. Até que um dia arriou de vez. Morreu de sobrosso — é o que dizem.

Convite maldito

Sabendo que Quelementino encontrava-se “desmantelado”, Virgulino chamou um de seus cabras e determinou:

— Dê um giro lá pela Baixa Verde e diga a Quelementino que venha andar comigo e pode trazer seus rapazes todos, que aqui ninguém bole com nenhum deles não.

Nas terras da fazenda Abóboras, pertencente ao Coronel Marçal, ninguém bulia mesmo! Lá, Virgulino era tratado com a maior distinção. A razão do pedestal é que, justo num dia de baile em Triunfo, Marcolino, filho do dito coronel e cunhado do coronel Zé Pereira, achou de ser acusado de matar a tiros de revólver, no meio da rua, o juiz de direito daquela comarca, Dr. Ulisses Wan-

derlei, durante a festa de passagem de Ano Novo, em 1923. Agarrado pela polícia, o caboclo Marcolino não demorou na prisão. Acompanhado de 80 cangaceiros, cerca Triunfo, quebra a cadeia e liberta o amigo. A partir daí, a troca de favores tinha mesmo era que prosperar. E como prosperou!

Voltando a Quelementino, justiça seja feita, era homem perverso, mas não comia do gatilho, não. Justiceiro, carecia mesmo era de proteção.

— Não fiz nada de errado. Matei dois ladrões de cavalo. Agora estou com a polícia no meu encalço — queixava-se, sem ver saída, ao mesmo tempo em que se lembrava da vida de garoto, dando cambalhotas em cima das tuias macias de bagaço de cana nos engenhos de rapadura que enchiam de vida as terras frias e úmidas da Baixa Verde.

À medida que o tempo passava, as coisas se complicavam para ele. Mesmo rodeado de seus rapazes, a qualquer hora estava sujeito a se meter em incidente grave com a polícia e ser preso, pois os processos-crime contra ele corriam e, àquela altura, ambos corriam à revelia. Precisava tomar uma decisão sobre sua vida. Como o cerco estava se fechando, um dia resolveu aceitar o convite e foi com seus rapazes juntar-se aos fascinosos de Virgulino. Integrado ao bando, muda de nome:

— Quelé?

— Sim, senhor!

Vulgarizado por Virgulino, nunca mais ninguém o chamou de Quelementino, muito menos de Clementino, como um dia ficara assentado no livro de batismo da igreja onde foi levado à pia para receber os santos-óleos.

No grupo, acompanhado de seus rapazes, é posto à prova. Missão: vanguardear o bando, toda vez que o Chefe precisava executar algum serviço pesado. Diligente, recebe elogios.

Perigo ensina. Aprendeu a dormir com uma mão no rifle. Enfrentamento exige quengo. Qualquer vacilo é morte certa. Ele ganha saber, experiência, malícia, astúcia e vai se safando. Em cada incidente, nova lição. Destemido, enfrenta com bravura as durezas e desgraças do Mundo-Sertão. Aprende errando, quebrando a cabeça. Nem dá tempo espiar os erros e acertos do seu caminhar. Certo? Errado? Quem sabe?... Ele próprio não consegue julgar seu proceder. Anda de mãos dadas com o perigo, rodeado pela desgraça, abocanhado pelas garras do fatalismo. Sabendo disso, pede tempo ao destino e desabafa a Pedro, um de seus irmãos:

— Sou muito novo ainda, mano. Não posso estragar minha vida por qualquer coisa, não. Gosto do que é certo! Minhas armas guardam outro destino. O Homem tem bofe duro e não se parece com gente humana, não. Cangaço é só brabeza e brabeza é pé na beira da cova. Todo dia, ouço passos da morte junto de mim. Horas há em que a vida tem duração de segundos. Esse povo que anda com Virgulino nunca vai largar isso não! Gostar, às vezes, até que eu gosto das festas de guerra. Mas a vida no cangaço é muito dura. Ninguém nunca anda escoteiro. Tem que levar nas costas roupas, rede, mantimentos, água, armas, munição e, às vezes, algum companheiro baleado ou morto. Depois, é preciso brigar sem medo de morrer, causa que quando o cabra tem medo de morrer, dá espaço ao inimigo e aí morre mais fácil ainda. Além disso, estou cansado das malvadezas de Virgulino. Às vezes, ele mata só para ver a careta que a vítima faz. Parece até que tem parte com o diabo. Valha-me, Deus, mano! Vou pular fora! Meu pai dizia que aquilo que começa errado nunca termina bem. Não fui parido para viver nessa vida, não. Quero um destino melhor! Sou mais da lei!

Gota-d'água

Depois que se juntaram, sempre houve estremececes entre os dois grupos. O pessoal de Quelé ressentia-se de servir de escudo nas horas de perigo, sem nunca nenhum deles ter chance de deitar a mão no que tinha. Sentiam-se alugados, merecedores de pouca ou quase nenhuma recompensa. Misturavam-se, mas havia sempre alguns arranhões porque o novo grupo não aceitava ser subalterno dos veteranos e deles receber ordens. O rompimento era só uma questão de tempo. Até que enfim aconteceu de acontecer. Foi assim:

Um dia, por conta de uma discussão banal entre cabras dos dois grupos, Quelé perde a cabeça, toma as dores dos seus e resolve desafiar o próprio Virgulino, de quem nunca teve medo. Não é que por conta desse estranhamento os dois se tornaram inimigos ferrenhos para sempre!...

Dom Frederico, o Grande conta que ouviu de Candeiro a história todinha foi assim mesmo:

O incidente aconteceu na dita fazenda Abóboras, pertencente ao Coronel Marçal.

Estavam ambos acompanhados de seus rapazes, em duas casas terreiro com terreiro. De repente, chega alguém, bota a cabeça na janela, trazendo notícia má, coisa ruim:

— Terto apagou Totô numa emboscada, não se sabe onde...

— Apagou quem? – perguntaram.

— Totô, irmão de Casa Velha.

— Danou-se!... — foi o único comentário que se ouviu.

Deitados no chão, ocupando os vários cômodos da casa, uns fazem a cesta e roncam, tendo as armas ao alcance de suas mãos, outros jogam onça, buzos e cartas.

Silêncio...

— Vai dar coisa! — alguém pressagia.

— Vai, mesmo! — sem abrir os olhos, outro cabra agourenta.

Ninguém mais fala. Ficam só imaginando o que vai suceder.

O criminoso e o morto são cangaceiros e irmãos de elementos que fazem parte do grupo ou transitam por ele quando lhes convém.

Como Terto vai precisar de proteção, os cabras, Neco e Barbosa tios do assassino, levantam-se e cuidam logo de desatar alguma providência em favor do sobrinho metido na encrenca. Por isso, decidem atravessar o terreiro. Depois de contar o sucedido a Quelé, Neco insinua:

— A gente queria trazer Terto para o nosso grupo. Mas tá difícil. Como você sabe, Casa Velha é irmão do morto, vira-e-mexe, lá vem ele de Missão Velha e fica andando com a gente. Avisaram-me que Terto e o irmão estão escondidos numa serra em Belmonte. Se ficarem por lá, acabam sendo presos e podem ser forçados a falar o que não devem.

Numa situação dessas, Quelé teria que consultar seu superior. Como Virgulino tinha saído, ele se achou no direito de tomar a decisão:

— Qual o problema, homem? Mande buscar os dois rapazes para cá! Ficam comigo!

Meia-Noite, cabra alagoano natural de Olho d'Água do Casado, pertinho de Piranhas, valente e amigo do morto, está por perto, dando um trato em sua arma. Ouve a conversa todinha e não gosta de jeito nenhum do arranjo. Franco, resmungando, sem levantar a vista, entretendo limpando seu brinquedo de estimação:

— Terto é uma tralha de sujeito, um traste. Se vier para cá, eu acabo com ele!...

Dito e feito.

Dias depois, os dois rapazes chegam e juntam-se ao grupo de Quelé. Desconfiados, ficam só-por-ali, no vai-e-vem, espiando os modos-de-ser e conhecendo as criaturas.

Meia-Noite, cumprindo o que havia dito, esconde uma pistola na cintura, atravessa o terreiro e vai peitar Terto:

— Por que você deu fim a Totô? — pergunta, pronto para agir, qualquer que fosse a resposta do comparsa, agora seu desafeto.

— Causa que ele andou jurando de me matar...

Mal termina sua fala, Meia-Noite saca a pistola e atira no moço. Ligeiro feito um felino, Terto nega o corpo e se livra do balaço, que deixa um samboque arrancado na parede, justo onde ele estava escorado. Dá-se um aqueta-arreda, um agarra-agarra, até que os companheiros tomam a pistola de Meia-Noite. Nisso, José, irmão de Terto, parte para cima de Meia-Noite e o domina, pondo-lhe um punhal no pescoço.

— Quem você pensa que é, seu fela da mãe? Fala, fala para eu te sangrar agorinha, desgraçado!

Os tios, Neco e Barbosa, saltam em cima do sobrinho, separam os dois e empurram Meia-Noite corredor afora para que as coisas se acalmem, responsáveis que são pela vinda dos dois parentes.

Num piscar de olhos, o alagoano dá de garra de um rifle de Neco que está escorado no corredor, salta para o terreiro da casa, põe uma bala na agulha e grita:

— Se tiver homem aí dentro, pule fora e cuide de me enfrentar! — desafia.

Ninguém aparece. Silêncio dos dois lados... Solitário, recolhe-se para a outra casa onde estão seus comparsas. Quando tudo parecia ter se acalmado, Meia-Noite resolve mandar de volta o rifle de Neco. Aí a confusão recomeça. Neco se sente desmoralizado e reage exaltado:

— Dê a volta e devolva o rifle a Meia-Noite. Só porque ele se atreveu a pôr a mão na minha arma, de agora em diante, ela tá maculada e não é mais digna de homem valente que nem eu, não. Se avexe, dê meia volta e trate de levar o recado para seu pareceiro, agorinha! E saiba que não gosto de cabra que vive de leva-e-traz. Se fosse homem de bem, pegava em arma e ia trabalhar feito a gente faz. Vá-se depressa e nem espie para trás, senão eu meto-lhe uma bala no rabo. Ouviu?

Mais tensão entre os dois grupos. Alguém propõe um entendimento:

— Terto, vamos fazer um acordo: tu ficas com a arma suja de teu tio e entregas a tua a ele. E aí, a gente acaba com essas desavenças todas... Vocês estão chegando e precisam saber que isso aqui é negócio, meio de vida. A gente deve brigar com os macacos e não uns com os outros.

Aceitaram. Reina calma outra vez.

Toda essa confusão acontece na ausência dos dois chefes.

Algum tempo depois, Virgulino retorna, toma conhecimento dos fatos e não assume partido, talvez, para não desfeitar Quelé. Mas findou desfeitando. Na leitura de Quelé, o silêncio do chefe significou trocá-lo por um negro, numa época em que os brancos tinham pretensão de valer mais.

O sol entristece a tarde. O dia morre. Tranquilidade...

De repente, Quelé chega e é informado do sucedido. Sente-se desmoralizado com a atitude de Meia-Noite que desafiou Terto, seu mais novo protegido. Aí, a confusão toma outro rumo. Quelé resolve cutucar o cão com vara curta, bate mão de seu rifle, sai para o terreiro e grita:

— Não aceito ser desmoralizado pelo cabra Meia-Noite, não! E tem mais: se tiver se fiando na valentia do Chefe, pode juntar todo mundo aí, inclusive ele, que eu

brigo do mesmo jeito! Sou macho demais para ter medo de quem quer que seja.

Ao ouvir tamanho desacato, alguns cabras pegaram em suas armas para reagir. A um sinal de Virgulino aquietaram-se. Desautorizados, entreolhavam-se sem acreditar no que estavam vendo e ouvindo. Nunca tinham testemunhado tamanha ousadia.

Para tantos melindres, uma única explicação: aguardente! Todos, inclusive Quelé, estão queimados. Sóbrio, só Virgulino, que se mantém imparcial, calmo e tolerante.

No fundo, Clementino sentia-se homem demais para andar debaixo do comando de alguém. Não se submetia fácil. Cedo, perdera o pai e não demorou a tomar posse de si, enfrentando a vida sozinho. Também, nunca teve patrão. Do jeito que tem gente que só sabe cumprir ordens, Quelé nasceu com gosto para o mando, para ser chefe. Ou, quem sabe, não nascera para trilhar aqueles caminhos...

Conhecendo bem Virgulino, diante de seu silêncio, Quelé percebe logo que tinha ido longe demais. E tinha mesmo. Atitude sem perdão a sua. Aliás, no mundo do cangaço, não havia desculpas, nem perdão para quem ferisse a hierarquia ou o código de ética do grupo. Quelé também não era homem para se arrepender do que fazia.

O racha

Sem dizer nada, reúne seus rapazes e toma direção desconhecida, sem dar satisfação a ninguém. Nem ao chefe. Decidiu sozinho e nenhum dos seus rapazes मुखेou.

— Podem ficar tranquilos, que eu sei muito bem o que estou fazendo. Separado de Virgulino, o mundo não vai se acabar, não. No bando, muita gente perdeu a liberdade. Pensam em sair, vêm a vida todo dia salvar-se por um

segundo, mas cadê coragem para cair fora? Tem cabra que se fia em viver tirando oração. Eu nunca me interessei em buscar o certo no incerto — disse Quelé, numa parada para descanso, na noite em que se apartou do Chefe. E prosseguiu explicando sua atitude: — A gente é que faz a hora e os traçados da sina. Mesmo o sujeito sendo de chumbo e de ferro, quando a morte vem, vem. E nem adianta valentia. Às vezes, a gente morre com um sucesso das próprias mãos. Quero ver quem é homem no acontecer dos fatos. É no meio da guerra que se mostra valentia. Do jeito que a boca do boi quer sal, a morte vive lambendo a vida da gente. Saibam que não estou deixando Virgulino por medo, não, e sim, por valentia. A partir de hoje, ganhei um inimigo que é uma fera. Vai querer vingança, custe o que custar.

Apartado do bando em fins de 1923, Quelé some. Conhecedor das estratégias e hábitos de Virgulino, sabe muito bem da valia que ele próprio tem para a polícia.

Sua passagem pelo cangaço mostra-lhe que aquele não era seu mundo. Por isso, muda de lado. Vai ao Chefe de Polícia de Triunfo e oferece-lhe braços armados:

— Coronel, apartei-me do Homem e estou no mundo. Se eu tiver alguma prestatça para a polícia, de hoje em diante, quero ajudar a combater cangaceiros.

O coronel espia para ele, tentando medir-lhe nos olhos o nível de sua sinceridade.

Em seguida, põe dificuldade para atinar algum possível desvio de conduta ou traição:

— Entrar na polícia, como? Você está sendo processado aqui, rapaz!...

— Não sou criminoso, não. Matei dois ladrões. Somentel! Todo mundo sabe disso. Quero passar para seu lado.

Fez-se um minuto de silêncio. Decidido, quer resposta, palavra de homem:

— Aceita ou não, coronel?

O delegado vira-se para um subordinado e diz:

— Dá pena deixar um homem desses desmantelado!
Olha para Quelé e decide:

— Fique por aqui, que ainda esta semana dou rumo à sua vida.

E deu mesmo. Entregou-lhe a chefia de um grupo de voluntários, sob o comando do Major Teófanos Ferraz que havia prendido Antônio Silvino em 1914.

Dias depois, corre a notícia pelo mundo do cangaço:

— Quelé se bandeou para o lado dos macacos...

Quando Virgulino ouviu esse comentário, saltaram-lhe faíscas dos olhos:

— Muita ousadia! Ousadia demais! Vou arrancar-lhe os dentes, as unhas, furar-lhe os olhos e assar-lhe os colhões na brasa. Juro por Deus! Juro! — desabafou.

Ocupado, Virgulino bate perna pelo mundo, matando, roubando e extorquindo fazendeiros. Vez por outra, retorna aos pagos e só então se lembra da traição que sofrera.

— Um dia chegará a vez dele! — responde quando algum cabra do bando o atiça.

Da mesma forma que desertores da polícia abrigavam-se no cangaço, aqui acolá, um outro cabra dissidente caía fora de seu grupo e encostava-se na polícia, feito Quelé acabara de fazer.

Acerto de contas

Enfim, chega a vez do acerto entre o Chefe e seu ex-protegido que, na época, tinha completos 38 anos de idade. Foi assim:

Data: 5 de janeiro de 1924. Sábado.

Eram 45 homens e Virgulino à frente, ou melhor, atrás, que chefe não se expõe. Aos primeiros raios do sol, chegam à sítio Santa Luzia. Posicionam-se. Árvores e cercas os protegem. A casa está de portas cerradas.

— Será que fomos percebidos?

— Sei não!...

Tinham como tática surpreender o inimigo, pegando-o à traição.

Reina silêncio. É janeiro. Inverno tarda. Ninguém sabe se vem. Para eles, pouco importa chuva ou sol. Haviam trocadô enxadas por canos de fogo.

Cachorros latem. Ninguém aparece. Longe, chocalhos tocam. Fora de hora, galos cantam. Mau presságio... Dentro da casa, Quelé mapeia o grupo. Não está sozinho. Percebe que seus homens são poucos para enfrentar tantos inimigos. Teve chance de fugir e não fugiu. Preferiu afortalezar-se em casa e resistir. Loucura!

Passa alguém e pergunta aos cangaceiros:

— Guerra?

— Vamos matar Quelé. Pune por quem?

— Nem por lá, nem por cá! Sou daqui não. Vou passando!

E o sujeito, que não era besta, passou feito o vento.

Atiram nas portas. Não há resposta.

— É traição. Vamos não! — diz Virgulino.

— Vamos, sim! — insiste Levino.

Chegam quase ao terreiro. Afinal, a luta inicia-se com tiros esparsos de ambos os lados. Medem forças. Os atacantes tomam posições mais perto da trincheira do inimigo. Em menos de uma hora, o mundo começa a pegar fogo. Tiros em todas as direções. Espalham-se no ar fumaça e cheiro de pólvora ruim.

Os moradores da vizinhança fogem. Não querem guerra. Um moço aparentado dos Quelé corre para Triunfo e avisa à polícia.

Amparado por trás das cercas, um cangaceiro consegue encostar-se na casa. Sai se relando nas paredes e escuta as falas para ter ideia de quantas pessoas estão lá dentro. Passa a informação ao Chefe, que só depois, com muita cautela, se achega um pouco mais à fortaleza. Al-

guém do bando sugere botar fogo na casa. Mas este não era o modo de trabalhar de Virgulino. Não tinha experiência com incêndio.

— Vai que no meio da fumaça, fogem e nos atacam!...
— alguém prudente comenta.

Levino pensava que tinha o corpo fechado à bala e só do coração podia morrer. Por isso, tanta afoiteza. Queria quebrar as portas da casa e entrar para lutar corpo a corpo, pegar o inimigo com as mãos, dependurá-lo pelo rejeito e abrir-lhe a jugular com punhal. Sabendo com quem lida, a ideia não agrada a Virgulino. Frio e calculista, não costumava desperdiçar valentia. Impaciente, Levino critica a fraqueza do irmão e quer partir de todo jeito para costurar o inimigo na faca.

— Fique quieto, menino! Fique quieto! Se partir com essa brabeza toda, Quelé te vara todinho de bala. Que vantagem tem morrer brigando? Mesmo matando Quelé, não compensa perder você. Entre nessa casa não, mano, causa que se você entrar, se acaba mais depressa que sabão em mão de lavadeira! Conheço Quelé. É homem de muita valentia, nunca se confunde e tem viveza nos olhos, mesmo lutando no escuro. Entre não, menino!

Levino recua e se aquieta, mas fica emburrado. Parece que queria mesmo era morrer.

Lá dentro, armados até os dentes, os Furtado rugem feito feras, soltam impropérios e fazem ameaças. Quelé desejava mesmo era ver o cabra Levino quebrar-lhe as portas e violar sua casa. Nem carecia arma de fogo. Melhor seria travar-se com ele no punhal. Rodar os quatro cantos da sala, feito duas pintadas, marcando território em disputa de cio.

O combate se prolonga. Depois de seis horas de luta, Quelé já contabiliza as mortes dos irmãos Quirino, além dos parentes Napoleão e Alexandre.

Tragédia imensa!

Na lei do cangaço, o sujeito tem que morrer brigando. Entregar-se significa morte certa. Não há garantia de vida, nem de um lado, nem do outro. Nesse tipo de luta, não existe meio de se guardar prisioneiro com vida. Caiu nas mãos do inimigo, morre executado!

Contando com a ajuda dos parentes e amigos que restam vivos, no entremeio dos tiros, Quelé corre de um lado para o outro, salta por cima dos corpos abatidos de seus familiares, sai deixando rastros de sangue no piso de ladrilho da casa, grita para encorajar os companheiros, dá ordens, resiste com bravura, mas não vê saída. Não vê, mesmo!

— Aquilo era só doidice sem razão alguma! — reconhece Quelé, depois de muitos anos, procurando esquecer-se de tudo.

Além das baixas sofridas, Quelé não tem munição para nem meia hora a mais. Por isso, carece ter cuidado para não desperdiçar tiro. Só que esse tipo de economia finda deixando o inimigo mais afoito ainda e com espaço para avançar.

Sorte sua é que, avisado do incidente, Sargento Belarmino desce de Triunfo em seu socorro. O destacamento demorou. Sempre demora. Às vezes é tática. Querem pegar o inimigo cansado de brigar. Outras vezes, retardam, esperando o fogo acabar. Se a briga é entre bandidos, que se matem uns aos outros e pronto. Naquele dia, houve discórdia. Alguns praças queriam ir, outros, não. Mas findaram indo.

O bando vê-se em apuros e bate em retirada. Sabem muito bem que na hora do aperto a salvação está nas pernas. E põem-se a correr.

Como Virgulino não tinha pena das crias de Jesus, espera apenas que enterrem os mortos. Seis dias depois, 11 de janeiro, volta ao local para acabar de vez com a

raça dos Furtado. A casa ainda está cheia de moscas atraídas pelo fedor de tanto sangue humano apodrecido e grudado ao chão. Apesar de ter sido lavado, o piso exala fedentina que dá náuseas.

Quelé não esperava que o inimigo voltasse. Perverso, voltou. Mais baixas na trincheira da morte. Tombam o irmão Antônio, um sobrinho e os amigos José Martins, João Côco, José Capote, Belizário e Calixto. De quebra, Quelé mata Zé Paulo, um surdo-mudo primo de Virgulino, para quem o rapazola era quase um filho. Novamente, a mesma volante o socorre. Milagre! Só sendo!

Virgulino não sai da área. Quer mesmo é beber o sangue de todos os Quelé. Mais uma vez, aplica surpresa. Cerca a casa de Pedro Furtado, irmão de Quelé. Pedro corre de uma porta para uma janela, atirando no inimigo feito fosse dois guerreiros na pele de um homem só. Resiste como pode, mas fica sem munição. O que fazer? Desesperado, grita o nome do inimigo, informa que se encontra sem munição e pede clemência para a mulher em véspera de parir. Atendido, abre a porta de casa, a mulher sai sob a mira de canos de fogo e vai embora para salvar o filho. Em seguida, com as mãos para o alto, já sabendo que ia morrer, Pedro sai para o terreiro da casa, abre a camisa, mostra o peito e grita:

— Podem atirar, mas saibam que estão matando homem muito macho!

Varado de balas, ali mesmo tomba o terceiro irmão de Quelé. Dias depois, a mulher pare um menino-macho a quem deu o nome de Pedro Furtado Filho. Segundo me disse Fátima, filha de Quelé, Pedro ainda é vivo e mora para as bandas do Juazeiro do Norte.

— Morreu Quirino, morreu Antônio, morreu Pedro. Junto com meus três irmãos, morreu também minha alegria para o resto da vida. Mas isso não vai ficar assim, não!

Sede de vingança

Com a família completamente destroçada, Quelé transforma-se num bicho-bruto, numa fera. Sentimento de culpa, ódio e desejo de vingança passam a dominar-lhe a alma. Para ele, sangue de família não pode ser derramado à toa. Nascido no mesmo chão, possuidor das mesmas deformações, Virgulino pensa do mesmo jeito. E lá se vão os dois inimigos, disputando à bala os estreitos caminhos do Mundo-Sertão!

À medida que o tempo passa, as más-querências entre os dois guerreiros se avolumam. Um passa a procurar o outro, feito quem cata agulha em paiol. Até que no dia 26 de março de 1924, pouco mais de dois meses do incidente anterior, os caminhos de ambos se cruzam. Foi na Serra do Catolé, Comarca de Vila Bela. Perto da serra, ficava o sítio Saco da Roça, pertencente ao pai de Quelé, a poucas léguas de distância do local onde nasceu Virgulino.

Pela estrada sinuosa e margeada de mandacarus, alastrados e arbustos espinhosos de todas as espécies, caminha em silêncio um grupo de cangaceiros. Com certeza, aquele é dia de azar. Mas, quem haveria de adivinhar? Descuidados, lá vêm eles, sem tomar nenhuma precaução, pois jamais imaginariam sofrer ataque num caminho por onde não costumavam andar. Só que o vento também fala. Tanto leva, como traz. Chegou aos ouvidos de Quelé que Virgulino passaria por ali, justo naquela data.

— Major, informante me garantiu que o Maldito e seu bando vão passar pela estrada do Mocó e me disseram até a hora e quantos bandidos o acompanharão.

— Que nada, Quelé! Atrás dessas informações de qualquer um é que a gente tem batido perna, se arriscando em vão, gastando dinheiro e se cansando sem resultado algum!

— Major Teófanos, essa é a primeira vez que lhe trago informação. É ou não? O senhor sabe que não sou homem de emprenhar pelos ouvidos. Se estou lhe dando certeza, é porque colhi todos os detalhes.

Quelé falou com tamanha convicção que o chefe o chamou à parte para melhor se inteirar dos fatos e combinar estratégia a ser adotada.

— O dia não tinha andado uma braça de sol quando partimos. Era tamanha a sede de vingança que, em momento algum, deixei que alguém caminhasse à minha frente. Eu mesmo queria puxar o cordão de homens que compunham a volante — foram palavras de Quelé.

Com passos miúdos e apressados, lá vem ele, certo de que aquela é sua derradeira chance: ou mata ou morre.

Depois de muitas horas de viagem, ele para e diz:

— Major, este é o lugar! É aqui que vamos ficar!

Emboscada

Naquela língua de serra que amura a região, a estrada faz uma curva ladeada por dois pequenos serrotes, um olhando para o outro. São onze horas da manhã. Segundo o informante, o bando não passaria antes das quatro da tarde. E de fato não passou. Por isso, deu tempo para a volante se alimentar. Naquela situação, melhor nem acender fogo. Fogo tem fumaça e fumaça avisa. Depois da refeição, o grupo se divide em dois pelotões. Metade toma lugar no serrote do lado direito de quem vem, sob o comando do próprio major, enquanto o outro se posiciona no serrote em frente, comandado por Quelé. Camuflados e protegidos pelas pedras, posicionam as armas apontando-as em forma da letra V na direção de onde o bando haveria de surgir. Combinaram também que o grupo de Quelé atiraria primeiro. Quando eles se

virassem para revidar, seriam atacados pelas costas pelo segundo pelotão posicionado na outra margem da estrada. Aí, estariam desgarrados e perdidos.

Haja silêncio e espera... Um vaqueiro à procura de alguma rês desgarrada passa pela estrada, fica alguns instantes sob a mira das armas e nada de estranho percebe. Mais na frente, entra no mato e desaparece. Sorte sua. O sol pende e nada do bando aparecer. Passa um pouquinho das quatro da tarde quando avistam ares de poeira ao longe. Tanto pode ser eles, como tangerinos tocando alguma boiada. Esperam. De fato, é o bando que só é visto quando dobram a curva da estrada. Um casal de tetéus voa e grita, denunciando a presença de estranhos nos dois serrotes utilizados como trincheiras ou emboscadas. De nada, os caminhantes suspeitam.

Estrada afora, pés acostumados a comer léguas, lá vem Virgulino montado num cavalo em pelo, tomado à força de alguém. Sob proteção e guarda de seus homens, naquele dia não mais que dez, lá vem vindo ele. Fisionomias enraivecidas, mãos enormes e ameaçadoras, empunhando armas, das quais não podiam se separar um só instante. Pés de chumbo amassando as terras vermelhas do Mundo-Sertão, aproximam-se os fora de lei. Em silêncio, arrastando sombras pesadas no chão, levantam nuvem de poeira. Ventos andarihos e ciganos varrem folhas secas, levando-as aos ares feito fosse revoada de pássaros vadios. Faz que quer chover e não chove. O sol se prepara para deitar-se na linha avermelhada do horizonte e entregar o mundo à escuridão da noite, que aquieta espingardas e adormece olhos guerreiros.

Naquele dia, parece que tinham mesmo feito madrugada para levar chumbo. Não se sabe de onde vinham, nem para onde iam. Àquela hora da tarde, dá apenas para imaginar que estavam meio estropiados, querendo

mesmo coito sadio para repouso da noite. Iam em busca de descanso, e não, de guerra.

Quem sabe naquele instante, no auge de sua carreira, acostumado a morder o beijo dos horizontes em caatingas penetradas de lonjuras, Virgulino estivesse pensando:

— Maior que Deus, não, mas depois dele, com certeza, eu sou governador dessas terras, único dono desse mundão sem fim!

Era e não era...

Os dois chefes haviam combinado que quando os homens se iguallassem a um angico-manjola que margeava a estrada, o primeiro disparo seria feito. Quelé está com o coice do rifle encostado ao peito, bala na agulha, cochila na pontaria protegido por uma pedra e camuflado pela folhagem verde-amarelo das caatingas em início de inverno minguado e tardio. Quando o grupo se aproxima do local combinado, os companheiros ouvem Quelé dizer baixinho:

— Agora!

Mal vê o inimigo, pensa nos familiares e amigos mortos, dois meses atrás, e puxa o gatilho com prazer tão insaciável que erra o peito esquerdo onde havia mirado. Ódio cega. E cegou. Com o primeiro disparo, está dada a desordem. O grupo reage e se volta para a margem direita da estrada. Imediatamente é atacado pelo segundo pelotão. Os rifles vomitam sementes de morte, feito brasas incandescentes. O tiroteio ribomba no ar e ganha o oco da serra, local acostumado a adormecer em silêncio, ouvindo apenas o canto de aves-noturnas. Na confusão, Quelé sente que acertara um balaço no inimigo. Só não sabe onde. O projétil não atingiu-lhe o tórax, e sim, a parte superior do pé esquerdo, saindo no calcanhar e fazendo grande estrago. Fecha-se o tempo. Violência dos dois lados. Para defender-se, Virgulino pula do animal,

que morre estrebuchando atingido por balas. Ao apoiar-se no chão, percebe-se sem um dos pés.

Em desvantagem, os cabras dispersam-se, como era a orientação, e buscam salvação na fuga. Antes de ganharem as caatingas no lusco-fusco da tarde que morre, Quelé se arranca do protegido onde está, sai feito tigre e grita:

— Eita, bando de sataná! Se preparem que agora vamos se travar na faca, para ver quem é homem!

Vendo-se perdidos, os cangaceiros entopem no meio do mato e num instante desaparecem, como quem possui de verdade poderes de ocultação.

Quelé vê um rastro de sangue. Pelo tamanho do pé, imagina ser de Virgulino e, de fato, era. Sem pensar nas consequências, parte para perseguir os fugitivos. Os camaradas o seguram. Estrebucha feito um louco. Só é solto quando os companheiros percebem que não está mais possuído.

— Aí foi que consegui botar razão na minha vontade, pois se fosse seguiu-los poderia muito bem ser morto por eles lá bem adiante — reconhece tempos depois.

A volante está satisfeita com os estragos feitos, sobretudo porque nenhuma baixa tinha sofrido. Apenas ferimentos sem gravidade.

Além de dois prisioneiros feridos, resta o corpo de um cangaceiro atravessado de balas. O sujeito encontrava-se estendido no chão, com as unhas das duas mãos fincadas no tronco de pé de pinhão, tamanha a dor que sentiu nos estremeços finais.

À beira da morte

No corre-corre, ninguém percebe o Chefe ferido. Sem poder se locomover, afasta-se o mais que pode e fica no mato doze dias sem socorro. Levino, seu irmão, o procura e não acha. Preocupado, vive olhando onde tem urubus nos ares.

Perna inchada, Virgulino resolve arrastar-se com sacrifício no meio das caatingas. Um dia, ouve um limpado de garganta misturado com jeito de fala humana e, já que estava perdido mesmo, arrisca-se a gritar:

- Quem tá aí?
- Eu!
- Eu, quem?
- Vivente humano!
- É de bem?
- Sim!
- Louvado seja Deus!
- E a Virgem Maria!
- Então se achegue!

Em pouco tempo, aparecem um homem e uma mulher. O ferido tenta disfarçar-se, mas não consegue:

— É Virgulino?! — exclama o homem com admiração, sem acreditar no que está vendo.

— Sou eu mesmo! Estou ferido e careço de sua ajuda.

— Coragem faz coragem! — disse o desconhecido.

— Apois então me socorra, causa que tô a um passo da morte.

— Não me nego a assistir qualquer vivente que me peça ajuda. O que quer que eu faça?

— Vá à Fazenda Abóboras e avise minha situação a meu amigo Marcolino, filho do Coronel Marçal. Posso confiar?

— Se pode?!

— Quanto lhe devo? Pago o que pedir.

— Sou cristão, filho de cristão, e não costumo receber paga de quem, numa situação que nem a sua, precisa de meu adjutório.

— Mas aceite recompensa que o senhor é um homem pobre e carece também de ajuda para se ajeitar na vida.

— Recebo nada não. Clama os céus! — e foi-se embora cumprir o prometido.

O socorro tarda, mas não falta. Dois dias depois, Marcolino manda Sabino Gomes, pessoa de sua inteira confiança, acompanhado de 30 homens. Feito o resgate, Virgulino é levado para a fazenda Patos de Irerê. Marcolino chama os médicos José Cordeiro e Severino Diniz, este último parente seu para assistir o ferido.

Recuperação lenta: quatro meses fora de combate. Sara a ferida do corpo, a da alma, não. Sobretudo porque, no mesmo combate, a polícia matara sangrados os cangaceiros Lavandeira e Cícero Costa, o farmacêutico do grupo. Dizem que o executor foi um tal de João da Mancha, soldado sangrador. Sujeito especializado em cortar carótidas, na sua prática, a degola se dava sempre da direita para a esquerda. Puxava a faca e saía da frente rápido para não se manchar no jato de sangue. Para fazer aquilo carecia ter coragem. Naquele dia, depois do corte, João da Mancha olha para trás só para ver o último estrebuchado das vítimas. Em seguida, passa o gume da faca num galho de mandacaru para limpar a lâmina, coloca a arma na bainha e vai embora sem a consciência lhe atanzar um só instante.

Os cadáveres ficam abandonados para repasto de urubus que gostam de dar bicadas em carne de humanos, que é carne mole, coberta com pele fina e macia. Essa é a única diferença, porque a podridão é a mesma, tanto faz gente ou bicho. Dias depois, cachorros vadios e famintos disputavam com urubus a carniça fedorenta, coberta de varejeiras e tapurus. Coisa horrível e nojenta que arrepiaria os cabelos de qualquer vivente que por desdita achasse de esbarrar diante de tamanha desgraça. Depois de fartos, urubus costumam embicar asas das alturas, mundo abaixo, para respirar oxigênio puro e, ao mesmo tempo, se livrarem dos fedores das carniças. Isso é o que o povo diz. Deve ser verdade.

Pernas cambotas, tez avermelhada, meio acabraiado, Quelé andava inclinando-se para as laterais, igualzinho

a um tamanduá. O que lhe faltava no físico de guerreiro, sobrava-lhe em coragem, bravura e requintes de perversidade, herança de seus ancestrais, os Urtado, gente de sangue esquentado e pele vermelha, que veio do outro lado do mar, fugindo de perseguição a credo judaico que professavam.

Depois de se recuperar, Virgulino quer se vingar do Tamanduá Vermelho, como passou a apelidar o inimigo.

— Quelé, pensei num plano que talvez dê certo pra você. Sua ficha é limpa na Paraíba... Vá-se embora para lá, homem! O Governador João Suassuna está recrutando forças para combater bandidos. Embora sua folha de bons serviços prestados à Polícia já seja do conhecimento de todos, ainda assim, nós lhe damos uma carta de recomendação — disse Major Teófanos.

De fato, a partir do ano de 24, bandos de cangaceiros multiplicam-se e, à luz do dia, fazem poeira pelas estradas da Paraíba. Em 27 de julho daquele ano, Levino, irmão de leite e de crime de Virgulino, comanda o ataque à cidade de Souza.

Recuperado do balaço que levara, Virgulino torna-se mais cruel ainda. Vara mundo, espalhando terror. Parece até que está com o cão nos couros. Invade Triunfo, Tacaratu, Floresta, Cabrobó e diversas outras pequenas localidades. Em Vila Bela, sua terra natal, trava a maior luta de sua vida com a polícia. Vai para as Alagoas. Perseguido, ataca Paulo Afonso, perde os cangaceiros Chá Preto e Sabiá. Homizia-se num lugar chamado Serrote Preto, onde se aquartela com 75 homens. Em fevereiro de 1925, a polícia da Paraíba junta-se à de Pernambuco para perseguir os facínoras aquartelados na garganta daquela serra. Combate violento. Tomba o tenente paraibano Francisco de Oliveira Ledo, descendente de família que deixou história na Paraíba. Além da morte do tenente, Vinte praças ficam gravemente feridos, entre os quais, oito, da Paraíba.

Sargento-guerreiro

— Quando o diabo monta na cacunda da gente e quer andar de esporas, é bom logo dar um salto de banda e se livrar dele. Foi o que fiz. Escutei o conselho do major Teófanos e me mudei para a Paraíba do Norte. Lá, fui viver minha sorte. Festas de guerra é que não faltavam.

Bem recomendado, mal chega à cidade da Paraíba, capital do Estado, Quelé ganha logo galão de sargento na manga da farda cáqui, enfeitada com botões pretos. Em sua trajetória militar, sem nunca ter sido soldado, galga o posto de sargento e, ao longo de sua vida militar, dessa patente não passa, talvez por lhe faltar os benefícios da escola.

Seguem com ele para o vizinho Estado da Paraíba, os poucos familiares que restaram com vida. O lugar mais seguro que acha para a família ficar é Piancó, no alto sertão.

Na época, o cancionero popular retrata aquela vila assim:

*No Sertão do Piancó,
Todo dia morre gente,
Tem cabra tão destemido,
Que briga até com serpente,
Para morrer tanto faz
Ir na frente ou ir atrás,
Ser culpado ou inocente!*

Hoje, não! Mas naquela época, Piancó era terra que dava até medo ir lá. Em 9 de fevereiro de 1926, os militares da Coluna Prestes entram na cidade acenando com lenços brancos em sinal de paz e mostrando que a visita era do bem. Isso é o que dizem. Quando o primeiro oficial chega à praça da cidade, é abatido por disparos

vindos de sobrados próximos. Aí, a situação agrava-se. Revoltados pela traição sofrida, os integrantes da Coluna facilmente vencem a resistência irresponsável e temerária dos civis. Presos, Padre Aristides e seus amigos têm julgamento sumário. Nem deu tempo os revoltosos pensarem no pecado que estavam obrando. Castram o padre e depois o executam juntamente com 16 combatentes. Nada adiantou o padre-político invocar a proteção da Santa Padroeira. Pagaram caro pela insensatez. E nem são mártires, nem heróis, como querem que sejam!

Em 13 de junho de 1926, o grupo de Virgulino ataca Mossoró. A mando do governador João Suassuna, lá vai Clementino Furtado dar combate aos inimigos. Luta com bravura e o governador recebe telegramas das autoridades de Mossoró e Aracaty, elogiando os méritos do sargento-guerreiro.

O próprio governador não esconde a admiração que tem por Quelé:

“Clementino Furtado é arrojado e sagaz”, escreve em relatório de seu governo.

O incidente do Serrote Preto repercutiu, mas a polícia paraibana não se sentiu derrotada. Os praças feridos, depois de receberem cuidadoso tratamento do governo das Alagoas, retornam. João Suassuna não falha. Dá apoio às famílias enlutadas dos militares vitimados e não esmorece. Um novo contingente da polícia parte para atacar os cangaceiros que já se encontram em território paraibano, fronteira com Pernambuco, judiando com o povo. Um irmão do tenente morto alista-se na polícia só para se vingar. Seu nome é Cícero. Cícero de Oliveira Ledo. A luta com os cangaceiros acontece num lugar chamado Tenório, em julho de 1925. A essa altura, Clementino Furtado já se encontra incorporado à polícia da Paraíba e vai reforçar o contingente chamado Coluna Oliveira. Ele e Cícero querem vingança e conseguem. Na luta, em meio a um tiro-

teio ensurdecedor, Cícero alveja Levino com tiro mortal. Infelizmente, soldado Oliveira fica ferido e morre.

Embora tenha perdido irmão de leite e comparsa de crime, Virgulino não arrefece. Guerra é guerra. Seis meses depois, no auge da glória, parte para o Ceará, acompanhado de 49 homens. Em sua marcha, passa por lugar dito Porteiras e, de lá, segue para a cidade de Jardim. Bem recebido por autoridades locais, pernoita. Dia seguinte, 2 de março de 26, chega a Barbalha, hospeda-se no Hotel Centenário, onde é recepcionado por comitiva de projeção. Dorme e de manhãzinha segue para Juazeiro. Deixa-se fotografar e dá entrevistas. A mando do Dr. Floro, recebe 50 fuzis para lutar contra a Coluna Prestes que muda de rumo e desiste de entrar no Ceará. Virgulino perde chance de lutar ao lado da polícia contra inimigos do governo. Como tinha intenção de deixar o cangaço, talvez tivesse sido aquela oportunidade única de se recuperar.

A pedido do Padre Cícero, Virgulino retira-se do Juazeiro e retorna a Pernambuco, via Jardim, onde descobre que o título de Capitão recebido naquela cidade nada vale para ingressar na polícia, como pretendia. Ainda em Jardim, manda cerrar os canos dos fuzis que eram longos demais e dificultavam andar por dentro do mato. Em pouco tempo, voltam a usar os rifles papo-amarelo, que gastam munição fácil de comprar.

Napoleão da Barbalha escreveu e, se escreveu, é verdade.

Guerra de Princesa

Quem traz valentia nas veias vive de guerra em guerra. Acaba uma, começa outra. Em 30, estoura a Guerra de Princesa. Lá se vai Clementino para o palco da luta comandando um pelotão. O primeiro alvo

de seu ataque é a Fazenda Patos de Irerê, pertencente ao Coronel Marcolino, justo onde Virgulino ficara hospedado, durante quatro meses, se restabelecendo do balaço que levava dele, o Tamanduá Vermelho. Ao chegar àquela fazenda atirando para cima, Clementino encontra crianças e mulheres de parentes e amigos do coronel Zé Pereira.

— Desocupem esta casa que ela agora é nossa! — ameaça Quelé, com autoritarismo e ranço do cangaço.

Chanduzinha, mulher do Caboclo Marcolino, reage indignada:

— Vá-se embora você com seus soldados, que aqui não é quartel!

Clementino não vai. Prende todas as mulheres num quarto e deixa um soldado de guarda para protegê-las. Em seguida, manda um emissário levar proposta a seus superiores. O plano lhe parecia perfeito para tomar a vila de Princesa conflagrada. Colocariam as prisioneiras na linha de frente e as tropas do governador João Pessoa, protegidas por elas, invadiriam a cidade sem levar um só tiro, ou então, as levariam para a capital. Embora a ideia parecesse solução que estancaria a guerra, é veementemente rechaçada pelos comandantes, pois não aceitam ganhar batalha escondidos debaixo das saias de mulheres prisioneiras, indefesas e, por cima de tudo, acompanhadas de crianças inocentes. Tratava-se de estratégia herdada do cangaço, que feria o brio militar — explica Dom Frederico.

No dia 24 de março, 150 homens, comandados pelos maridos das prisioneiras cercam a fazenda Patos de Irerê. Depois de dez horas de luta, resgatam suas mulheres. No incidente, morreram 16 soldados. Por um golpe de sorte, Quelé e alguns companheiros pulam pela janela de um sótão e escapam de ser massacrados. Fogem por dentro dos canaviais que cercavam a casa.

Vila da Prata

O tempo passa. Clementino Furtado circula no Estado, impondo lei com mão de ferro. Exerce cargo de delegado em algumas cidades da Paraíba do Norte. Uma ocasião, fazendo diligência em Alagoa do Monteiro, conhece Alice, moça nascida e criada nas terras da Fazenda Tamanduá. Com ela, casa-se na igreja.

Parece que Clementino nasceu mesmo para enfrentar desgraças. Nezinho, seu irmão, era soldado e destacava na polícia da Paraíba. Subordinado ao sargento, dá-lhe um desgosto sem tamanho. Por motivo fútil, mata o marido de Francisca, filha do primeiro casamento de Quelé. Depois de muitas buscas, o sargento o prende. Demorou 28 anos intrigado do irmão. Um dia, fizeram as pazes. Irmão é irmão.

Certa vez, Quelé foi à vila da Prata efetuar prisão. Gostou do vilarejo onde tudo era paz. Depois de muitas outras refregas, entrado nos anos, o velho guerreiro aposenta-se e quer sossego. Por isso, escolhe aquela vila no Cariri paraibano, que lhe servir de refúgio. Compra casa antiga aos herdeiros de Jusino Monteiro. Lá nasceram seus quatro filhos da segunda união: Ambrosina, Deoclécio, Balduino e Fátima, com quem conversei.

Seus dois irmãos, Nezinho e Zé, bem mais moços que o velho sargento, mudaram-se para o burgo. Davam-lhe proteção e cobertura.

Os três, avermelhados, meio sararás, eram muito respeitados. Ninguém nunca tocou em nenhum deles, exceto um negro do Urubu. Alto, forte, braços de gigante, um dia, por motivos banais, o etíope desentende-se com o velho sargento. No calor da discussão, dá-lhe um soco, pondo no chão o herói que aleijara Virgulino, lutara com ele 22 vezes e nunca havia apanhado de homem algum. Quando se deu conta da besteira que havia feito, o afro

evadiu-se. Em vão, os Quelé buscam seu paradeiro. Mundo-Sertão é grande demais e tem curvas e escondenrijos em toda parte...

Mesmo aposentado, Quelé continua exercendo autoridade na vila da Prata. Qualquer desvio de conduta chegava logo a seus ouvidos. Mandava soltar quem estivesse preso injustamente e prendia quem ferisse a lei. Um dia, numa sinuca, dois filhos de Manoel Conserva brigaram com dois filhos de Manoel Galdino. Estraçalharam-se com os tacos. Quelé deu voz de prisão aos quatro rapazes e os conduziu para Alagoa do Monteiro. Lá foram medicados, autuados e presos.

— Aqui na Prata ninguém mata, nem rouba, nem faz nenhum outro malfeito! — dizia orgulhoso de sua autoridade.

No início da década de 50, houve um barulhão entre duas famílias tradicionais no município de Alagoa do Monteiro. Um dia, pegaram em armas. Questão de terra, disputada na justiça, depois, à bala.

Uma manhã, Quelé ouve barulho de guerra, coisa de que gostava e até tinha saudade. Homem de ação, corre para acudir a viúva, Dona Isabel. Chegando lá, pega um fuzil e vai para o palco da luta juntar-se aos Ribinga, aos Patriota e muitos outros conhecidos seus, que estavam no *front*. Bem armados, as duas famílias em guerra tinham como trincheiras dois serrotes opostos. Depois da refrega, que durou cerca de uma hora, os ânimos aquietaram-se, sem nenhum lado contabilizar mortos ou feridos. As terras onde aconteceu aquele incidente armado ganharam o nome de Coreia, em alusão à guerra da Coreia, cujas notícias chegavam por lá. O nome permanece até hoje!

Depois das escaramuças, nenhuma autoridade apareceu por lá. Ninguém depôs, nem respondeu a processo por perturbação da ordem pública. Ficou o dito pelo não dito, exceto o acirramento da intriga entre as duas

famílias, algumas histórias exageradas e boatos que passaram a correr mundo afora:

— No primeiro tiro que deu, sargento Quelé arrancou logo o salto do sapato de Seu Cinto. Aí, eles correram! — comentou alguém, depositando excesso de bravura no sargento-guerreiro.

Mesmo velho, Quelé mantém-se homem de armas. Faz justiça a seu modo, mas não é justiceiro como os de hoje.

Na tentativa de evangelizar o povo, os crentes tiveram muita dificuldade de penetrar nos sertões nordestinos. Discriminados e perseguidos, quando um pastor chegava a um lugar, não esquentava assento. Mal iniciava trabalho de proselitismo, era enxotado e tinha que arribar às pressas. Um dia, em fins da década de 40, acha de aparecer na vila da Prata um pastor, vindo, coitado, não sei nem de onde. O vigário de Alagoa do Monteiro, um santo-homem, alto, magro, andar lento, fala suave e angelical, entregue noite e dia à pastoral ingênua de entronização do Coração de Jesus, toma conhecimento da chegada do novo apóstolo do Senhor Jesus e não gosta da novidade. Vendo a Bíblia aproximar-se de sua grei, procura Quelé e queixa-se:

— Sargento, como o senhor já deve saber, chegou um nova-seita aqui na Prata. Só vive rua acima, rua a baixo, Bíblia na mão, lendo, pregando e dizendo que vai construir igreja aqui no povoado...

Ainda enjoado com a religião de sua primeira esposa, Quelé nem esperou o vigário completar a queixa:

— Padre, não precisa dizer mais nada. Deixe o caso comigo que eu vou dar jeito nesse enviado do demônio.

Chegado na cor, baixo, franzino, terno preto, dia de feira, pastor Simão dá de cara com Quelé num beco estreito que ligava a rua principal a umas casinhas pobres, escondidas por trás do único sobrado que havia na vila. Implacável, Sargento Quelé pega o crente pelas becas e

dá-lhe uns sopapos enormes. Desfolhado, o Livro Sagrado salta-lhe das mãos. Em seguida, pendura o religioso de cabeça para baixo e pergunta:

— Nego dos seiscentos diabos, me diga depressa que leis você quer?

O pobre do pastor, vendo o punhal cabo de embuá reluzir na cintura de seu agressor, quase botando os bofes para fora, responde com voz espremida:

— Eu quero a leis que Quelé quer!

Liberado, some, ficando a igreja católica dona da verdade e do rebanho, mesmo não existindo verdade religiosa única e exclusiva de nenhum credo.

— Ao todo, foram 22 enfrentamentos e não fraquejei em nenhum. Estou vivinho. Ele morreu à bala e foi degolado. Não faz pena, porque do demônio ninguém deve ter dó. São coisas que são!... — disse Quelé reservadamente a Pedro Firmino, ambos sentados numa pedra no pé do Cruzeiro da Prata, onde terminou seus dias de vida, sem nunca fazer rodas de amigos para contar-lhes as lutas que durante anos travara com Virgulino. Eram histórias sobre as quais evitava falar e quando sucedia tocar no assunto, desciam-lhe lágrimas na face enrugada, ao lembrar-se da morte dos três irmãos e de mais alguns familiares.

Mesmo tendo passado por tantos dissabores, dizia:

— Às vezes, até tenho saudade das festas de guerra!... Mas não gostaria que o tempo voltasse.

Morte do guerreiro

No dia 23 de dezembro de 1955, aos 69 anos, cinco dias depois de sofrer derrame cerebral, morre na vila da Prata Quelé, o homem que aleijou Virgulino.

Sua despedida foi cantada pelo cancionista popular, assim:

*Dou adeus a Baixa Verde,
Triunfo e Águas Belas,
Estradas do Piancó
Eu conheci todas elas,
Na batalha de Irerê,
Para escapar de morrer,
Fugi por uma janela.*

*Adeus, adeus meus irmãos
Antônio, Pedro e Quintino,
Recordo tempos felizes
Quando a gente era menino
Brincado na bagaceira
Sem saber quão traiçoeira
Era a boca do destino.*

*Adeus Prata, adeus Monteiro,
Meu adeus a São Tomé,
Manoel Furtado meu pai,
Benvinda, a santa mulher,
Em nome da compaixão,
A ambos peço perdão,
Pelos erros de Quelé.*

Zé, o mais novo, na casa dos 70, sentindo falta do irmão, dizia:

— Clementino era sujeito de chumbo e ferro. Acabaram com a família da gente, mas não conseguiram acabar com ele.

Um dia, José segredou a seu amigo Zacarias uma história terrível que revela até onde vai a brutalidade e, ao mesmo tempo, a capacidade que tem o ser humano de se arrepender. Escute as palavras dele:

— Não gosto de relatar minha vida pregressa a ninguém. Mas tenho uma trava na garganta que preciso ali-

viar. Quando morava em Tavares e lá destacava, eu era amigo de um praça daquela vila. Um dia, recebi convite dele para almoçar em sua casa. A mulher do soldado não gostava de minha amizade com seu marido, só pelo fato de eu ser irmão de Quelé. No dia do almoço, um vizinho meu, pessoa muito religiosa, me chamou para ouvir o sermão dominical de um missionário, homem possuidor de palavra forte e acostumado a tanger criaturas desgarradas para os caminhos do bem. Quando a gente não faz o que Deus manda, finda fazendo exatamente o que o diabo quer. Foi o que sucedeu comigo naquele dia. Cheguei cedo à casa do soldado para estendermos a prosa por mais tempo. Sem perceber minha presença, a mulher do soldado vira-se para ele e pergunta:

— Cadê Maria Bonita, já chegou?

O coitado do marido ficou sem ação e sem saber o que responder. Aí, eu me fiz presente e retruquei com a aspereza própria dos Quelé:

— Não me trate desse jeito, que eu estou em sua casa, mas não lhe dei liberdade de fazer esse tipo de caçoada comigo, não!

Até aí, tudo bem. Só que a mulher tinha lá suas razões: o pai dela havia sido morto por cangaceiros que o confundiram com um denunciante. O problema é que ela bateu o pé chão três vezes, em tom de desafio, dizendo:

— Maria Bonita, digo e repito!

Sentindo-me desmoralizado, ceguei. Ceguei mesmo! Saquei uma faca-peixeira da cintura e, num segundo, golpeei a mulher, atingindo-lhe o ventre.

— Zacarias, juro por Deus! Só vi que a mulher estava grávida, porque o braço da criança saiu fora da barriga dela pelo corte da faca. Você vai acompanhar minha velhice aqui na Prata e meu juízo não sossegará de tanto remorso que ainda hoje sinto e vou sentir sempre, causa que não fui gente, não. Fui mesmo bicho bruto, animal.

Arrependimento dá cansaço, cansaço dá tristeza e tristeza mata. Sei que não mereço perdão!

Vencidos pela idade, tombaram um por um, os três irmãos Furtado: Clementino, Nezinho e José. Com a morte de Zé, sem ninguém perceber, terminou o ciclo de bravura, valentia e violência dos Quelé, gente que guardava no sangue poeira dos Urtado.

Conto III
Punhado de brabos

*Nenhuma daqueles homens estava ali
por amor de Deus,
mas ajeitando meio de vida.*

Guimarães Rosa

Minha graça é José, causa que nasci no dia 19 de março e meus pais resolveram me vulgarizar com o nome do santo do dia. Mas o vulgo me conhece mesmo é pelo nome de Zezé, melhor dizendo, Zezé Patriota. Uma noite, perdi o sono. Busquei, e nada... Afundado no macio de minha tipoia armada num canto de parede, tentei pacificar o juízo, sem me bulir. Fiquei ali só imaginando os tantos e quantos mistérios e dismantelos que a vida tem. A mente desfruta de liberdade em excesso, meu senhor! Pensei até que o mundo podia se acabar na madrugada-manhã que já começava a avermelhar a cocuruta da serra do Mocambo e clarear as frestas do telhado, das portas e janelas. Findou o dia amanhecendo igual aos outros amanheceres. E nada do mundo se acabar nos alvores daquela matina como eu estava imaginando. É que esse mundão de meu-deus custou obra de uma semana para ser feito e não pode se acabar assim, sem mais nem menos, de uma hora para outra. Figuro que carece haver razão muito forte para esse tipo de dismantelo acontecer.

Quando o galo cantou pela derradeira vez, parei de pensar asneiras, saltei da rede e fui desleitar as cabras no chiqueiro. Dizem que o leite de cabra fica sem aquele cheiro quando a gente tira antes do sol sair. Verdade! Acredita? Tem segredo não. Explico. Antes de o sol nascer, o bode, pai de chiqueiro, ainda dorme. Quando ele se levanta começa a bodejar as fêmeas e espalha seus fedores fedorentos nelas e delas, os mesmos odores passam para o leite. É por isso que convém desleitar as

cabras antes mesmo de o xexéu dar os primeiros gritos, anunciando o amanhecer do dia.

O sol não tinha ainda andado uma braça lá no sítio Grotão, quando terminei as obrigações do chiqueiro e do curral. Entrei em casa e acordei meus irmãos para não crescerem com preguiça, que preguiça traz pobreza e pobreza descamba mesmo é em miséria e, às vezes em dismantelo, como sucedeu de acontecer comigo. Preguiçoso, eu não sou, não, mas tenho o juízo um tanto quanto esquentado. Coragem, possuo de sobra, especialmente para brigar e montar em cavalos brabos, saltadores e acostumados a botar gente no chão. Exatamente por esses dois motivos é que ganhei fama num quartel do Exército, em Recife, onde aos 18 anos, resolvi me incorporar voluntariamente, pois morando em área rural, estava dispensado de cumprir a obrigação pátria..

Soldado Patriota

Coronel Sertório, paulista baixo, ligeiramente calvo, alourado e apaixonado por cavalos. Um dia, lhe disseram que havia no quartel um soldado metido a besta, com fama de nunca ter caído de cavalo saltador. Na hora de adestrar os cavalos, o coronel costumava comparecer à pista do quartel para apreciar os bons cavaleiros e se divertir com as quedas dos que não tinham nascido para tamanhas extravagâncias. Um dia, lá estava ele, o dito coronel. Esbanjando elegância, achegou-se à beira da pista e gritou:

– Soldado José Antônio Patriota, apresente-se!

Eu estava bem na frente dele, bati continência e respondi:

– Às suas ordens, coronel!

– Quero que monte naquele poltro alasão que é muito jeitoso e, depois de manso, vai ser o cavalo de minha montaria.

Esguio, sangue inglês, arisco, orelhas atentas, pernas longas, aprumos perfeitos. Nunca tinha visto sela, nem cabresto, muito menos, rédeas. Depois de colocarem os arreios, o bicho fungava e tremia, feito fosse uma onça, sem ser. Os soldados seguraram as rédeas e eu montei. Quando ainda estava me ajeitando na sela, ouvi foi o grito do coronel:

– Soltem o animal!

Incontinente, os soldados soltaram, correram para longe e ficaram esperando o desmantelo da queda. Desesperado, o poltro saltava sem parar. Cobri-lhe na chibata e apertei-lhe as esporas nas ancas até o bicho cansar. Aí, comecei a dar voltas com ele xotando desajeitado. Aos poucos começou a obedecer aos comandos das rédeas. De longe, o coronel ria com satisfação. O animal prometia. Eu prometia também.

– Soldado Patriota, o Exército brasileiro precisa de homens corajosos assim! – apertou minha mão com firmeza e completou – Cuide de amansar esse animal que ele vai servir a seu comandante!

Analfabeto, broco, nascido e criado nos ocos das serras, nem me dei conta da importância do elogio que o coronel havia me dado.

Depois de três meses, deixei o cavalo feito uma seda. Dava gosto vê-lo marchando. O comandante admirava minha destreza. Por isso, me dava algumas regalias e fechava os olhos toda vez que eu me estranhava com algum companheiro da caserna e a notícia de minhas desavenças e estripulias chegava a seus ouvidos.

No quartel, eu desfrutava da amizade de oficiais com fitas no peito. Eles me estimulavam a me engajar e fazer carreira na corporação. Quem sabe, teria sido caminho sem as tantas e quantas fatalidades que acompanharam meus passos? Na corporação fiz camaradagem com o soldado Carvalho, natural de Águas Belas. No gênio, ti-

nha parecência comigo. Um dia, eu e Carvalho brigamos com um recruta metido a brabo. Sem querer e querendo, matamos o sujeito dentro do quartel. Foi nossa desgraça. Tivemos que desertar.

Fomos nos esconder em Águas Belas, terra sem lei e sem rei. Nenhuma busca ou perseguição. Não sei por que o crime caiu no esquecimento. Tempos depois, namorei e casei com Tenória, irmã de meu companheiro de crime e de infortúnio. Tudo caminhava bem, quando um dia chegou notícia ruim.

Dei julgamento

– Zezé, teu irmão morreu.

– De quê?

– Sucesso...

– Sucesso?... – estranhei.

– Sim!

Não acreditei. Fui ver. Verdade. Disseram que brincava com um amigo. O brinquedo era uma pistola. Disparou sem ele querer e pronto. Foi só o que deu. Lá se foi o mano. Sucesso... Acontece que estava acompanhado de um amigo. Culpado? Uns diziam que sim, outros diziam que não. Na dúvida, cuidei de me vingar. Peguei o suspeito, levei para um oco de serra e lá... Lá, tentei que confessasse o crime. Não confessou. Findei matando o possível culpado e a raiva não passou. Que fiz? Pendurei o corpo pelo rejeito e sangrei. Nada da raiva passar. Aí, tirei-lhe o couro. Só assim, pacifiquei meu juízo. Voltei pra casa sem a consciência me atanzar com sentimento que afligia muita gente e que eu desconhecia: remorso.

Não demorou a polícia sair à minha procura. Trocamos tiros. Escapei fedendo. Sorte. Ficaram me perseguindo. Em cada encontro, tiroteios... Aí resolvi fazer o que alguns amigos fizeram: virei cangaceiro. Formei

logo um grupo e saí pelo mundo afora espalhando valentia e terror. Minha área: Monteiro, Bom Jesus, São José da Ingazeira e localidades limítrofes.

Caboco e Mocinho Filipe, inimigos de Acelino de Brito, me deram cobertura em troca de proteção. Eu tinha meu grupo e era respeitado.

Um dia, descobri que a morte de meu irmão tinha sido mesmo casualidade, sucesso, como dizem. O rapaz que matei era, de fato, inocente. Somente aí, o remorso chegou. Bateu-me tristeza sem fim. Sentia-me um demônio.

Da banda de Deus

No mês de Santana, mãe da Virgem Maria, uma das pertencas do tronco de Jessé, tinha prometido a mim mesmo que ia me aliviar um pouco dos arroschos das autoridades e fazer viagem de penitência para purgar meus crimes. O inverno tinha chegado com força, trazendo fartura de legumes e tudo mais nascido de semente que se jogasse na face da terra. Mas, àquela altura, eu não tirava mais meu sustento da enxada.

Manoel Rodrigues, homem de armas acostumado a espalhar chuveiros de bala nos Sertões do Pajeú, resolveu seguir meus passos, para ver se achava um jeito de se apartar da vida do gatilho que o destino havia lhe reservado. Acertou ir comigo viagem de romaria, causa que também devia retribuição por graças que lhe caíram dos céus em horas de perigo que nunca faltam quando a gente vive de guerra e, em certos momentos, a vida fica do tamanhozinho de um minuto. Obreiros dos mesmos males e autores dos mesmos pecados, resolvemos largar as armas por uns dias e seguir trilhas de peregrinos. Deixamos os animais, que montaria é luxo, e luxo não apaga pecados, nem quita os favores que a gente deve aos céus, muito menos as graças derramadas nas horas de

desvaliação. Penitência, sim, é que sara pecados. E pecados com peso de chumbo era só o que a gente carregava na cacunda.

Sou companheiro de Antônio Rodrigues, mas a penitência mesmo eu queria pagar era com Manuel, seu irmão de sangue e de desmantelos, causa que em sua companhia andei andando por uns tempos e fazendo coisas que macularam minh'alma e tenho certeza de que me afastaram das graças do batismo e dos benefícios do céu.

Magine mesmo o sacrifício que é largar armas, pendurar rosário no pescoço e desaparecer mundo afora, em viagem de devoção. Dinheiro mal arranjado não pode andar em bolso de quem deseja purgar pecados. Farnel de comida, também não. Por isso, viramos pedintes. Passamos a comer de esmola e dormir ao relento ou de favores. Sertão é terra de almas que obram caridade. Ninguém deixa penitente passar no terreiro e seguir em frente com fome.

Rumo ao sagrado

Os caminhos do Juazeiro nunca acabam. Nas demarcas da Paraíba com Pernambuco, a serra do Jabitacá separa as águas. Uma parte escorre para cá, outra, para lá. Saiba que aquela é serra minha de amor, onde já me escondi algumas vezes em protegidos de locas que me salvaram de cair nas mãos da polícia, que soldados quando agarram o cabra sozinho viram feras e fazem todo tipo de judiaria. Lá naquela serra nasce rio que desce ligeiro, corta os sertões da Paraíba do Norte e depois de muitos dias abraça o mar. Nunca não vi o mar. É longe demais! Prefiro as caatingas, ora cinzentas, ora verdeadas. Seus caminhos, eu conheço como as linhas traçadas pela natureza na palma de minha mão.

Pernas caminhadeiras, acostumadas a bater mundo sem se cansarem, no segundo dia de viagem, achei que

o sacrifício não estava se ombreando ao tamanho dos nossos pecados, que pediam mais esforço e somente assim a gente poderia receber sinais de perdão. Para pagar aos céus com moeda de mais valia, fiz cruz de madeira e quedei o lenho nos ombros. Pesou, mas à medida que a gente andava, a consciência ia ficando mais e mais aliviada. Saí cantando estrada afora benditos que minha mãe cantava. Alguém me olhou e disse:

– Um doido!...

Era e não era... Parecência, eu tinha, mas debaixo do quengo guardo um monte de sabenças que a vida me ensinou no escorrer da existência. Até mesmo trilhando caminhos errados, se quiser, a pessoa distingue o bem do mal. A consciência tem luz e os aconteceres são lições e ensinamentos que falam e ficam martelando no juízo o tempo todo. Se a criatura não cuidar logo de consertar seu proceder, os sentimentos de bondade partem como folhas secas levadas pelo vento e a pessoa vira fiapo de gente entregue aos suplícios do mal. Caminhos se desencontram. A vida vira um acaso. Na hora de usar o coração, a criatura segue os traçados da razão e na hora de usar a razão, se socorre de sentimentos escondidos nas dobras do coração. Aí, tudo dá errado e, desviada dos caminhos da salvação, a criatura finda sem os benefícios dos sacramentos e mergulha num mar de perdição.

Mundo misturado

Estrada afora, lá bem na frente, ouvimos longe vaqueiros vaquejando boiadas espatifadas no meio das caatingas. Aturdido com medo dos aboios e desacostumado de ver humanos, um boi preto apareceu com brabura. Riscou em cima de nós dois, amolando as pontas na terra e fazendo menção que queria brigar. Brigar logo com a gente que estava em missão de penitência e andava com

coração pacificado? Babava e mostrava os dentes feito fosse felino, sem ser. Ainda bati na cintura à procura de cano para meu socorro, que nessas horas nunca me faltava. Instinto, costume de muitos anos. Aí, lembrei-me de que naquela viagem a arma que portava tinha feição de paz. Bastou erguer o lenho para o céu que o barbatão parou, espiou pra nós dois, espiou... Buliu com as orelhas para frente e para trás, como se estivesse escutando vozes que os humanos não são capazes de ouvir. Bem devagarzinho, foi se afastando, se afastando pacificosamente. Depois, quebrou às esquerdas olhando para a garupa da serra e casqueou la-deira acima quase sem barulhar. Num estalo de tempo, sumiu. Figuro que os vaqueiros nunca mais tiveram notícias dele. Subiu a serra, que naquela manhã-cedinho cachimbava, cachimbava... Aí ele, o boi preto, mergulhou nas nuvens brancas. Ainda vi o vulto dele umas três vezes. Depois, foi se apagando, apagando, até que sumiu de veras. Acostumado a brincar com a morte sem nenhum sobrosso, ainda assim vieram-me uns arrepios de cabelo diante daquela estranheza que eu nunca tinha visto igual.

Em silêncio, imaginando um monte de coisas, seguimos veredão afora, meio sem destino, atordoados com aquela visão que os olhos da gente tinham acabado de testemunhar.

Sol-solão

Bola de fogo dividia o céu em duas bandas, quando, de repente, esbarramos na beira duma lagoa.

– Água, água! – gritei.

Em terras de poucas chuvas, água sempre causa espanto e alegria. É bem caído dos céus que merece louvação e cuidado.

Lagoas têm riachos não, sabia? Chuvas caem e as águas em solo de argila ficam ali paradas, cobertas de

golfos e pastas, sem peixe algum. Naquele dia, sapos cantavam. Festa de Deus em terras de ninguém. Sorte nossa. Pousei a cruz num macio de capim milhã e me sentei à sombra de um imbuzeiro, só olhando aquele estrago de beleza que os meus olhos de pecador nem mereciam ver e viam. Os galhos do imbuzeiro iam e vinham, varrendo o chão com o sopro do vento. Aquele pedaço de chão varrido parecia obra de humanos, sem ser. Safra igual, eu nunca tinha visto! Imbus sobejavam em cima e no chão. Os do chão não servem. Imbu furado é imbu bichado. Matei a fome. Manuel, também. Acheguei-me à beira da lagoa, curvei-me, fiz sinal da cruz diante do sagrado e bebi água na concha da mão. Banhei o rosto e respirei fundo para limpar os pulmões cor de fumaça. Descansamos. Sombra é que não faltava. Quando o sol fez que ia pender, me levantei.

– Manoel, Manoel! – tava feito pedra.

Partimos. Meu companheiro pediu a cruz. Deixei que levasse. Carecia muito... Ficou para trás aquela monarquia onde habitavam sapos-reis, sapas-rainhas e pererecas-princesas, cantando louvação para os céus e para mais ninguém.

Pensei e disse:

– Manoel, tudo no mundo tem sua prestantça: pintadas, cobras, sapos, raposas, avoantes, insetos, plantas... Tudo! Só os humanos é de quem o mundo não precisa e nunca vai precisar. Povo pode morrer todinho que não faz falta, não. Pelo contrário, alivia a natureza que está gemendo, soluçando, sofrendo com os estragos que a gente faz na terra, nas águas, nos animais e nas plantas, sem falar nos pecados que obramos na face da terra e entristecem o mundo.

– Por que humanos não fazem falta, Zé? Por quê?

– Sei não, sei não... Sou homem de curto pensar. Só sei que não fazem mesmo.

- Mistério?
- Por certo...

Mundão sem beira

Naqueles dias, a casa da gente era o meio do mundo. À tardinha, vadiamos as margens do rio dito Grossos. Achei um ponto que dava passagem. Águas apressadas e barrentas as dele. Barulhavam nas pedras sem parar. Passamos com água acima da cintura, quase nos peitos. Curimatãs e traíram subiam em fileiras. Aonde elas iam desovar, não sei. Molhados e com frio, apressamos o passo.

Perto de um lugarejo chamado Espírito Santo Velho, a estrada fazia uma curva. De repente, Manoel parou, encostou a cruz numa cerca de pau-a-pique que margeava o caminho e suspirou. Pensei que estivesse cansado. Não estava. Olhou para mim com estranheza. Julguei até que quisesse voltar. Não era homem de recuar, nem diante de grandes empreitadas ou perigos. Menos ainda em viagem de penitência. Quis falar e não falou. Estava entalado. Olhos esbugalhados no clarão da lua cheia.

– Manoel, tás passando mal?

– Tou e não tou... – foi o respondido que me deu.

Vi logo que tinha segredo roendo o juízo, apertando o peito e entalando as goelas lá dele. Sem eu perguntar nada, desembuchou tudinho.

– Foi aqui, aqui mesmo! De repente, lá vinha ele, meu desafeto, esbanjando ares de riqueza. E era rico mesmo. Pobre, era eu. Quer dizer: era e não era, que o homem do gatilho, às vezes, desfruta de mais poder e força que um milionário. Na vida, o que vale mesmo é estar vivo. No fordeco, ele e três amigos. Noite de lua feito hoje. O automóvel roncava e levantava poeira. Na curva, quase parou. Mirei o peito dele e puxei o gatilho do rifle com domínio e certeza do resultado. Comigo,

naquela noite, Brasiliano, Severino Cavalcante, Antônio, mano de sangue, e mais um cabra chamado Sebastião de tal, vulgo Tião. Passava da meia noite. Sete de dezembro de 1924. Sorte minha, não era ainda dia 8, festa da Imaculada Conceição, data em que ninguém ousa matar nem brutos que dirá pensantes. Se matar fica sem proteção da Virgem e vai direto para as profundezas do inferno. Depois de meu disparo, meus cabras atiraram também. Do automóvel, ninguém revidou. Ao que parece, andavam desarmados. O carro perdeu o controle e entrou no mato, fazendo quebradeira nos marmeleiros e catingueiras. Não avançou duas braças e parou. Emboscada bem feita, dois feridos e um morto, justo o que eu mirei. Chamava-se Antônio Alves de Freitas Vidal, vulgo Benzinho Vidal. A suspeita recaiu logo em mim. Eu atuava em Tabira, Solidão, Afogados, Bom Jesus, São José do Egito e Flores.

– Motivação?

– Tive de sobra.

– Que houve?

– Mulher...

– Dele ou tua?

– Dos dois. Mais minha do que dele. Um dia, raptou minha companheira. Em vez de falarem mal dela, o povo ficou falando mal foi de mim. Honra é tesouro. Desmoralização pede vingança. Vinguei. Fui preso e cumpri pena em Recife. Amigos de Bom Jesus juntaram dinheiro e contrataram banca de advogado de prestígio que me livrou. Devo-lhes léguas de gratidão.

– Perdoaste?

– Ele, sim, ela, não!

Manoel olhou para a curva da emboscada pela última vez. Partimos. Lá bem na frente, quebrei o silêncio:

– Por questões familiares, um dia, matei Francisco Fidélis e hoje me arrependo. Os demais crimes que pra-

tiquei, cumprindo esta penitência, figuro que vou lograr perdão dos céus.

Terra torta

Nos alvares da madrugada, pisamos fiapo de terra das Umburanas. Areias da cor de sal. Apenas cor.

– Manoel, dizem que isso aqui um dia já foi mar. Depois, virou Sertão.

– Já?

Meu companheiro fazia economia de palavras, mas sabia escutar. Era homem sem estudo, porém dono de sabedoria e experiência.

– Contam que um dia, faz tanto tempo isso que ninguém sabe nem quando, aconteceu um tufão de ventania, a terra balançou para lá, balançou para cá, querendo despencar lá nos abismos do mundo. O vento saiu arrastando tudo que encontrava pela frente. Foi um reboiço danado. Depois, as águas foram recuando, recuando até sumirem por trás das serras e caírem todas nas profundezas do mar. Ficou tudo seco, sem vida. Aí, choveu, choveu... Não sei quanto dias. As águas rasgaram as terras e fizeram riachos e rios. Plantas cresceram novamente e animais multiplicaram-se no ar e na terra. Um dia, homens chegaram de lugares distantes. Eram caçadores. A terra oferecia tanta fartura que eles acabaram ficando por aqui mesmo. É o explicado que posso te dar, Manoel. Se não foi assim mesmo, aconteceu muito parecido. Contaram-me. Não minto.

– Credito, credito!

O caminho estreitou. As sombras da noite chegaram. Pedimos arranco num sítio. Sem canos, nem sementes na cintura, vestindo túnicas de penitentes e ainda por cima de tudo carregando martírio de cruz nas costas, dava compaixão. As portas da casa e do coração ligeiro se abriram para nós dois, guerreiros-penitentes e pecadores

ocultados à sombra da cruz. Ceamos. Depois, armamos as redes numa casa de farinha e dormimos sono de anjo, já quase sem remorso algum atanzar nossos juízos. Partimos madrugada-fria por caminhos ainda cobertos de sombras. Quando o sol foi desmanchando as marcas da noite, amanheceu o dia e as caatingas vestiram-se de luz. Avistamos bem longe um monte. Tocava no céu. Andamos, andamos, andamos... Fez que queria chover e não choveu. O sol amansou.

– É o Jabre! É o Jabre! – gritei.

Alma de passarinho, as serras me encantam. Belezas sem dono!

Depois de uma lua, a Pedra do Tendol, bem na garupa da serra do Teixeira. Lá em baixo, as Espinharas. Picos de montes para todos os lados. Gosto de serras. Elas escondem quem carece se ocultar dos olhos da lei. Beijando o rosto do céu, o Jabre começou a dormir em silêncio às esquerdas da gente. De longe, olhar de adeus! Nosso caminho seguiu outro traçado. Demorou quase meio-dia para a gente descer a serra. Descemos.

Medo de assombração

A noite começou a apagar nossos rastros. Paramos nas ruínas do que, eras passadas, fora sede de uma fazenda. Casarão caído. Só restava o chão ainda forrado de tijolos de ladrilho. Pés de pinhão e de apara-raios cobriam os terreiros. Restos de telhas, pedaços de tijolo, cacos de louças, portas, janelas, linhas e pontaletes espalhados no meio das ruínas. Parecia maldição. Alguém passou e disse:

– Melhor não dormirem aqui. Esta fazenda pertenceu a um avarento que judiava com seus escravos. Dizem que a alma dele vive vagando no meio dessas ruínas, só cuidando de fazer assombração a quem passa.

Coragem só comandava valentia se a gente portasse canos ou armas brancas nas mãos. De ninguém, a gente tinha medo. Mas coisas ocultas não pertencem a esse mundo. Faz diferença. Aparecem e somem num abrir e fechar de olhos. Escutamos o conselho. A lua espalhava clarão sem fim. Caminhos forrados de prata. A noite parecia dia. Tocamos para frente. Tempo de inverno, frio ajuda a caminhar.

Manoel queixou-se:

– Vontade de beber e de fumar.

– Pode não! – e expliquei: – Penitência pede jejum de quaisquer prazeres do mundo.

Só sei que andamos a noite toda sem ares do menor cansaço.

Pela frente, lonjuras a vencer. Muitas luas se passaram. Sóis, nem sei quantos... A cruz fez calo nos ombros de nós dois. Pés e pernas pareciam chumbo. Passos lentos, sem parar, às vezes, quase parando.

Perdão do mundo

Até que um dia, cheguei. Chegamos. Terra sagrada aquela! Arrepiei-me todinho quando pisei naquele chão e avistei a serra do Araripe. Lá estava ela! Majestade de serra! Gente é que não faltava caminhando estrada afora. Ninguém deu fé de nossa entrada na vila, carregando cruz de madeira nas costas. Todos os dias apareciam penitentes fazendo o que a gente fazia. Mas ele... Ele deu fé de nós dois e de nossos sofreres. Viagem de penitência estraga. Consciência pesada estraga mais ainda. Ele divisou a gente no meio da multidão e fez sinal de benção. Três vezes. Pronto! Bastou. Se ele deu fé de nosso sacrifício, Deus também deu.

Aquele era homem que sabia tanger criaturas erradas para os caminhos do bem! Açoitava os pecados, sem

ferir os pecadores. Bastava ele falar que de todos os lados aparecia logo muita gente se bandeando pro lado de Jesus. A gente ficou por ali, espiando os aconteceres, sem saber se merecia perdão. Mas todo mundo merece. Ficamos por lá alguns dias amansando os corações, ouvindo conselhos, participando de mutirões e adjutórios em troca do pão e em benefício do lugar que se levantava com sopro vindo dos céus. Para onde a gente se virava, tinha penitente dando sinais de benemerência.

Admirado com a movimentação e as respostas de fé, Manoel olhou para mim e perguntou:

– Como é que a gente vai apagar os crimes aqui?

Pouca ciência das coisas do céu, respondi:

– Sei te explicar não, Manoel. Sei não...

Nisso, aparece um homem, nem alto nem baixo; nem magro nem gordo; nem branco nem preto, com sobras de elegância e muita sabença das coisas do céu e do lugar. Vestindo roupa de algodão da terra, cozida à mão e calçando um par de chinelos de couro, cabelos e barbas longos, gestos comedidos e voz de profeta, se achegou junto de nós dois e mandou a gente sentar-se nuns garajaus de galinhas para ouvir-lhe explicações que tinha para nos dar. Apoiado num cajado, se sentou também. Em silêncio, fez gesto para a gente descruzar pernas e braços. Aí, espiando para nós dois com par de pince-nez quedado na ponta do nariz, o dizedor de mensagens abriu as portas do pensar e desbulhou caridade de ensinamento em riba de nós dois. Disse assim mesmo:

– A justiça dos céus perdoa quem se arrepende, a dos homens, não. Antes, pune e pune com mão de ferro! Conversem com os céus e se deverem à lei, tratem logo de pagar. Quem pisa nesta terra nunca mais é o mesmo. Aqui vaga uma força reformadora de consciências. Basta fé que a vida muda. Se ficarem por aqui, melhor. Só o tempo purga e apaga as manchas do coração. Tem coisas

que a criatura faz e paga aqui mesmo. Se voltarem, mudem de caminho. Há caminhos do bem e caminhos do mal. Rancor mata. Perdão alivia.

Parece até que sabia as histórias da gente. Depois de proferir outras tantas verdades, levantou-se. Olhando distante, entrou na multidão. Ainda saímos atrás dele querendo ouvir mais palavras e nada. Ele enfiou-se no meio do povo e sumiu...

O resto dessa história quem vai contar é Caboclinho Patriota.

Tudo na deslei

O mês de Santana terminou. Quando a gente deu fé, chegaram de volta os dois peregrinos se dizendo pacificados e da banda de Jesus.

Zezé queria mesmo levar vida diferente. Mas não deu. Num desentendimento com vizinhos, sucedeu um tiroteio e ele foi baleado numa perna. Escondeu-se perto de casa. Tenória, sua mulher, avisou que a polícia ia prendê-lo. Fugiu. Socou-se num sovaco da Serra do Mocambo. Lá estava livre do braço da lei. Mas teve azar: o pé gangrenou.

Tenente Alencar, com sede de fama, me prendeu no meio da feira de Espírito Santo. Queria a pista de Zezé. Num vacilo dele, escapuli-me no meio do povo e fugi. Mas nesses lugares, informantes nunca faltam. Cuidaram logo de apontar à autoridade Severino, meu irmão mais novo. O tenente pegou o meninote deu-lhe logo umas pancadas com o cabo da pistola e ameaçou-lhe de morte se não fosse com ele mostrar o esconderijo de Zezé. Acompanhado de alguns soldados, chegaram ao local. Lá estava Zezé prostrado numa rede, tremendo de febre, sem ânimo para reagir por conta da gangrena. Severino ouviu bem quando se travou o seguinte diálogo:

– Você é Zezé Patriota? – perguntou o tenente, já certo de sua identidade.

Respondeu:

– Sou sim, tenente! Estou às portas da morte e me entrego ao senhor nesse momento. Só lhe peço que me garanta um fiapo de vida que me resta.

– Feche os olhos! – ordenou o militar.

E, à queima-roupa, deferiu-lhe tiro mortal na cabeça. Para não morrer também, Severino fugiu e veio contar à gente o sucedido.

Em seguida, Tenente Alencar telegrafou ao governador do Estado, informando:

– Depois de pesado tiroteio na Serra do Mocambo, acompanhado de um punhado de bravos soldados, consegui atingir o cangaceiro Zezé Patriota, matando-o.

Pelo ato de bravura, recebeu promoção. Covardia. Matara um moribundo.

Depois da morte de meu irmão, Manoel Rodrigues foi preso. Cumpriu pena no Recife. Depois de alguns anos, com a ajuda de amigos do Bom Jesus, livrou-se. Voltou e recolheu-se no sítio Juazeirinho. Deixou o cangaço, mas se esqueceu que rancor mata. Certo dia, por maldade ou não, alguém avisou:

– Manoel, vi tua ex-mulher hoje em Tabira.

Era dia 8 de agosto de 1964. Manoel ficou possesso. Teve um ataque cardíaco provocado pela raiva e, às 3 horas da tarde, morreu. Nasceu em 1897. Tinha 67 anos.

Nunca peguei em arma para matar ninguém. Mas conheço muitas histórias de gente errada.

Acerto de contas

Nos idos de 1915, Mundo-Sertão ainda não conhecia ronco de carro. Transporte de bens era feito em lombo de burro tangido por figuras que desapareceram por comple-

to: almocreves. Eram tantos que estradas e caminhos ficavam cobertos de poeira, quando passavam em comboios. Iam e vinham, levando e trazendo, comprando e vendendo. Enricar mesmo eles não enricavam, não. Mas ganhavam dinheiro suficiente para comparar terras. Como palmilhavam todo o Sertão, sabiam comprar suas posses em lugares de futuro garantido, mesmo que ficassem nos mais esquisitos caatingais. Acostumados a enfrentar perigos, nada temiam. Por isso, enfiavam-se aonde pouca gente ia. Findavam fazendeiros, donos de muitos bens de raiz e de fôlego.

Um dia, sucedeu chegar à Estação de Mimoso um rapazola de seus 15 para 16 anos. Aprendera com o pai a trilhar os caminhos do Sertão, almocrelando. Estava à procura de carga para Serra Talhada, sua terra. O chefe da estação disse:

– Menino, carga para Serra Talhada eu não tenho, não. Mas se você quiser levar, eu tenho aqui uns troços para deixar em Alagoa do Monteiro.

O rapaz aceitou o frete e seguiu viagem. Num apertado na subida da serra, o burro foi passar entre duas pedras, engançou a carga e quebrou a grade de uma cama de casal. Quando chegou ao destino, o moço entregou as mercadorias, mostrou o que havia acontecido com a cama e quis receber o frete. O dono da cama chamava-se Lino Ferreira Lucas. Ninguém nunca advinha o futuro. Seu Lino também não. Virou-se para o rapaz e disse:

– Não vou lhe pagar o frete que fica por conta do concerto da cama. E não ache ruim, não, que pode se dar mal. Entendeu?

Assustado, o rapazinho pegou a estrada e foi embora no prejuízo.

Passaram-se os anos.

Em 1926, Lampião estava em Princesa Izabel e encontrou-se com uma pessoa do Monteiro. Aproveitou a oportunidade e mandou o seguinte recado:

– Conhece Lino Ferreira que vive alisando banco na casa do Coronel Rafael?

– Conheço, sim Senhor!

– Apois então me faça o favor de dizer a ele que qualquer hora dessas eu passo por lá para acertar o frete de uma cama que ele ficou me devendo.

O recado foi dado e Seu Lino perdeu a tranquilidade. Quem manda fazer injustiça!

Mão no rifle

Voltar a Monteiro, Lampião nunca voltou não. Mas lá viveu parte de sua vida um moço chamado Cristino Gomes da Silva Cleto. Era natural das Alagoas e desertou de um quartel do Exército em Aracaju. Desconheço o motivo, mas não deve ter feito boa coisa por lá. Bonitão, alvo e valente demais. Perseguido, veio esconder-se em Monteiro, onde vendia joias e exercia a profissão de tirador de cotas nas festas. Um dia, foi cobrar a cota a um moço e, não sei por qual razão, os dois se estranharam. Cristino matou o rapaz no meio do salão todo mundo vendo. Um horror! Preso, foi condenado a cumprir pena de 20 anos na cadeia de Monteiro. Protegido de Nilo Feitosa, um dia evadiu-se da prisão e foi morar em Serra Talhada. Depois de outros malfeitos, em 1926, Cristino decidiu incorporar-se ao grupo de Lampião. O primeiro ataque de que participou aconteceu em Alagoas. Foi lá que mudou de nome e passou a se chamar Corisco. Depois que Lampião foi morto, Corisco continuou na vida do crime com sua mulher Dadá. Perseguido pela polícia, recebeu rajada de metralhadora que lhe derrotou os braços, ficando quase inutilizado para a vida do cangaço. Um dia, resolveu mudar de vida e danou-se para as bandas da Bahia. Lá, foi reconhecido e morto pelo Tenente Rufino. Na época, tinha 33 anos.

Conheci também um sujeito desmantelado. Chamava-se Idelfonso Alves de Vasconcelos. Era filho de Miguel Godê de Vasconcelos e de Maria Francisca dos Santos. Nasceu no dia 13 de maio de 1888. Bonito, alvo, valente, fez seu primeiro crime na Ingazeira, em 1903. Ainda menor de idade, assassinou uma pessoa que tinha matado um cachorro dele. O segundo crime aconteceu na Serra da Colônia, em Afogados da Ingazeira, em 1904. Na ocasião, Idelfonso matou várias pessoas da família Bentevi. Tornou-se conhecido na vida do crime com o nome de Antão Godê.

Quando não estava com Antônio Silvino, seu primo, Antão costumava andar em companhia de dois cangaçeiros, rapazes bonitos e de pouca idade como ele.

Nunca mais ninguém ouviu falar no paradeiro daquele cabra Antão Godê. Se foi morto ou se caiu fora da vida do crime e mudou-se para algum lugar incerto, não sei. Quem houvera de saber? Quem?...

Conto IV

Histórias que andam

*Aquele lugar ali,
pé de serra onde o vento morava,
fora lugar de muita riqueza.
Novilhas brabas pariam no mato;
quando vaqueira dava fé,
esbarrava em barbatões espantadiços.
Pegados, mordiam feito cachorro,
urrando na corda para os benefícios de ferro e sinal.
Curraís batiam chifres de vacas leiteiras em tempo de
desleite.
Os bens de fôlego em quantidade grande espalhavam-se
pela extensa área dos bens de raiz.*

José Peixoto Junior

O POVO DO MUNDO-SERTÃO gosta de contar histórias. Escutá-las dá prazer, estira o tempo. Venha conhecer velhas fazendas, algumas quase em ruínas. Sente nos bancos de aroeira adormecidos nos alpendres das casas-grandes. Olhe as paredes com manchas do tempo, onde as famílias deixaram pendurados retratos de saudade e santos de sua devoção. As mobílias, o tempo escureceu. Baús cheios de cartas relatam dramas, paixões, ausências e saudade. Em cada recanto, sombras, vultos, mistérios, rangido de portas e de armadores; ventos fortes, assombrações, coisas do além, que dão arrepios, metem medo, desafiam e fascinam.

O Velho André era dono da Passagem da Cobra, uma fazenda muito antiga, centenária mesmo. Nascera de um curral de gado plantado nas águas do Pajeú.

Naquela época, para ficar rico bastava ousadia e coragem. Por volta de 1690, começaram a chegar àqueles sertões sem beira levas e mais levas de curraleiros, seguindo a pata do boi. Em sua maioria, eram vaqueiros que, depois de receber suas sortes nas fazendas pertencentes à Casa da Torre, espalhadas ao longo do São Francisco, saíam pelos sertões à procura de terras sem dono para montar currais. Cada um, trazendo sua semente de gado, procurava se estabelecer, de preferência, onde houvesse algum olho-d'água perene para saciar os humanos e dar de beber aos animais.

Depois de dois ou três anos de exploração da terra, o curraleiro tinha o direito de dirigir ao Rei de Portugal carta de sesmária, requerendo a posse definitiva de três

léguas de comprimento por duas de largura, sob a alegação de haver arriscado a vida para expulsar o gentio bravo e de possuir rebanho de gado para produzir e dar lucros à Coroa. Aí recebia as terras de mão beijada. Em pouco tempo, transformavam-se em fazendeiros prósperos com numeroso rebanho de gado, pastando solto nas terras de ninguém. Era um mundo sem fronteiras, onde não existiam cercas, nem limite algum entre as fazendas.

O boi não dava despesa, porque ele próprio caminhava em busca das pastagens nativas e, depois de gordo, tangerinos tocavam as boiadas andando para os mercados de abate.

Passagem da cobra

Foi a partir de uma sesmaria e de um curral de gado que começou a Fazenda Passagem da Cobra. Seu nome originou-se de um fato curioso. Uma vez por ano, uma cobra muito grande — não se sabe de que espécie — costumava fazer a travessia entre duas serras que se olhavam, entremeadas por uma várzea coberta de baraúnas e aroeiras gigantes. Depois de passar pelo baixio, o réptil deixava no chão rasto contorcido com cerca de dois palmos de largura. Os vaqueiros que campeavam por aquelas paragens inóspitas encarregavam-se de espalhar a notícia, atraindo a curiosidade dos poucos habitantes que moravam nas redondezas.

— A cobra desceu da serra, passou na Várzea do Jacu, bem pertinho da Cacimba do Guará.

Bastava essa informação. Cautelosos, todos iam admirar o rasto, levantar as mais diversas hipóteses acerca do tamanho da cobra e discutir as razões de sua travessia. Mas ver mesmo o animal, nunca ninguém viu não. A cobra fazia sua trajetória à noite, uma vez por ano, durante o inverno, possivelmente para se acasalar.

Os mais velhos contavam o fato. E o que eles diziam não causava duvidação, pois se tratava de gente de palavra firme, sem hábito de fantasiar.

Quem havia sido o primeiro dono da Fazenda Passagem da Cobra, ninguém sabe ao certo. O Velho André, avançado na idade, em 1740, beirava os noventa anos. Quando moço, herdara a fazenda de seus pais que haviam construído tudo. Pele clara, alto, esguio, barba e cabelos ligeiramente longos e brancos. Destoava dos demais fazendeiros da região, por sua aparência física e por demonstrar hábitos de pessoa recatada e fina, com ar de nobreza, gente que atravessara o mar, trazendo fortuna. Só visitava alguém, em caso de doença ou morte. Quando aparecia uma pessoa de fora na Passagem da Cobra, era para tratar de negócios. Vivia sozinho com sua mulher. Não tinha filhos.

Em sua casa, os serviçais ficavam na cozinha e não iam além da sala de jantar. Para a criadagem, entre eles alguns cativos, a casa era um mistério. Com exceção da cozinha, da sala de refeições e dos armazéns externos, os próprios donos encarregavam-se de fazer a limpeza dos demais cômodos. Era uma casa grande, construída em taipa, com a frente voltada para o norte. Por fora, revestida de pedra para dar mais segurança aos habitantes contra eventuais ataques de facínoras que já começavam a fazer malfeitos na região. Para colocar canos de armas de fogo e atirar, havia nas paredes de taipa-dobrada e revestidas de pedra aberturas enviesadas, o que dava a impressão de uma fortaleza erguida no meio das caatingas. Portas e janelas largas, todas de cedro maciço, com emendas tão herméticas que pareciam ter sido feitas utilizando tábua única. A pintura, o tempo encarregou-se de fazer. As trancas das janelas eram traves e

taramelas. Dobradiças e fechaduras feitas na própria obra por algum ferreiro caprichoso. Emadeirada com linhas inteiriças de aroeira, caibros roliços de pau-pereiro e ripas de freijó, a obra parecia eterna. Telhas enormes, ligeiramente tortas, seguindo o formato das coxas de escravos onde haviam sido moldadas, como era o costume. Alpendre largo e gradeado para a família se proteger contra ataques de onças traiçoeiras e famintas. Quartos — como ninguém entrava na casa — não se sabe ao certo quantos havia. Pátio grande, plano, sempre limpo. O Velho André não tolerava gado malhando nos terreiros.

Ao lado da casa, os armazéns, e contíguo ao último deles, um curral de pedra, pelo jeito mais antigo ainda que a própria moradia. Dois mourões enormes de barraúna, cobertos com uma trave da mesma espessura, emolduravam a porteira do curral e, pela imponência, destacavam-se das demais peças que compunham o conjunto arquitetônico daquela fazenda, onde tudo era rústico, primitivo, porém harmonioso. Os dois mourões, furados de cima abaixo, serviam para encaixar os paus roliços e lisos que se movimentavam de um lado para o outro, horizontalmente, formando a porteira de entrada.

Lugar ermo, perdido no meio de serras azuladas que na distância pareciam mergulhar nos horizontes sem fim. Durante o dia, silêncio enorme. Afora o canto dos pássaros e esturros de onças arredias, era possível ouvir o toque ritmado de chocalhos boca de sino no gado de raça caracu, que pastava longe. Mal o sol se deitava na cocuruta da serra, a velha fazenda cobria-se de sombras e, depois da ceia, as pessoas não demoravam a se recolher a seus aposentos. Dormir cedo, acordar de madrugada e trabalhar de sol a sol era uma rotina que se repetia todos os dias naquela fazenda, como se a vida fosse uma eternidade.

Sonho

Muito tempo depois, morava na Fazenda Bonfim, também situada nas mesmas águas do Pajeú, um índio de descendência sucuru. Seu nome era Silvino. Envelhecera para as bandas do Jabre e foi se encostar naquela fazenda pertencente a uma família oriunda da Serra do Teixeira.

O índio não conhecia a Fazenda Passagem da Cobra. Um dia, bem cedinho, chamou um vaqueiro que estava tirando leite das vacas e perguntou:

— O senhor conhece a Fazenda Passagem da Cobra?

— Conheço, sim, já campeie muito por aquelas bandas. Você conhece, Silvino?

— Conheço e não conheço.

— Como assim?

— Conheço de sonho.

Quando Silvino começou a descrever alguns detalhes da fazenda, sem nunca ter ido lá, experiente, o vaqueiro interrompeu a conversa dizendo:

— Seu Silvino, pelo amor de Deus, não me conte mais nada, não, que eu já sei do quê se trata!

Interessado em riqueza, em vão o vaqueiro tentava convencer o índio:

— Vamos amanhã cedinho à Passagem da Cobra, que a alma do Velho André está penando por lá e pede ajuda!

O índio, pessoa completamente desnecessitada de dinheiro, disse:

— Pode ir sozinho que eu não me arredo daqui atrás dessas coisas, não! Descareço de fortuna!

Quando ouviu isso, o vaqueiro murchou:

— Sem o senhor, não adianta eu ir lá. O sonho é seu, a sorte, também!

Velho André

Os anos passaram-se. Àquela altura, Silvino já tinha até morrido, quando alguém contou a seguinte história ao vaqueiro da Fazenda Bonfim:

O Velho André da Passagem da Cobra era um homem muito rico e somítico. Possuía tanto dinheiro e ouro, que não permitia ninguém entrar na sua casa de residência. Os visitantes, que eram poucos, não passavam do alpendre.

Beirando os noventa, conservando memória de criança, finou-se. Sem filhos, ficou a viúva, Dona Martiniana, sozinha no mundo, nadando em dinheiro, mas sem ninguém para lhe servir de valência nas horas de precisão. Sentindo que não tinha mais idade, nem tino para cuidar dos negócios, Dona Martiniana, ainda em vida, fez um testamento da fazenda para um afilhado seu e do falecido esposo.

O moço, acompanhado da mulher e dos filhos pequenos, mudou-se para dentro da casa da madrinha generosa e passou a cuidar bem dela e da fazenda ainda muito próspera.

Tempos depois do passamento do marido, Dona Martiniana também finou-se. O moço, chamado Benício, ficou dono de tudo, inclusive dos criados e de alguns escravos velhos alforriados, que não quiseram ganhar liberdade quando a lei saiu. Preferiram terminar seus dias de vida encostados na Passagem da Cobra, já que no testamento constava cláusula de proteção a todos os que, desde muitos anos, ali viviam e trabalhavam e foram sempre escravos fiéis.

A vida escorria de mansinho, quando aconteceu um fato muito estranho à rotina daquela fazenda.

Sucedeu que um dia chegou à Passagem da Cobra um vaqueiro, montado num cavalo de campo tratado

e bem arreado. Dizendo-se pessoa experiente em lidar com gado, andava à procura de uma vaqueirice.

Pelas conversas do moço, o novo dono da fazenda percebeu logo que se tratava de pessoa de confiança e muito jeitosa para lidar com gado. Como estava precisando de mais um vaqueiro, não perdeu tempo: acertou logo a sorte e o homem passou o resto do dia conhecendo a sede da fazenda. Curioso, fez muitas perguntas sobre os antepassados e mostrou-se interessado em ir a cada cômodo da fazenda, especialmente às áreas de curral onde passaria parte de seu tempo.

O patrão ofereceu-lhe lugar num salão espaçoso onde costumavam dormir alguns vaqueiros que não tinham família. Estranhamente, ele preferiu dormir sozinho num armazém velho, cheio de poeira, esterco e mijo de morcegos, pegado com o curral, onde eram guardadas sucatas e ferramentas sem mais prestando para a fazenda.

Mesmo durante o dia ninguém gostava de entrar naquele armazém e quando tinham necessidade de entrar para apanhar algum objeto guardado lá, pouco se demoravam. Todos tinham cisma do lugar. Sobrosso inexplicável! Contavam que nas caladas da noite ouviam portas batendo, dobradiças rangendo, pisadas de gente e outros sinais estranhos, que davam arrepios nos cabelos. Ao novo vaqueiro, ninguém disse nada, mas todos ficaram certos de que ele não demoraria lá nem uma hora por causa das assombrações.

À noite, o moço, que se apresentara com o nome de Alexandre, jantou na cozinha com os demais serviçais. Educado, pediu licença para se retirar, sem mostrar nenhum interesse nas histórias e falas da vida diária da fazenda.

Demonstrando boas maneiras, solicitou um candeiro emprestado para poder armar a rede e foi dormir cedo, dizendo-se enfadado da longa viagem que havia

feito. Ao dar as costas, as pessoas entreolharam-se, certas de que Alexandre iria passar a noite às claras, assombrado com tochas acesas que corriam de um lado para o outro do armazém, como se fossem fogo-fátuo.

Ora mais tá! Como o vulgo costuma dizer: o dito vaqueiro anoiteceu e não amanheceu. No outro dia, o canto mais limpo do homem! No pé do mourão direito da porteira do curral, a explicação de sua chegada e sumiço repentino: um buraco no chão, medindo uns três palmos de profundidade, cacos de uma panela de barro e uma única moeda de ouro que, na pressa, caíra em cima da terra removida.

Nos dias que se seguiram, era só o que se falava na Passagem da Cobra. Enciumados, os vaqueiros comentavam:

— Foi-se embora todo o ouro do Velho André.

Depois de alguns minutos de silêncio, o mesmo assunto voltava:

— Pelo tamanho da panela, deu para encher os dois lados do alforje...

Instantes depois, ajeitando o fogo do cachimbo, um negro velho alforriado lamenta:

— Tanta economia pra quando morrer ficar penando no outro mundo... Por isso, aquelas assombrações no armazém ali bem pertinho da porteira. Não conto as vezes que pisei em riba daquela fortuna. O pior é que findou tudo nas mãos de um estranho, gente que nunca derramou uma gota de suor aqui. Se eu tivesse achado, juro por Deus que ia dividir o ouro bem certinho com a gente tudinho!

Outro falava:

— Essas coisas acontecem quando a pessoa não sabe dividir nada e se apega em demasia aos possuídos!

O pé do mourão onde a botija foi arrancada era o mesmo local indicado no sonho de Silvino. Lembra?

Benvenuto

Agora ouça um breve relato sobre, outro personagem que também faz parte dessa história. Ele era vaqueiro famoso nos sertões dos Inhamuns, Ceará. Além de saber lidar com gado, era homem de muita confiança do patrão, seu compadre duas vezes.

Um dia, fez uma viagem que durou uma semana ou mais. Quando retornou, vinha com ar de quem estava fora do mundo. A ninguém adiantou qualquer comentário a respeito de sua viagem. Nem à própria mulher, Dona Genuína.

Retraído, deixou de frequentar a casa-grande e evitava conversar com os demais vaqueiros. Os comentários eram muitos:

- Benvenuto tá doido...
- Que nada! Aquilo é ludum!
- Sei lá... Acho tudo isso muito estranho.
- Juro que tem mulher no meio...
- Vai ver que tem mesmo!

Não deu uma semana, sem explicar nada ao patrão, Benvenuto entregou a vaqueirice, pegou a mulher e os filhos, despediu-se de todos e foi embora só com as roupas do corpo. Deixou tudo, inclusive as sortes em bezerros a que tinha direito.

O patrão sentiu-se muito incomodado com a atitude inconsequente e estranha de seu vaqueiro de maior confiança.

— Que diabos! Fiquei de pernas quebradas. A Benvenuto, eu entregava ouro em pó! — dizia, sem ter a menor ideia do que havia acontecido.

Benvenuto deixou a família na casa de seus pais e viajou umas três ou quatro vezes consecutivas, dizem que para o Juazeiro do Norte, terra de muitos ourives, mas ninguém sabe ao certo o verdadeiro motivo de suas viagens.

O fato é que um dia apanhou a família e rumou para a região das Espinharas. Lá, havia comprado uma propriedade coalhada de vacas paridas e muito gado solteiro. Pagou tudo à vista. Depois, gastou uma fortuna em melhoramentos.

Os vizinhos nunca entenderam onde ele arranjava dinheiro para tamanha gastança. Alguns até maldavam:

— Será que...

— Não! Não acredito! Ele tem conversa e cara de gente muito direita.

Com o passar dos tempos, foi vulgarizado com o nome de Benvenuto do Desterro.

Embora tivesse se tornado fazendeiro rico nos sertões da Paraíba, convivia com vaqueiros da região, como se nada tivesse acontecido em sua vida.

Um dia, numa festa de gado nos sertões das Espinharas, um vaqueiro do Pajeú que andava por lá se aproximou dele e o surpreendeu com a seguinte pergunta:

— Vosmecê não é o vaqueiro Alexandre que uma noite dormiu lá na Fazenda Passagem da Cobra?

— Não, senhor! Engano seu! Meu nome é Benvenuto. Melhor dizendo: Benvenuto do Desterro. Passe bem!

E retirou-se...

Conto V
O Reino de Tatuapara

*Aquele homem empreendedor chegara ao Brasil
com o primeiro governador desta terra.
Era um rapaz de pequena nobreza,
vivacidade andaluza,
ambições de fidalgo
e moderação de eclesiástico.*

Pedro Calmon

NO TEMPO EM QUE esse Brasil ainda andava nu, chegou às terras da Bahia, em 1509, um português com 20 anos de idade chamado Diogo Álvares. Na verdade, ele não chegou. Ia passando pelas costas da Bahia e sua embarcação arreventou-se nas rochas. Ele foi jogado na praia por ondas do mar, que roncava com fúria. Alquebrado e quase sem vida, ficou soçobrando entre os arrecifes da praia, coberto por camadas de sargaço. Por sorte sua, ia passando na praia uma índia que o viu se mexendo, numa tentativa quase em vão de salvar-se. Tomada de espanto, a cunhantã gritou para seu pai que se encontrava próximo ao local:

– Pai! Caramuru-guaçu! – que na língua tupi, quer dizer moreia gigante.

Que moreia que nada! Engano da moça. Um náufrago, quase sem vida. Pai e filha acudiram o moço, retirando-o das águas. Depois, ofereceram-lhe os cuidados de que necessitava para sobreviver.

Diogo salvou-se do naufrágio, mas encontrava-se refém dos tupinambás que, cumprindo ritual da tradição indígena, pretendiam matá-lo para comer-lhe a carne, pois acreditavam que sepultando o prisioneiro em seus ventres ganhariam todas as qualidades e virtudes do inimigo aprisionado. Era o costume. Só que Diogo precisava, antes, ser sevado porque, depois de travessia que durou meses singrando mares quase sem fim, os ossos apareciam-lhe em algumas saliências do corpo feito fossem espinhos querendo romper-lhe a pele ressecada de tanto suportar sal e sol.

Consciente do que ia lhe acontecer, Diogo usou de espartezza. Enquanto submetia-se a regime de engorda, costumava passear pelas praias. Ia e vinha com alguma liberdade e pouca vigilância da índia que o encontrou e que ficou encarregada de cuidar de sua vida e vigiar-lhe os passos. Um dia, andando por lá, sem querer e querendo, encontrou as catrevages da dita embarcação jogadas pelas ondas na beira da praia. No meio delas, um barril de pólvora intacto. Aí, pronto! Foi tudo o que Diogo quis. Retirou o barril que flutuava nas águas e o escondeu em cavernas de pedras nas encostas da praia. Riqueza maior não poderia ter caído em suas mãos. Sabia que a pólvora ia salvar-lhe a vida. O que fez? Retirou tabocas das matas e as encheu de pólvora para explodir e cuspir fogo nos céus. Quando os índios menos esperavam, lá vem Diogo atirando em todas as direções. Além dos disparos que aturdiavam e assustavam, a indiada ficou pasma com a beleza dos artificios em forma de estrelas de fogo que subiam aos céus, partindo das mãos mágicas de Diogo. Num instante, tudo mudou em sua vida. Condenado à morte e com os dias contados, a qualquer hora poderia ser sacrificado como foram seus amigos que haviam naufragado com ele. Quando viram o espetáculo de fogo, os índios acharam que Diogo era mesmo um deus. Mais ainda: um deus que desfrutava de forças e poderes que eles desconheciam. Em vez de morte, glória. De cativo, a rei. Sorte e talento o salvaram. Todos queriam vê-lo, tocar-lhe o corpo com respeito e admiração, servindo-o e acudindo-o nas menores necessidades.

Sem qualquer possibilidade de retornar ao Reino, Diogo esqueceu Viana do Castelo onde nasceu, habituou-se aos costumes dos índios e passou a viver como um deles, nas selvas. Para manter acesa sua fama, vez por outra, voltava à caverna e, de repente, lá vinha ele novamente dando tiros a esmo e pondo em fuga os inimigos dos tupinambás.

Princesa-cabocla

Terras, caças, frutos, peixes, farinha de pau e braços para extrair pau-de-tinta não lhe faltavam. Mulheres também não. Todas queriam entregar-se a ele. Filhos, Diogo teve muitos. Com o passar dos anos, acabou casando com uma indiazinha tupinambá, menina lá de seus 14 anos, se... Quer dizer, casar mesmo não casou, não, porque na época, as terras daquele Brasil-menino ainda eram faltas de padres. A moça era só beleza e se chamava Paraguaçu, nome que combinava bem com sua formosura.

Fazia já de nove para dez anos que Cabral tinha posto os pés nas terras da Bahia, mas ninguém tinha ainda vindo para cá, porque, até então, Portugal só se interessava em fazer comércio com as Índias, lugar muito longe, quase do outro lado do mundo, creio.

Diogo Álvares ficou sendo chamado de Caramuru, porque quando foi visto pela cunhantã tinha parecência com moreia. No começo, teve dificuldades de adaptar-se aos costumes da terra. Mas, para sobreviver, teve que vencer cismas e repugnâncias. Os tupinambás tinham prazer em ver Diogo servir-se de seus banquetes antropofágicos, quer dizer: banquetes onde se comia carne de humanos. Era a prova maior de lealdade que ele podia dar. Depois de anos, as relações entre ele e os tupinambás estreitaram-se de tal forma que todos lhe deviam cega obediência. Em sua alma, nunca se acendeu o desejo de desbravar os sertões onde os índios diziam existir grandes tesouros de ouro e prata. Despossuído de ambição, ainda assim, formou riqueza sem tamanho intermediando negócios de pau-de-tinta entre Brasil e França. Por conta do comércio, Diogo, fez amizades que lhe renderam prestígio e fama. Por isso, em 1528, recebeu convite de Jacques Cartier, desbravador do Canadá e pessoa de

destaque no mundo dos negócios de além-mar. O convite fora feito só para que a dita índia Paraguaçu, sua companheira, recebesse os benefícios do batismo, sacramento que não existia ainda por aqui.

Depois de preparativos quase às escondidas, chegou o dia da partida. Quando a embarcação recolheu as âncoras e fez-se ao mar, levando Diogo e sua amada, as mulheres com quem ele havia procriado e outras mais que por ele nutriam desmedido afeto lançaram-se nas águas em desespero, seguindo a nau, num gesto de paixão sem limites. Uma delas, dita Leonor, perdeu a vida afogada nas ondas do mar enfurecido que se jogava contra as pedras, levantando cortina de espumas na praia. Em versos, Durão canta assim a tragédia:

*Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida cor, o aspecto moribundo
Com a mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desce o profundo:
"Ah! Diogo cruel!" Disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.*

Indiferente às dores das mulheres que ficaram pranteando a praia, Diogo partiu, dando a impressão de que nunca mais haveria de voltar para o convívio daquele povo a quem se impôs e com quem se habituara a viver, havia já 19 anos.

A viagem aconteceu durante o reinado de Francisco I, casado com a rainha Cláudia, Duquesa da Bretanha.

Depois de meses singrando mares revoltos e enfrentando perigos, o moço e sua amada chegaram à França, seu destino. Um mundo que Diogo já conhecia e do qual Paraguaçu não tinha a menor ideia. A cerimônia de batis-

mo da princesa-cabocla aconteceu num lugar dito Saint Malo, no dia 30 de julho de 1528. A madrinha foi Catherine des Branches, mulher do próprio Jacques Cartier.

Paraguaçu não falava português. Só tupi, a língua geral do Brasil. Essa particularidade a tornava mais atraente ainda. Todos queriam vê-la e presenteá-la com joias, perfumes, sedas e outros objetos de valor que ela desconhecia. Embora vivesse nas selvas, a princesa-cabocla mostrava-se desenvolta e distinguia-se também pela apresentação de alguns hábitos refinados que a todos causavam admiração. Mesmo tomada de surpresa com um mundo que não imaginara existir, não ficou estarecida e soube conter-se diante do que seus olhos viam.

Depois de batizada, a índia passou a se chamar Catherine du Brésil ou Princesa Catarina Caramuru. Terminadas as festas, que atraíram príncipes e princesas, condes e condessas, contam as narrativas do povo que um Pavão-Misterioso trouxe a princesa-índia de volta para as terras desse mesmo Brasil. Imaginação do vulgo. Rezam os documentos que Diogo negociou a troca de uma nau de bens de consumo e ferramentas com um carregamento de pau-de-tinta e na mesma embarcação voltou com sua Paraguaçu, agora chamada Catarina.

Na chegada, o casal foi recebido em festa. Todos queriam vê-los novamente. A partir daí, Diogo manteve-se fiel à Catarina com quem teve quatro filhas: Ana, Genebra, Apolônia e Grácia.

Pedido do Rei

Muitos anos depois, o Rei de Portugal, D. João III, resolveu mandar um nobre de Sua Casa chamado Tomé de Sousa para ser Governador-Geral daquele Brasil, que estava abandonado e quase entregue a piratas franceses

que já se sentiam até donos das terras, tantas eram as riquezas que daqui levavam.

Informado de que Diogo Álvares Caramuru era o único branco morador do Brasil havia já 40 anos e grande era seu prestígio com os habitantes da terra, o Rei de Portugal escreveu-lhe uma carta, pedindo que acolhesse Tomé de Sousa. O governador carecia de proteção e de um adjutório para construir a primeira capital a ser chamada Salvador. A ordem foi cumprida. Quando o nobre e sua comitiva chegaram foram recebidos com honras e festejos por Diogo e Catarina, em Vila Velha, Bahia, onde o casal tinha edificado lugarejo habitado por muitos índios. Em 1º de maio de 1549, Tomé de Sousa começou a construir a cidade de Salvador, que seria a primeira capital do Brasil.

Em companhia de Tomé de Sousa, veio Garcia d'Avila. Tinha 21 anos. Era moço-fidalgo ambicioso e decidido.

— Quer ouvir sua história?

Tatuapara

A Casa da Torre era uma fortaleza erguida em pedras. Tinha os olhos voltados para a grandeza do mar e as portas abertas para terras sem fronteiras: o Mundo-Sertão. Quem nela pôs a primeira pedra foi o dito moço chamado Garcia d'Avila. Ele não chegou aqui pelos acasos do destino, como sucedeu com o naufrago Diogo. Veio na caravana de Tomé de Sousa, composta de seis embarcações. Nelas, além do Governador-Geral, vieram alguns missionários, entre eles, Padre Manoel da Nóbrega, e muitas pessoas com cheiro de nobreza e sangue hebreu. Homens de arma somavam 600. Banidos, sei lá quantos, talvez uns 400...

— Criminosos?

– Não! Sentenciados, apenas. Pessoas que tinham cometido pequenos delitos, cuja pena fora substituída por degredo nos trópicos.

Cuido que nem todos vinham com o propósito de construir capital e defender terras tão cobiçadas por gente de França e Holanda. Não há dúvida de que a maioria deles veio mesmo foi com interesse em fazer fortuna, já que Portugal era terra de futuro minguido para quem nada ou quase nada possuía.

Depois de longa travessia, finalmente, a caravana de Tomé de Sousa chegou a Bahia, em março do ano da graça de 1549. Quando o moço Garcia pôs os pés nas terras daquele Brasil, os olhos encheram-se de brilho e ambição, vendo a fertilidade dos solos e as riquezas de um mundo sem fronteiras. Gostou tanto do que vira que, naquele momento, tomou a decisão de ficar morando para sempre aqui. E ficou mesmo! Abasileirou-se de tal forma que não demorou a misturar seu sangue tingido de azul com a morenitude tropical que encantava olhos europeus. As mulheres nativas eram só beleza! Do corpo, nada escondiam. Puras, em sua virgindade selvática, facilmente entregavam-se aos brancos-colonizadores, restando presas a eles por vínculo de família. Por isso, em questões que envolvessem as duas etnias, elas sempre se posicionavam ao lado do branco-invasor.

Protegido do governador, aos vinte um anos de idade, Garcia d'Avila assumiu logo as chaves da Alfândega, cargo que só era entregue a pessoa da mais elevada confiança.

Garcia, não temeu pegar em armas para ajudar na defesa da capital contra os ataques de corsários familiarizados com a indiada.

Dizem até as más línguas que o moço-fidalgo era filho bastardo do governador. Quem sabe era mesmo!... Mas, certeza mesmo ninguém tem. São coisas que dizem...

Numa cidade em construção, encarregado do almoraxarifado, mesmo sendo protegido do governador – justiça seja feita – Garcia trabalhava incansavelmente. Mas não nascera para executar tarefas de governo. Ambicioso e visionário, seus olhos enxergavam horizontes mais vastos e promissores. Queria desbravar o Mundo-Sertão. Começou requerendo sesmarias de terras próximas à Baía de Tatuapara, lugar onde decidira se estabelecer. Aos poucos, tanto ele como seus descendentes foram ampliando seus domínios e alargando suas fronteiras sertão adentro.

Dois anos depois de chegar aqui, em 1551, Garcia d'Avila ergueu o que chamou de Torre de São Pedro de Rates. Era uma construção de taipa e madeira, paredes rebocadas por dentro e por fora utilizando mistura de calça com pó de mourisco. Além de casa de residência, a Torre servia também para vigiar perigos que vinham do mar. E eram muitos! Para maior segurança contra ataques de índios, protegeu a construção com cerca pau-a-pique. Depois, ergueu o solar e a capela. Só em 1624 é que o Castelo da Torre foi construído por seu neto, Francisco Dias d'Avila Caramuru.

A fortaleza chamava-se Casa da Torre ou Morgado da Torre. Morgado era um regime jurídico português que consistia na proibição de vender ou partilhar terras herdadas, devendo sempre a sucessão recair sobre o filho mais velho ou primogênito. Morgado era também o nome da propriedade e do titular do direito sucessório.

Reação dos nativos

Terra conflagrada, aquele litoral baiano! Vendo seus domínios invadidos, os índios reagiram com violência, sendo rechaçados cruelmente pelas armas de fogo dos brancos, muito superiores às suas flechas. Silenciosas,

elas não metiam medo como o tiro do canhão ou do mosquete, que estrondava, pondo em desespero e fuga a índia desprotegida e sem direito algum. Quando os índios se rebelavam, Diogo sempre os aquietava, mas não gostava do procedimento de seus compatriotas-cristãos que agiam com falsidade, mentira e crueldade. Havia até religiosos que possuíam várias concubinas. Por tudo isso, era comum encontrar cabeça de português espetada em estaca na entrada de algumas aldeias mais arredias.

Valor do gado

Naquele Brasil-menino, dinheiro era coisa rara. Quase todas as obrigações, inclusive salários, eram pagos com bens. Depois de dois anos, Garcia d'Ávila recebeu duas vacas como pagamento de proventos atrasados. Gado era tudo o que aquele moço ambicioso queria. Na época, uma rês valia fortuna, porque rápido se multiplicava. Invasor imbatível, remoendo pastagens ricas em proteína, o boi avançava, ocupando espaços vazios e também os territórios indígenas. Percebendo a escassez da carne de boi, seu elevado preço e o aumento da população, Garcia d'Ávila mandou a caravela Galga buscar sementes de gado nas ilhas de Cabo Verde. Operação complexa. Algumas reses chegaram a morrer na travessia. As que sobreviveram, mal andavam. Soltas nos campos, clima e pastagens abundantes em proteína logo recuperaram peso e brilho do pelo. Depois de alguns anos, Garcia d'Ávila já era dono de extensas terras e de tanto gado que nem ele mesmo sabia o número.

Cumprida a missão de que fora incumbido, Tomé de Sousa transferiu o governo para Duarte da Costa e voltou para Portugal em 1553, mas antes de partir cuidou de ajeitar mais ainda a vida de seu protegido, concedendo-lhe privilégios, vantagens e recompensas por

conta do sangue, talvez... E também em gratidão por sua fidelidade e dedicação. A única filha de Tomé de Sousa morrera na África, antes de ele voltar para Portugal. Por esta razão, Garcia d'Ávila tornou-se sucessor dos bens que o Governador-Geral deixou no Brasil. Riqueza atrai riqueza – dizem.

A Colônia era terra falta de mulheres. Embora os índios se mantivessem arredios por não confiarem nos brancos, que sempre os traíam, estes não tiravam os olhos das caboclas. Tez morena, cabelos longos e pretos, as únicas fêmeas existentes na terra invadida. Garcia d'Ávila não fugiu à regra. Acabou se maridando com uma indiazinha tirada da casa dos pais. Antes de desposá-la, batizou-a com o nome cristão de Francisca Rodrigues. Com ela, teve uma filha, em 1553. Levou-a à pia batismal com o nome de Izabel D'Ávila. Dono de poderes de governação iguais aos do Estado, o Senhor da Torre, além de muitos escravos negros, possuía estaleiros, olarias, minas de salitre e algumas aldeias de índios forros que lhe deviam obediência e sujeição. Apesar das raízes indígenas de sua filha Izabel, não vacilava em castigar e até matar índios rebeldes. Nada podia servir de obstáculo à sua ambição sem limites de expandir currais de gado e multiplicar sua fortuna.

O sistema de propriedade privada da terra, dos bens de fôlego e de raiz introduzido pela Casa da Torre desestabilizou os índios que eram habituados a viver em comunidades onde tudo era de todos. O esforço para mudar seus hábitos e inclinações produziu ressentimentos e abriu espaço para vinganças. Izabel casou-se com um moço chamado Gil Vicente. Não demorou seu marido ser morto por flechas que lhe vararam o corpo, em ato de emboscada e vingança. A jovem dona de riqueza sem tamanho, filha única de Garcia d'Ávila, não demorou viúva. Casou-se em segundas núpcias

com Diogo Dias, neto de Diogo Álvares, o náufrago, e de sua mulher, a princesa-índia Catarina Caramuru, a mesma que, em grande festa, fora batizada na França. Eis aí como se ligaram em sangue as duas famílias: Ávila e Caramuru.

Terra sem fronteiras

A Casa da Torre expandiu tanto suas possessões, que se tornou o maior latifúndio do mundo. Era também a maior instituição feudal que já existiu nas Américas. Suas terras, que em extensão correspondiam aos territórios de Portugal, Espanha, Holanda, Itália e Suíça, juntos, eram vigiadas por vaqueiros espalhados em quase duzentas tendas, currais ou fazendas. Começavam no Maranhão, margeavam a maior parte do São Francisco, penetravam no Pajeú e chegavam até os sertões da Paraíba do Norte. Tinham 260 léguas de extensão. Um mundo!

Garcia d'Ávila finou-se em 23 de maio de 1609. Não possuindo primogênito, foi sucedido por seu neto, Francisco Dias d'Ávila Caramuru, filho de Izabel. Herdeiro das colinas de Tatuapara e de terras sem beira, Francisco ajudou a expulsar os holandeses que haviam invadido Salvador em 1624. A Casa da Torre, ambiente dotado de riqueza e luxo, possuía porcelanas, pratarias, joias, capelania e orquestra de pardos. Protegida por corpo de guarda composto de escravos e índios, a Casa da Torre é um exemplo de privatização do poder.

Sucedeu Francisco Dias d'Ávila na Casa da Torre, seu primogênito, Garcia d'Ávila, que recebeu o nome do bisavô.

Foi aquele regime de sucessão conhecido por Morgado, que possibilitou a continuidade da cadeia-familiar dos Ávila e manteve a estrutura patrimonial sólida e fortalecida durante três séculos. Nove Morgados sucede-

ram-se por quase 300 anos de domínio sobre os sertões. Ao longo dos tempos, ora a população via os Senhores da Casa da Torre em harmonia com os missionários, ora destruindo igrejas levantadas pelos religiosos em suas possessões. Nos lugares mais distantes, é possível ainda hoje encontrar sítios com nomes daqueles senhores feudais alimentados da maior ambição. No distrito de Bonfim, município de São José do Egito, há uma propriedade chamada Garcia. Com certeza, era lugar que ficava dentro dos domínios da Casa da Torre. Por isso, ganhou o nome do antigo dono.

A Casa da Torre foi palco de histórias incríveis e incidentes nunca revelados. Um deles revestiu-se de tanta gravidade que assumiu proporção de escândalo e tornou-se público. Na sequência de sucessores, governava o Morgado, Francisco Dias d'Ávila II. Sua irmã, Leonor Fogaça, ficou viúva e mudou-se para a Casa da Torre com duas filhas menores de idade, Leonor Marinho e Izabel d'Ávila. A mais nova, Izabel, herdara o nome de sua tataravó, a filha única do velho Garcia. No castelo, cresceram em ambiente de nobreza e requinte. Não era fácil aproximar-se da intimidade dos que habitavam a Torre de Tatuapara. Acontece que um moço de origem obscura conseguiu fazer amizade com o próprio Francisco Dias d'Ávila e por conta da confiança de que desfrutava do Senhor da Torre, tinha acesso às dependências e aos familiares. Seu nome era Manuel Pais da Costa. Para surpresa de todos, no dia 2 de janeiro de 1678, mal haviam se encerrado as festividades de Ano Novo na Torre de Tatuapara, Manuel rapta Izabel, que tinha apenas 15 anos. A menor levou em sua companhia duas escravas que participaram da trama. Até aí, a questão podia muito bem ser vista e tratada como imaturidade da moça e sedução do raptor. Mas, o caso teve outras conotações e desdobramentos. O que realmente feriu mortalmente o

brio da família Ávila foi uma atitude surpreendente de Izabel, uma conduta reprovável em todos os sentidos, reveladora de péssimo caráter da jovem, que se distanciava completamente dos padrões de nobreza da família. Ao fugir, Izabel furtou elevada soma de dinheiro e quantidade enorme de joias de família, que valiam uma fortuna. Tudo estava muito bem planejado. Ao deixar a Torre em cavalos da estribaria, o casal refugiou-se na casa de pessoa rica e poderosa que certamente alimentava inveja dos Ávila e lhes fazia oposição política. Tão logo chegaram à casa da família Barros de França, o casal foi acompanhado por homens armados e seguiu para Salvador, onde dez dias depois o casamento da menor foi celebrado no Mosteiro de São Bento, sem autorização da mãe e contra sua vontade. O rapto transpôs a dimensão familiar e assumiu caráter político, por causa do envolvimento de diversas autoridades que se tornam cúmplices do caso. Além de furtar as joias de família, Izabel pretendia receber a legítima paterna, já que seu pai havia falecido anos atrás. Percebendo o perigo que esse precedente abria para a continuidade do Morgado, que nunca havia sofrido quebra, Catarina Fogaça casou Leonor, sua filha mais velha, na época já maior de idade, com seu tio Francisco Dias d'Ávila II, Senhor da Casa da Torre, que tinha 31 anos. Com essa providência, Izabel e seu marido perdiam todos os direitos à sucessão, restando deserdados. Manuel, o raptor da menor, depois de longa batalha jurídica, foi condenado a degredo e a pagamento de pesadas multas.

Negros e bugres

Não podendo se fazer presentes nas duzentas fazendas que possuíam, os Senhores da Casa da Torre nomeavam procuradores que tratavam diretamente com os

arrendatários das terras. Para impor sua autoridade, os procuradores da Casa da Torre usavam todo tipo de arbitrariedade.

Entre os rendeiros, destacou-se nos sertões de Piancó e Piranhas, Domingos Jorge Velho, um homem que tinha prazer em judiar com índios e negros.

— Quer ver só as maldades que ele fazia nos nossos sertões? Ouça então mais uma história:

Calixto do Pé da Serra era pai do negro Félix da Demarcação, um dos vaqueiros mais espertos que as terras do Piancó já viram nascer, crescer e quebrar pau nas caatingas daqueles sertões brabos da Paraíba do Norte. Tinham parentes na vila dos Sucurus, região dos Cariris Velhos. Vez por outra, os dois vaqueiros afros apareciam por lá e quando apareciam, costumavam fazer grande despesa em falação. Negros de origem moçambicana, altos, magros, afilados, contadores de histórias e histórias que pareciam não ter mais fim, tanta era a riqueza de detalhes fornecidos.

Diziam eles que o trisavô tinha morado e lutado nos Palmares, de onde, só por milagre escapara com vida. Desde o tempo do negro-velho, que se finou passando dos cem, esse relato vem sendo contado pelos descendentes.

Quando me sentei diante de um deles para escutar suas histórias, o preto começou dizendo: — Escute, pois, seu moço, este acontecido que de fato sucedeu:

Um dia apareceu, vindo parece que lá das bandas de São Paulo, um sujeito que gostava muito de judiar com as criaturas de Jesus. Era alto, nem branco, nem pardo, barbas longas, chapéu de abas grandes, uma delas quebrada de um lado só, roupas recobertas com uma sobrecapa feita de couro de veado, espada na cintura, cartucheiras cruzando-lhe o peito, trabuco na mão direita e chicote preso aos apetrechos da montaria. Dizem que ele gostava de fazer uso

do dito chicote para chicotear quem ousasse não obedecer-lhe as ordens. Andava cercado de um exército de índios aliciados para os serviços de guerra que contratava com autoridades do governo e com Francisco Garcia D'Ávila, dono da Casa da Torre, na Bahia, de quem o tal indivíduo era rendeiro e, a mando de quem e mediante paga, fazia as vezes de procurador, capataz e matador de bugres.

Devagarzinho, veio vindo das terras paulistas, passou uns tempos na Bahia, ajudou Domingos Afonso Sertão a desbravar os esquisitos sertões do Piauí, depois se achegou mais um pouco, montando fazenda de gado no São Francisco, em terras arrendadas do mesmo Garcia d'Ávila. Quando pensa que não, lá está ele pisando os nossos paraibanos sertões de Piranhas a Piancó. Não demorou a espalhar perversidade a mando dos homens-grandes da terra. Eles governavam esse Mundo-Sertão e nele mandavam em tudo, sem esbarrar nem diante das leis, que só prestavam e eram obedecidas, quando a eles em tudo favoreciam.

Não se espante com essas coisas não, moço, porque naquele tempo o Brasil ainda era bem dizer uma criança nas mãos de gente muito esperta e ambiciosa. Verdade seja dita.

Ah, sujeito perverso dos seiscentos diabos aquele! Parece até que andava com o satanás na cacunda.

Mameluco, tetraneto de índio, mas de índio ele não gostava de jeito nenhum, a não ser para explorar os que eram guerreiros e se entregavam aos prazeres de participar das festas de violência que ele costumava aprontar.

Dizem que quando precisava parlamentar com alguém importante carecia levar a tiracolo pessoa de nossa fala, pois, apesar de ter nascido nesse Brasil de todos nós, mal falava a língua dos brancos que ainda hoje aqui se fala.

Como naquela época os índios tinham entrado em guerra com fazendeiros que estavam cuidando de tomar

suas terras para criar gado, o dito sujeito, sendo muito perverso, foi logo contratado a peso de ouro para espantar a indiada toda.

Que espantar que nada, seu moço! Cuidou logo foi de matar meninos, mulheres, rapazes, homens-feitos e até anciãos. De suas mãos, ninguém escapava. Bastava ter olho preto e cabelo de índio, morar em aldeia ou coisa parecida. Andou andando muito pelos altos sertões da Paraíba, mas acho que não chegou a pender para esses Cariris Velhos, causa que os índios da banda de cá, ditos tapuias, eram tão arredios a ponto de nem terem notícia certa da tal rebelião.

As matanças dele, digo, do bandeirante, caíram mesmo foi em cima dos janduíis, povo danado de feroz que morava lá para o lado das terras potiguaras.

Um dia, protegido por alguns soldados que o próprio Governador-Geral pôs à sua disposição, o desgraçado tomou de assalto uma aldeia potiguara e matou todos os índios degolados. Eles pegavam os bruguelinhos, jogavam para os ares e aparavam com a ponta das espadas, só pro mode sentir o prazer de ouvir o choro dos bichinhos inocentes, que de fato eram, causa que nem ainda tinham assentado a sola dos pezinhos no chão desse mundo de pecadores malditos. Só nesse dia, mataram pra mais de duzentos. Inda saíram foi satisfeitos como se tivessem dado fim a um magote de bichos-brutos do mato, sem nenhuma prestação para viver. Pior de tudo é que receberam louvação de um satanás de um bispo chamado Dom Manuel da Ressurreição, que se assentara na cadeira da governança-geral, causa que o governador tinha baixado à sepultura pro mode uma doença que deu lá nele chamada bicha. Credincruz!

Esse homem de quem lhes falo, passou cerca de vinte cinco anos embrenhado pelos sertões nordestinos, só acabando de acabar com as sementes de índios rebelados que por aqui restavam.

O moço não sabe que todo mundo que é ruim pega fama? Foi isso que aconteceu com ele, digo, com o bandeirante paulista que veio de encomenda só para obrar mal nesse Brasil da Paraíba.

Sua perversidade e matança agradaram tanto aos homens lá de cima, que eles, os ditos governantes, mandaram chamá-lo para dar cabo aos desgraçados dos negros, aqueles que, fugindo dos açoites da escravidão, tinham se escapulado durante a guerra contra os holandeses e aquilombaram-se nos Palmares, muitos anos atrás.

Dizem que lá nos Palmares tudo era beleza! Dava até gosto de ver tanto cuidado com as criaturas humanas, com os bens de raiz e de fôlego. Ninguém lá não passava fome, não, nem vivia debaixo do chicote, nem era ferrado na taba do queixo feito bicho de quatro patas, a menos que já chegasse lá ferrado, como às vezes sucedia chegar.

Terra abençoada de homens pretos com liberdade de branco que eles mesmos conquistaram, derramando o próprio sangue! Moço, tenho certeza de que Deus morava lá nos Palmares!

Rei Zumbi sabia mandar e dividir com justeza o que lá se produzia, de modo que fome naquele lugar abençoado nunca se ouviu falar, existindo mesmo era grande fartança de legumes, cereais e sobejação de diversos outros gêneros de comidas.

As coisas andavam bem direitinhas, tudo de acordo com a vontade de Deus Nosso Senhor, até que um dia — isso sucedeu em 1695 — mandaram o tal indivíduo, chamado, com licença da má palavra, Domingos Jorge Velho, atacar e, dessa vez, arrasar mesmo o quilombo dos coitados dos negros fujões, de quem nós dois temos linhagem direta. Longe, mas temos.

Aí encheram a cabeça do sujeito — muito ambicioso — com a promessa de que se tornaria senhor e único dono de todas aquelas terras dos Palmares, caso destro-

nasse Zumbi e acabasse de vez com aquele ajuntamento de pretos fedorentos, rebelados. O certo é que, em pouco tempo, ele e outros mais, todos bem servidos de canos de fogo, com munição de boca e de arma e ainda recebendo pagas, deram fim a quantos moravam lá. Só escaparam mesmo os que tiveram a dita de fugir. Foi o que fez o negro-velho que gerou nosso tataravô e deu descendência a nós dois. Contam que aquela foi a maior matança de pretos que já se viu falar neste mundo-de-meu-deus. Contam também que os urubus ficaram enjoados de tanto comer carne de humanos. Devem ter ficado mesmo!

— Me diga, pois, seu moço, a vida dos mais fracos não é mesmo uma desgraça?

Mas, como Deus é justo, houve por bem mandar uma atrapalhação, quero dizer, um castigo vindo dos céus feito fosse um raio caindo em cima da cabeça do maldito exterminador de gente humana. Logo que ele acabou de acabar com o Quilombo dos Palmares, matando quase todos os pretos que nele viviam, os antigos fazendeiros começaram a chegar às suas terras para retomá-las, cada um trazendo na mão um taco de papel com letras e carimbação, provando serem eles os legítimos donos de todo aquele mundão de terras férteis e bem cultivadas pelos pretos. Aí o desgraçado do bandeirante paulista ficou foi sem nada, com uma mão na frente e outra atrás, como se diz, pois tinha realizado completa gastança de toda a sua fortuna naquela maldita empreitada. Não demorou muito, os homens do poder começaram a virar as costas para ele que tinha tido a desdita de perder todos os possuídos que possuía.

O certo é que o dito matador de índios e de negros, arruinado e também amolecido pela idade, veio esconder-se nas terras do Piancó, na Paraíba do Norte. Lá, sozinho e abandonado, passando dos 90, morreu de desgosto, se a memória não me falha, em 1705. Mesmo no leito de morte, ele não conseguia sequer ter remorso e, na sua soberba

tamanha, não se curvava para pedir perdão aos céus pelos pecados de matança de tanta gente humana que andou matando. Pior de tudo: morreu sem receber os benefícios do sacramento.

Se alguém ergueu tumba para ele, que foi tão rico e poderoso, não sei, não. Mas se lhe fizeram alguma lápide, com certeza, resta abandonada na entrada de alguma caverna escura, rodeada de urtigas e alastrados, vigiada por caranguejeiras peçonhentas, lacraus-rabo-de-tesoura e morcegos, daqueles bem grandões que bebem de uma só vez todo o sangue de um vivente vivo. E, ainda, o dito lugar deve passar dia e noite tocaiado por serpentes escamosas com guizo na ponta do rabo e gatos pretos com unhas finas mode asunhar, só esperando alguém sem juízo ter o desplante de sair de casa à procura dos restos mortais de criatura tão infame pelos crimes que cometeu.

Falo nele assim desse jeito, sem dar nem um respiro, e descareço dizer que de gente desse tipo ninguém deve ter pena não.

Que sujeito tão maldiçoado aquele! Vote!

Canto Terceiro
Depois do fim

*Resistir quando todos desistem.
Resistir sempre.
Clamar no deserto. Clamar pelo deserto.
Gilberto Freire*

QUANDO PARTI madrugada-manhã, Mundo-Sertão era um sem-fim banhado de luz. Aos poucos, o sol foi declinando e nada mais restou da luz do dia. O que seria de um caminhante não fossem as estrelas? No acontecer da noite, ouço pegadas de silêncio. Escuridão aproxima e distancia, assusta e aquieta criaturas. Esforço-me para distinguir o vivo do morto, o perto do longe, o chão do abismo. Procuo o que se oculta e nada vejo. Vultos dão passos e barulham feito fossem realidades vivinhas. Sombras parecem ser e não são. Iludem e assustam, apenas.

Cheguei até aqui e não devo ir em frente. Já não enxergo o que está por trás das serranias e além das curvas do meu caminhar. Fitando horizontes, contento-me. Limitação minha, bem sei. Se você quiser ir, vá mesmo! Tem chão...

Como as águas de um rio, o tempo me arrasta. Em meio à correnteza, agarro-me a pedras, troncos e raízes. Careço de forças. Resistindo, fico.

— Mudanças? Acontecem! Boas e más. É sempre assim. Progresso avança que dá até medo. Parece que o povo quer ficar mesmo é sem Sertão. Faz pena!...Chega me governa tristeza de ver tantos inimigos da natureza e profanadores da cultura. O que é nosso tem essência, raízes. Pode morrer não!

Navegue e salve na mente o que seus olhos conseguem ver. Quem sabe este é o último dos tesouros!...

Desatento, povo esquece o que ouve, vê, pisa e toca. Predomina o virtual.

— Onde fica a Pedra do Tendol e a Serra do Mocambo?
— Sei não, mas chego lá...
— Não é que chega mesmo! Espaço distante, léguas acima, existe um gavião-peneira, olhos de vidro. Ele espreita a terra noite e dia e ensina os traçados do chão a criaturas distraídas que acharem de se perder em seus caminhos. Só não ensina mesmo é onde mora a sabedoria, que esta assiste na alma. Encantamento, emoção, criatividade só os possui quem pisa as terras do coração. Figuro que valem um tesouro.

Saia de si, cante, componha, represente, invista no belo. Comunique-se, utilizando os símbolos do Mundo-Sertão. Riqueza sem dono! A alma agradece alimentada pelo que a mente consegue enxergar. Transforme seus saberes em fazeres. Arte encanta olhos e ouvidos.

Insisto: não quero mesmo ir em frente! Careço de pernas caminhadeiras. Se você descarece, então vá e não alimente cismas! Perder-se nas caatingas é achar-se. Nem precisa mudar de rumo ou refazer caminhos. Todos eles dão surpresas. Conduzem a lugares onde gente humana nem viu, nem pisou ainda. Toque as rosetas de prata nas ancas de seu corcel alado e vença lonjuras. No contraven-to, sinta o cheiro cheiroso de terra molhada que vem de algum lugar, mas a gente não sabe que lugar é esse. Percorra todos os caminhos e seja responsável pelos sítios por onde passar. Cuidado é ato de amor. Transforme-se num guardião da natureza.

Mundo-Sertão só se mostra na medida em que é procurado. Varou eras ocultado e não reconhecido. É terra que dela ninguém sabe de antemão, é promessa, futuro, busca. Interrogação que pede interrogações. Um acontecer sempre acontecendo, um todo que nunca se completa.

Repare as pegadas dos dinossauros e reflita. Se não cuidar da terra, quem sabe, um dia, seremos vistos como seres sem história que se extinguiram!...

Faça leituras da vida nos lugares por onde passar. Só não leia nada ao pé da letra. Adianta não! Procure o que se oculta, o que está por trás da letra, nas entrelinhas ou além dos olhos, no meio do caos.

Não basta conhecer caminhos. Pense no que ficou para trás e anteveja o que virá pela frente. Estimo que saiba onde pisa e pense bastante no que faz.

Busque os afluentes. Cruze os rios. Transponha os montes, galgue o topo das serranias. Leve os saberes de uma banda para a outra banda. Seja mediador entre o céu e a terra, o ontem, o hoje e o amanhã; entre a aurora e o ocaso, entre o Mundo-Sertão e o Mundo-Mar. Compreenda o novo. Transite do oculto para o revelado. Interrogue. Desvende. Vá e volte muitas vezes. Leve e traga sem se cansar. Reconheça o valor de cada um animal-vivente: brutos e pensantes.

Vigie seus passos, que luzes alumiam e abismos engolem.

Grite. Denuncie as feridas da terra, o luto das águas. Esqueletos de arbustos queimados por mãos de humanos parecem exército de guerreiros que morreram sem tombar. Sim! Lute contra todos os desvios. Lute mesmo!

Veja a vida com inteligência e lembre-se de que o coração também enxerga. Ame o invisível, o que vem depois.

Procure o que se oculta dentro e fora dos seres, o que está em cima e o que jaz no coração da terra. Identifique as coisas que pertencem à natureza e as que são próprias do espírito. Mas não as separe, nem fragmente o todo.

Produza o necessário à sobrevivência. As sobras, estoque. Não desperdice, nem queira mais que o suficiente para o bem-estar seu e dos demais viventes. Conte-se. Basta o básico. Ganância e gula tiram da terra o que ela não pode dar. Devastam. Não fira a alma do planeta. Ele se revolta quando golpeado. Pelo andar das coisas, o

homem desagrada o solo onde pisa. Pode fazer isso não! Sabia? Por onde andar, faça opção radical pelas vidas e pela terra. Tudo o que vive precisa de vivimento. Tudo o que existe carece de existência. Mundo-Sertão quer vida. E vida quer mais vida. É conservando que acontece a multiplicação. Purifique-se e pregue a purificação de quem agride o meio e atinge a vida.

Solo mal cuidado se esgota. A Terra não pode ser depósito de tudo o que resta sem prestança nesse mundo.

Parta do simples. Depois chegue ao complexo. Evolua: matéria, vida, consciência. Saia do Planeta Terra, entre no Universo, penetre no Cosmo.

Escute. Escute sempre, que o Mundo-Sertão precisa ser ouvido. Ele tem o que dizer e contar.

Troque sem astúcia, compre e venda sem esperteza de cigano. Dê e receba. Não se aproprie do que os outros sabem ou criam. Compartilhe.

Mundo-Sertão é terra não-revelada. Nunca para, nem se estabiliza. Sobega e se derrama para quem nele pisa. Por aqui não existe sorte, nem azar. A vida simplesmente flui e, dessa forma, supre as carências dos seres, as necessidades do existir.

Estimular a diversidade é prova de amor ao Mundo-Sertão. Admirar a vida deve se tornar culto de todos os dias.

Se a gente grita, Sertão responde. Voz rouca de deserto. No meio das caatingas, admire as baraúnas. Raízes fincadas no solo, elas são as mães-pretas da terra. Robustas, atravessam séculos, desafiam os céus e nem ligam para a força dos vendavais. Belas são as barrigudas! Prenhas de seiva, símbolos de Fertilidade.

Aprenda o idioma do Mundo-Sertão. Nos arcaísmos, o sêmen da língua. Escute e aprenda o falar do povo. Usando palavras vetustas, você ganha poder sobre o passado.

Ande, ande mesmo! Um viajante não para. Mora nas estradas. Vive em busca do desconhecido. Está sempre em movimento. Seja um entre-mundos, um mascate de sonhos. Por onde passar, deixe seu rastro, sua identidade. Não desapareça nas asas do vento. Volte sempre! Dê notícias. Retorno é afeto.

Olhe o que fazem tangerinos e vaqueiros. Eles cuidam. Mundo-Sertão precisa de cuidados. De muitos cuidados mesmo!

— Comida? Carece trazer não. Por aqui, não faltam de-comeres.

— Água bebível? Tem, sim! Se preocupe não. Sede e fome ensinam onde há fartura.

Terra desconhecida às vezes dá temor. Mas tenha cisma não. Sertanejo acolhe, compartilha, derrama-se. Hospitalidade sobra. Basta bater que as portas se abrem. Aqui, a ninguém se nega mesa e teto.

Faça isso e volte alumiado.

Depois... Depois você me conta o que viu e ouviu aonde eu não fui. Quero saber tudo sobre os lugares que meus olhos não viram e onde meus pés não pisaram.

De volta, traga a matula cheia. Sente-se comigo nos alpendres do Mundo-Sertão. Ele é nossa casa, a Casa-Grande que nos serve de abrigo. Ela carece de cuidado e preservação. Aí, é só abrir a memória — a sua memória — que eu copio tudo e depois encaminho aos amigos que gostam de ouvir novidades-antigas do Mundo-Sertão.

Sem os céus do Sertão que me cobrem, o que seria de mim? Um ser desprotegido. Quem não sente falta do lugar onde nasceu torna-se vivente sem laços, sem elos, criatura que perdeu todos os desejos.

Meus passos encurtam. O que era para ser já foi. Gostaria de ter dito tudo e não disse quase nada. Deu tempo não. A gente vai indo, vai indo, de repente, o espinhaço da serra se quebra. Chão abençoado não deixa

vivente cair. Por sorte, quando um caminho finda, outro começa. Mundo-Sertão é assim mesmo: sempre tem saídas. Vai e volta, vai e volta e nunca se esgota e nunca se repete. Cada lugar é um lugar. Cada pessoa, uma criatura. Diversidade é riqueza.

— O que virá depois do fim? Sei não! Quem houvera de saber?...

Mordi o beijo do horizonte. Só vendo a imensidão que é para acreditar! Queria chegar lá, mas consegui não. Pode até ser que um dia alguém chegue.

Mostrei tiquinho. Quase nada mesmo. Figuro que tem mais, muito mais ocultado. É bem ali adiante, lugar não revelado ainda.

Não sei mesmo é lhe ensinar caminhos de volta.

— E tem?

— Cuido que não!...

Mundo-Sertão são histórias que não acabam mais. Parecem romances de fios fiados em fusos por avós-tece-lãs. Abra os baús e desoculte camadas do tempo. Tudo é novidade.

— Fim é começo. Sabia não?

Termino aqui. Conteí tudo o que me contaram e o que consegui enxergar. Tenho o que dizer mais não.

Nadinha!

— Gostou?

— Se?!...

— Então, deite falação e pode gastar franqueza.

— Quando?

— Agora mesmo! Estou esperando.

— Onde?

— Aqui:

pnunesfilho@yahoo.com.br ou (81)9296.9269

Bibliografia

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moriz. *O Feudo – A Casa da Torre de Garcia d’Ávila: da conquista dos sertões à independência*. Rio: Civilização, 2007.
- CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre – Uma dinastia de pioneiros*. Rio: José Olympio, 1958.
- CARVALHO, Rodrigues de. *Serrote Preto – Lampião e seus sequazes*. São Paulo, 1961.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Mouros, Franceses e Judeus – três presenças no Brasil*. Rio: Globo, 2001.
- KAUFMAN, Tânia Neumann. *Presença judaica em Pernambuco*. Recife: Edição do Autor, 2000.
- MAGNO, Geyson e Adriana Victor. *Encourados Inventário Fotográfico, Investigação Sonora e Registros...* Recife: Edição dos autores, 2006.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol – violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: Girafa, 2005.
- NUNES FILHO, Pedro. *Guerreiro Togado*. Recife: FacForm. 2ª ed., 2011.
- _____. *Cariris Velhos – passando de passagem*. Recife: Liber. 2008.
- PEIXOTO JÚNIOR, José. *Sobre o mundo*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- TAVARES, Napoleão. *Cariri Cangaço – Coiteiros e Adjacências*. Brasília: Thesaurus, 2010.
- TIBURI, Marcia. *Filosofia em comum*. Rio: Record, 2008.
- VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso – para uma leitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

